



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
CÂMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM  
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



**LEANDRO NENEZOKAE**

**A ETNOMATEMÁTICA NA CONFECÇÃO DE CESTOS  
DO POVO HALITI-PARESI**

**BARRA DO BUGRES-MT  
Março de 2025**

**LEANDRO NENEZOKAE**

**A ETNOMATEMÁTICA NA CONFECÇÃO DE CESTOS  
DO POVO HALITI-PARESI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, da Faculdade Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

**Linha de Pesquisa:** Ensino e Docência Intercultural.

**Orientador:** Prof. Dr. Adailton Alves da Silva

**BARRA DO BUGRES-MT**

**Março de 2025**

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.  
UNEMAT - Unidade padrão

N437e Nenezokae, Leandro.

A ETNOMATEMÁTICA NA CONFEÇÃO DE CESTOS DO POVO HALITI-PARESI  
/ Leandro Nenezokae. - Barra do Bugres, 2025.  
135f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes  
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-  
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus  
Universitário De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".  
Orientador: Adailton Alves da Silva.

1. Tecnologia Haliti-Paresi. 2. Etnociências. 3. Cultura  
Haliti-Paresi. 4. Fortalecimento e Inovação. 5. Ensino. I.  
Silva, Adailton Alves da. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 51-7(=1-82)

**LEANDRO NENEZOKAE**

**A ETNOMATEMÁTICA NA CONFECCÃO DE CESTOS DO POVO HALITI-PARESI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural na linha de pesquisa: Ensino e Docência Intercultural, da Faculdade Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

**Orientador:** Prof. Dr. Adailton Alves da Silva

Aprovado (a) em 31 de março de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **ADAILTON ALVES DA SILVA**  
Data: 25/04/2025 15:43:09-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva  
Orientador (UNEMAT/PPGECII)

Documento assinado digitalmente  
 **EDIVAGNER SOUZA DOS SANTOS**  
Data: 11/04/2025 21:52:25-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Prof. Dr. Edivagner Souza dos Santos  
Examinador Externo ao Programa (UNEMAT)

Documento assinado digitalmente  
 **KECIO GONCALVES LEITE**  
Data: 09/04/2025 20:22:35-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Prof. Dr. Kécio Gonçalves Leite - Examinador Externo  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

*Dedico este trabalho aos anciãos, pajés e artesãos pelas mobilizações de conviver com eles, que me propiciaram condições para fazer a pesquisa e construir ferramentas para apoiar e ajudar a difundir os saberes/fazeres do povo Haliti-Paresi para crianças, jovens e comunidades.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, minha mãe, Leonice Naizokero; meu pai, José Zoloizomae; meus irmãos, Ronilson Zanzokae, Josiel Ezonazokai e minhas irmãs, Roseli Kanezakenazokero e Sueli Anezokaero, por sempre estarem presente na minha trajetória acadêmica, pelo incentivo e apoio. Pessoas que sempre foram preocupadas comigo.

Gostaria de agradecer minha esposa e companheira Jane Zanizokeroce que sempre esteve comigo nessa jornada me proporcionando apoio e incentivo. E por tudo que me ajudou, em especial, com os cuidados aos meus filhos José Arthur Ekezomaece e Moara Anezokaeroce, que são pessoas que me motivaram muito para pensar e melhorar minha forma de viver e contribuir com a sociedade.

Também sou grato às minhas tias Luciana Nezokemaero, Nilce Zonizokemairo, Tereza Cristina Kezokenazokero e Ana Lúcia Maizokemaeroce por contribuírem comigo no meu conhecimento e no meu amadurecimento na vida. E também aos meus tios Carlito Okenazokie, Pedro Nazokemai e Maurilio Tuxi pelo incentivo e apoio, em especial ao meu tio Pedro, que me inspirou para me tornar professor e formar na área da matemática.

Dedico meu agradecimento à Cooperativa Hanama, Associação Enomaniyere e Secretaria de Municipal de Educação de Tangará da Serra – MT pelo apoio logístico e financeiro durante esse período de estudo no Mestrado. Sem esses parceiros seria difícil realizar o estudo e a pesquisa.

Grato aos colegas professores e alunos da Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre e suas salas anexas pela contribuição na minha pesquisa. E também às comunidades que fazem parte da escola. Essas pessoas foram fundamentais na pesquisa e na experiência desenvolvida nesse trabalho.

Meu agradecimento especial ao artesão Fernando Omoizokae e à artesã Deolinda Ezomaero por aceitarem participar das oficinas e contribuir com a pesquisa e experiência. O sr. Fernando e a sra. Deolinda foram a alicerce da pesquisa, sem os quais não conseguiria realizar este estudo e aprendizado.

Gratidão aos professores não indígenas que sempre me incentivaram, apoiaram e me provocaram para fazer melhor para meu povo, como a professora Hellen, Martinez, Elias e demais.

Minha gratidão a todos os professores e servidores do Programa de Pós-Graduação em Contexto Indígena Intercultural – PPGEICII da Universidade de Estado de Mato Grosso e minha turma na qual as colegas contribuíram comigo para pensar melhor.

Minhas considerações e agradecimentos aos Professores Doutores Kécio e Edivagner pela composição da banca de qualificação. Pela contribuição e análises feitas com muito cuidado pelo Prof. Kécio e pela contribuição do Prof. Edivagner para fundamentar mais a dissertação.

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador e ancião Professor Doutor Adailton Alves da Silva pelo estímulo, apoio, incentivo e ajuda. A pessoa que me guiou na área das ciências acadêmicas e na educação escolar indígena, em especial, na área da Etnomatemática. A pessoa que foi meu ancião desde a Graduação.

Por fim, agradeço minha avó Tarcila Konizokero e as pessoas que não estão mais aqui, meus avôs e minha avó. Essas pessoas foram importantes na minha formação cultural. E também não deixo de agradecer ao meu povo e todas pessoas que contribuíram comigo.

## RESUMO

A pesquisa, A ETNOMATEMÁTICA NA CONFECÇÃO DE CESTOS DO POVO HALITI-PARESI, desenvolvida na programa de Pós-Graduação em Contexto Indígena Intercultural da Universidade do Mato Grosso, foi realizada com os anciões, pajés, artesãos, aluno/as de Ensino Fundamental, Ensino Médio e comunidades na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre da Aldeia Cabeceira do Sacre na Terra Indígena Paresi – MT e na Sala Anexa Estivadinho na aldeia Estivadinho da Terra Indígena Estivadinho no município de Tangará da Serra – MT. Para essa pesquisa, adotamos a investigação de forma participativa buscando observar, entender e aprender o saber matemático do povo Haliti-Paresi nas confecções dos cestos. Nessa perspectiva metodológica, foram mobilizados os artesãos no processo de confecção dos cestos para os alunos da escola da comunidade, pois essa atividade corre grande risco de entrar em extinção para o povo Haliti-Paresi, pois a cada dia que passa essa prática está sendo deixada de lado pelos mais jovens. Para entender o saber/fazer que está em risco, foi reunidos relatos dos anciões, pajés, artesãos e consultas bibliográficas referentes a essa temática. Também foram realizadas três oficinas de confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti) para poder entender e criar as novas estratégias de fortalecimento da prática pedagógica através da pesquisa com interface no ensino do saber matemático do povo Haliti-Paresi. Com observação, aprendizado e o desenvolvimento dessa experiência investigativa pudemos sedimentar o pilar da educação escolar indígena, de forma a fortalecer a cultura do povo, ou melhor, foi possível fazer pequenos caminhos para ser fortalecido aquilo que faz parte da nossa vida e do nosso povo a partir da inovação dos conhecimentos. O caminho foi dar evidências dos conhecimentos através da escrita, o que foi feito nessa dissertação sobre A Etnomatemática na confecção de cestos do povo Haliti-Paresi desde sua origem, prática, experiência, complexidade e construção da nova estratégia.

**Palavras-chave:** Tecnologia Haliti-Paresi; Etnociências; Cultura Haliti-Paresi; Fortalecimento e Inovação; Ensino.

## HALITI JIYEHARE NOMAKA OMATI TAHI ETSEHA

Eye atyo omati nomaka tahi, mahalitihare nowaiyore kalore hiye nomakere. Eye omati nomaka tahi atyo kaomaka inityohalitinae, waidyatyare, tyomarezenae omati, zoimyanae, zoimyahalitinae, zoimyahalotinae malitihare zaotyakitsakala ako itxoterena, kanokwahalitinae Timalatia, kyeoro, Kolidiki iyerena kakwa. Waiyekehalaka maheta, ehkorezaho, ota hoka kazawaiyosityakeheta haliti omati nomaka hiye maheta, maeha maotyane maheta omati nomaka. Waiyekehalaka kaomaka, ehkorezaho zoaha maheta, inityohalitinae, waidyatyarenae, tyomarezenae omati waiyanaho katsemaka, malitihare kozaka witahi tyometerena hoto kawaiyaka hoka. Atyo zema hanamaki kaomaka abali, koche zoaha nomaka, hoka waiyekehalaka maheta omati nomaka tahi maheta waiyehenere, tsemehenre, tyomehenere zema eyena tyohenerena waiyore heta maheta omati. Eye atyo kaomaka matsakare kawaiyaka, kawahakotyaka hoka kawaiyoretyaka enomaka maheta kaomakitere zema. Atyo zema kaomaka malitihare nowaiyore aho waitare aho, hoka kazaiyatelikitsakeheta maheta omati eye inityohalitinae, waidyatyarenae, tyomarezenae mawaiyehareterena hiyeta. Hokotya atyo maeha zoimyahalitinae tyomehetere omati. Hatyo hiyeta iya Waiyehena malitihare waiyorene aho, zaidyatse aho mokokitere witso zema wawenare waiyaterekiheta. Kaomakehenere hiyeta atyo kawaiyaka waitare aho zema hiya witso kahotyaliharezenae waiyehena iya wawenane wotokazatya. Eye kaomakehenere omatinae kaotyakene hiyeta, enomaka tahi, ewaiyosityaka tahi kaomaka.

**Palavras-chave:** Haliti jiyehare, matse zolanawekwa tahi, Haliti nawenane, zaiyatelikitsaka, waitare aho; zaotyakiye.

## ABSTRACT

The research, ETHNOMATHEMATICS IN THE BASKET MAKING OF THE HALITI-PARESI PEOPLE, developed in the Postgraduate Program in Intercultural Indigenous Context of the University of Mato Grosso, was carried out with elders, shamans, artisans, elementary and high school students and communities at the Cabeceira do Sacre Municipal Indigenous School of the Cabeceira do Sacre Village in the Paresi Indigenous Land - MT and in the Estivadinho Annex Room in the Estivadinho Village of the Estivadinho Indigenous Land in the municipality of Tangará da Serra - MT. For this research, we adopted a participatory investigation seeking to observe, understand and learn the mathematical knowledge of the Haliti-Paresi people in the making of baskets. From this methodological perspective, artisans were mobilized to make baskets for students at the community school, as this activity is at great risk of extinction for the Haliti-Paresi people, as this practice is increasingly neglected by younger generations. To understand the knowledge and skills at risk, accounts from elders, shamans, and artisans were gathered, as well as bibliographical references related to this topic. Three workshops on making abali (apá) and koehe (buriti leaf baskets) were also held to understand and develop new strategies to strengthen pedagogical practices through research with an interface in the teaching of mathematical knowledge among the Haliti-Paresi people. Through observation, learning, and the development of this investigative experience, we were able to solidify the foundation of Indigenous school education, strengthening the culture of the people. Or rather, we were able to forge small paths toward strengthening what is part of our lives and our people through the innovation of knowledge. The path was to provide evidence of knowledge through writing, which was done in this dissertation on Ethnomathematics in the basket making of the Haliti-Paresi people from its origin, practice, experience, complexity and construction of the new strategy.

**Keywords:** Haliti-Paresi Technology; Ethnoscience; Haliti-Paresi Culture; Strengthening and Innovation; Teaching.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                     |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Mapa que mostra o território tradicional do povo Haliti-Paresi. ....                     | 34 |
| Figura 2 - Os alunos fazendo a avaliação na sala de aula.....                                       | 60 |
| Figura 3 - O professor Fernando Omoizokae explicando a metodologia da confecção.....                | 61 |
| Figura 4 - A armação do início da confecção de abali (apá).....                                     | 62 |
| Figura 5 - O andamento da confecção de abali (apá) .....                                            | 63 |
| Figura 6 - O encerramento da I oficina de confecção de abali (apá).....                             | 64 |
| Figura 7 - Confecção da primeira Koehe (cesto de folha de buriti) .....                             | 66 |
| Figura 8 - A aluna fazendo a confecção de Koehe (cesto de folha de buriti) .....                    | 67 |
| Figura 9 - Koehe (cesto de folha de buriti) pronta .....                                            | 68 |
| Figura 10 - Encerramento da I confecção de Koehe (cesto de folha de buriti) .....                   | 69 |
| Figura 11 - A entrega dos cestos aos alunos Ladison e Geneson.....                                  | 70 |
| Figura 12 - A numeração central da abali (apá).....                                                 | 71 |
| Figura 13 - A primeira confecção de abali (apá) na E.V.A com alunos(as) na aula de Matemática ..... | 71 |
| Figura 14 - Os alunos fazendo a prática da confecção durante a aula de Matemática .....             | 73 |
| Figura 15 - Os(as) alunos(as) fazendo a prática na terceira aula prática .....                      | 74 |
| Figura 16 - Imagens do primeiro dia da oficina .....                                                | 76 |
| Figura 17 - Os alunos com suas confecções .....                                                     | 77 |
| Figura 18 - A primeira parte de abali pronta.....                                                   | 78 |
| Figura 19 - O registro do dia com todos envolvidos .....                                            | 80 |
| Figura 20 - A confecção já colocada com argolas .....                                               | 81 |
| Figura 21 - Os cestos de abalinae (apás) prontos para uso .....                                     | 82 |
| Figura 22 - Iyola (Taquara-lixá) .....                                                              | 83 |
| Figura 23 - Os alunos com talos de taquara-lixá .....                                               | 84 |
| Figura 24 - O momento da abertura.....                                                              | 84 |
| Figura 25 - Momento do preparo das tiras .....                                                      | 85 |
| Figura 26 - O momento da concentração dos participantes.....                                        | 86 |
| Figura 27 - No momento da preparação das argolas .....                                              | 87 |
| Figura 28 - As argolas colocadas na confecção de tiras .....                                        | 89 |
| Figura 29 - Os cestos de abali (apá) prontos e momento de encerramento .....                        | 90 |
| Figura 30 - O local da retirada da matéria-prima .....                                              | 91 |
| Figura 31 - O momento da confecção das participantes.....                                           | 92 |

|                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 32 - A finalização da terceira oficina de confecção de koehe (cesto de folha de buriti) |    |
| .....                                                                                          | 92 |

## **LISTA DE QUADROS**

|                                                                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 - Artesãos vivos, suas localidades, os que estão em atividade e os que não estão mais na atividade mas estão vivos ..... | 93 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|             |                                                                                       |
|-------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| BNCC        | A base Nacional Comum Curricular                                                      |
| BR/364      | Rodovia Federal – 364                                                                 |
| COOPIHANAMA | Cooperativa dos Povos Indígenas Haliti-Paresi, Nambikwara e Manoki                    |
| DSEI        | Distrito Sanitário Especial Indígena                                                  |
| FUNAI       | Fundação Nacional dos povos Indígenas (até 2022 Fundação Nacional do Índio)           |
| LDB         | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional                                        |
| OPAN        | Organização Amazônia Nativa                                                           |
| PPGECII     | Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Em Ensino Em Contexto Indígena Intercultural. |
| RCNEI       | Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas                             |
| SEMEC       | Secretaria Municipal de Educação                                                      |
| T.I.        | Terra Indígena                                                                        |
| UNEMAT      | Universidade de Estado de Mato Grosso                                                 |
| UNOPAR      | Universidade Norte do Paraná                                                          |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                  |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                                        | <b>17</b> |
| <b>2. A CONSTITUIÇÃO DO EU E O TORNAR-SE PROFESSOR HALITI-PARESI.....</b>                                                                                        | <b>20</b> |
| <b>3. A ORIGEM DO POVO HALITI-PARESI.....</b>                                                                                                                    | <b>29</b> |
| 3.1 Após saída do interior da pedra, os primeiros haliti-paresi criam marcadores do tempo, regras da convivência e demarcam o território para suas gerações..... | 32        |
| 3.2 O processo de contato com não indígenas .....                                                                                                                | 34        |
| 3.3 O processo de educação escolar no povo Haliti-Paresi. ....                                                                                                   | 36        |
| 3.4 Atual organização do povo Haliti-Paresi e suas Terras Indígenas demarcados, delimitados e em estudos.....                                                    | 38        |
| <b>4. CAMINHOS E TRILHAS PERCORRIDAS NA PESQUISA .....</b>                                                                                                       | <b>40</b> |
| 4.1 Abertura das primeiras trilhas .....                                                                                                                         | 40        |
| 4.2 Metodologias específicas de três oficinas realizadas .....                                                                                                   | 46        |
| 4.2.1 Procedimentos metodológicos da 1º oficina pedagógica.....                                                                                                  | 46        |
| 4.2.2 Procedimentos metodológicos da 2º oficina pedagógica.....                                                                                                  | 49        |
| 4.2.3 Procedimentos metodológicos da 3º oficina pedagógica.....                                                                                                  | 52        |
| 4.3 Alicerces da pesquisa e experiência realizada.....                                                                                                           | 55        |
| 4.4 Produção de dados das oficinas realizadas nas duas confecções da tecnologia do povo Haliti-Paresi .....                                                      | 57        |
| 4.4.1 O Eheroware ensinando os primeiros netos Haliti-Paresi a confecção das cestarias do povo Haliti-Paresi .....                                               | 57        |
| 4.4.2 A descrição da execução da primeira oficina de Confecção dos Abali (apá) e Koehe (cesto de folha de buriti).....                                           | 59        |
| 4.4.3 A descrição de execução de confecção de Koehe (cesto de folha de buriti) .....                                                                             | 65        |
| 4.4.4 A conclusão dos primeiros cestos .....                                                                                                                     | 69        |
| 4.4.5 A teoria e prática realizadas com alunos antes da segunda oficina .....                                                                                    | 70        |
| 4.4.6 A Segunda Oficina - aldeia Estivadinho.....                                                                                                                | 75        |
| 4.4.7 A descrição da execução da terceira oficina da confecção de abali (apá) .....                                                                              | 82        |

|                                                                                     |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <i>4.4.8 Terceira Oficina da Confeção de Koehe (cesto de folha de buriti)</i> ..... | 90  |
| <b>4.5 Análises</b> .....                                                           | 93  |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                                                | 96  |
| <b>REFERÊNCIAS CULTURAIS</b> .....                                                  | 100 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                            | 101 |

## 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, realizo uma pesquisa de forma autoetnográfica com os alunos da Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre, na aldeia Cabeceira do Sacre - Terra Indígena Paresi, sobre A ETNOMATEMÁTICA NA CONFECCÃO DE CESTOS DO POVO HALITI-PARESI com o objetivo de compreender o saber matemático do povo Haliti-Paresi na confecção de cestos. Também para, a partir do processo de confecção dos cestos, criar novas estratégias com base na inovação dos conhecimentos tradicionais para fortalecer a cultura e o ensino da matemática do povo Haliti-Paresi nas escolas das aldeias Haliti-Paresi.

Para fundamentar e desenvolver novas estratégias para entender, aprender, fortalecer e ensinar, o primeiro passo realizado foi consultar anciões, pajés e artesãos para ouvir as histórias relacionadas à confecção de cestos, o risco de entrar o saber/fazer em descaracterização e ouvir a olhar dos artesãos sobre a arte e técnica de confecção de cestos. Posteriormente, foram realizadas as consultas bibliográficas para ter um alicerce que fundamentasse a pesquisa e para construir as estratégias para entender o saber matemático do povo Haliti-Paresi.

Com isso, a primeira oficina de confecção de cesto do *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti) foi realizada nos dias 19, 20 e 21 de setembro de 2023, na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre, na aldeia Cabeceira do Sacre - Terra Indígena Paresi no município de Tangará da Serra – MT. Os participantes da oficina foram alunos do Ensino Médio do 1º, 2º e 3º ano da turma multisseriada da Sala Anexa da escola “Malamalali”. Os(as) alunos(as) são das aldeias Cabeceira do Sacre, Estivadinho, Ityaotse e Kolidiki.

As oficinas foram ministradas pelo professor tradicional Fernando Omoizokae e professora tradicional Deolinda Ezomaero. O professor Fernando Omoizokae ministrou a oficina de confecção de *abali* (apá) e professora Deolinda Ezomaero ministrou a oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti). As oficinas foram realizadas para entender o ensino tradicional dos artesãos e compreender o saber matemático do povo Haliti-Paresi a partir do ensino dos artesãos. Com isso, nessa primeira realização, fui mais para ouvir, observar, praticar e analisar.

As oficinas oportunizaram apreender a técnica para criar as novas estratégias para fortalecer o saber/fazer. Para a segunda oficina de construção das estratégias, utilizei a experiência e olhar de D'Ambrosio (2022) no livro *Etnomatemática Elo Entre As Tradições E A Modernidade* e de Gerdes (2010) no livro *Geometria dos Trançados Bora na Amazônia Peruana* para reunir referências para a construção da metodologia de ensino do saber matemático do povo Haliti-Paresi. A partir dessas análises e com realização da primeira oficina,

fiz a descrição da confecção com base nas análises feitas. Isso ajudou as participantes entender a confecções dos cestos.

A partir disso, devido à mudança da turma, trabalhei três aulas com o saber matemático do povo Haliti-Paresi na confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti) com os alunos para ter noção e entendimento sobre a confecção de cestos. Para facilitar o saber matemático do povo Haliti-Paresi aos alunos, usei a descrição da epistemologia do povo Haliti-Paresi sobre cestos que fiz a partir da primeira oficina.

Com alguns imprevistos, a oficina foi realizada, mas iniciamos o encontro sem presença do artesão; somente na segunda metade da oficina tivemos a presença do artesão para explicar e solucionar as dúvidas sobre a técnica de confecção. Apesar das dificuldades, a segunda experiência foi realizada com muito aprendizado para todos participantes sobre o saber matemático do povo Haliti-Paresi na confecção de cestos de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti).

Após a segunda experiência realizada, fiz análises e reflexões com base nas referências acima citadas (Gerdes, 2010; D'Ambrosio, 2022). Para afirmar a construção da estratégia para realizar a próxima oficina com inovação do conhecimento a partir das experiências de não indígenas, foram explorados e referenciados os saberes matemáticos de outros povos indígenas e as práticas já realizadas por eles. Com essa base e análises, foi realizada a descrição e sistematização de duas confecções de cestos.

A partir disso, a última oficina foi organizada de acordo com experiência de Gerdes (2010), que fez a descrição epistemológica do cesto do povo Bora. Com esses fundamentos, foi descrita e sistematizada a confecção de *abali* (apá), e a oficina foi realizada sem a presença do artesão. Todos participantes tiveram a experiência e o aprendizado a partir da descrição e sistematização feitas. Com isso, nessa última experiência, foi trabalhado com as participantes todo processo de confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti).

As experiências realizadas no decorrer da pesquisa mostram que o saber matemático na confecção de cestos existia antes da origem do povo Haliti-Paresi. Com a origem do povo Haliti-Paresi, o saber/fazer foi repassado para Haliti dar a continuidade desses saberes e conhecimentos na terra. Porém, no mundo globalizado, o saber/ fazer está em risco de descaracterização.

Com a oportunidade da universidade, a pesquisa e experiência foram realizadas para desenvolver estratégias para inovar o conhecimento e fortalecer o povo enquanto o saber/fazer ainda está vivo através de ciência científica; e as escolas indígenas Haliti-Paresi sendo a ponte principal para ajudar a repassar este conhecimento para novas gerações. A perspectiva do estudo

foi ajudar a fortalecer e dar evidência da matemática do povo Haliti-Paresi na confecção de cestos.

Nesta dissertação, a segunda seção discorre sobre a biografia do autor. A terceira seção apresenta a origem do povo Haliti-Paresi e o processo de organização do povo no decorrer do tempo; na quarta seção são abordados os caminhos e trilhas percorridas na pesquisa no período do estudo de mestrado, e na última seção estão as considerações finais.

## 2. A CONSTITUIÇÃO DO EU E O TORNAR-SE PROFESSOR HALITI-PARESI

Para falar da minha vida e quem sou, começo com a organização da árvore genealógica da minha família antes da minha existência. Na história do povo Haliti-Paresi existem os subgrupos, seus dialetos e suas organizações interna nos subgrupos Katxiniti, Waimare, Enomaniyere e Warere.

Nessa organização, meu avô paterno Brito Kaezohezokae pertence ao subgrupo Enomaniyere. Ele e seu irmão mais velho ficaram sem mãe desde cedo, pois a mãe deles faleceu durante o parto e foram criados por seu pai. Desde seu nascimento, sempre viveram na região da atual aldeia Estivadinho, no município de Tangará da Serra, Mato Grosso, onde cresceram e tornaram-se grandes caçadores e cantores. Meu avô e seu irmão são lembrados até os dias de hoje por anciãos vivos pelas suas sabedorias tradicionais.

Minha avó paterna Luzia Kanaezekero pertence ao subgrupo Enomaniyere. Ela ficou sem mãe e pai desde pequena, a mãe faleceu durante o parto e o pai morreu no conflito com não indígena. Com isso, as três irmãs ficaram órfãs e foram criadas por tias e tios. Na época, elas nasceram e cresceram na região da atual Uirapuru, no município de Nova Lacerda, Mato Grosso. Ela foi trabalhadora tradicional e artesã de rede.

Ambos se conheceram e se casaram. E minha avó foi morar com meu avô na aldeia Wamololi, onde moram seu cunhado e seu sogro. A aldeia Wamololi está localizada próxima a aldeia Estivadinho. Já o cunhado de minha avó era casado também com a irmã mais velha. Atualmente, a aldeia Wamololi não existe mais. Meu avô e minha avó tiveram cinco filhos, duas meninas e três meninos. Meu pai, José Zoloizomae, é o quarto filho.

Meu avô materno, Aluisio Zaloinae é mestiço à questão do subgrupo, pois a mãe é do subgrupo Katxiniti e o pai é do subgrupo Enomaniyere. Ele ficou sem pai desde pequeno, quando o pai faleceu de doença. Com isso, a mãe o criou na regra e no olhar do subgrupo Katxiniti. Nascido na região do Rio Verde, ele cresceu naquela região.

Quando meu avô tinha oito anos, seu padrasto teve sua irmã. Alguns anos depois, quando ele estava na fase da adolescência, mudaram-se para perto de Pimenta Bueno, em Rondônia, para o padrasto trabalhar com seringa. Lá, teve sua primeira esposa não indígena e teve suas duas filhas.

Mas, a família nunca deixou de praticar a cultura. Após a perda de sua esposa, quando ele já estava adulto, o padrasto decidiu retornar para seu território. Com isso, meu avô também retornou para seu território, ele é trabalhador tradicional e dono da flauta-sagrada da família.

Minha avó materna Tarcila Konizokero é do subgrupo Enomaniyere, nascida na aldeia Kotitiko. Ela, suas irmãs e seus irmãos ficaram sem mãe e pai desde criança, a mãe e o pai morreram no conflito entre Haliti-Paresi. Por isso, foram criadas por tios e tias. Era uma família nômade, que percorria as regiões Nova Esperança e Kotitiko.

Quando ela cresceu, casou-se com um subgrupo katxiniti e teve suas duas filhas e dois filhos. Assim que ela casou, mudou para aldeia dos Katxinitis na região de Deciolândia. Após uns anos, o marido faleceu e ela retornou para região Kotitiko com seus filhos.

Meu avô e minha avó se conheceram adultos e viúvos. Se casaram e tiveram suas cinco filhas, minha mãe é a segunda filha do casal, se chama Leonice Naizokero. Meu avô e minha avó são casados até os dias de hoje. Criaram suas filhas na cultura do Haliti-Paresi, ambos têm respeito pela cultura do seu povo. Ele e ela foram trabalhadores tradicionais e desde seu retorno meu avô mora na aldeia Rio Verde, e após seu casamento com minha avó, continuaram morando na aldeia e criaram suas filhas na aldeia Rio Verde.

A família do meu pai sempre morou na região Estivadinho. Mas, bem no início de 1980, com a entrada dos fazendeiros, foram expulsos do seu território tradicional e forçados a mudar para a aldeia Kotitiko. Após algum tempo, mudaram para a aldeia Rio Verde. Ali, meu pai e minha mãe se conheceram ainda pré-adolescentes e se casaram em 1987, aos 16 anos ele e ela formaram a família.

Em 1988, aos 17 anos, a família teve a sua primeira filha, que se chama Roseli Kanezakenazokero, e depois teve mais um menino em 1990, que se chama Ronilso Zanazokae. Sou o terceiro filho da família, nasci neste mundo desafiador e cheio de obstáculos em 22 de março de 1994 na cidade de Tangará da Serra – MT.

Antes de nascer, já vim com muitos desafios. Segundo relatou minha mãe, durante sua gestação, ela teve muitos riscos. Ela tinha duas possibilidades na sua gravidez, ela sobreviver ou morrer. Meu caso era a mesma coisa. Mas, graças a Deus, minha mãe continuou com a vida e eu nasci vivo. E colocaram meu nome Leandro e no batismo tradicional me chamaram de Nenezokae. Meu nome é Leandro Nenezokae.

Na época, minha família morava na aldeia Rio Verde, localizada na Terra Indígena Paresi, no município de Tangará da Serra – MT. Antes de nascer, meu avô Brito Kaezohezokae lutava para a Fundação Nacional do Índio demarcar seu território para ele retornar. Após várias reivindicações, a Fundação Nacional do Índio homologou um pouco do seu território em 1993.

A área da Terra Indígena Estivadinho demarcada compreendia 2.031 hectares. Após a demarcação, meu avô sempre ia para seu território para passar uns dias e depois voltava para

Rio Verde. Na maioria das vezes, meu pai ia conosco durante a retomada para nosso território, e o irmão de meu avô mais velho sempre esteve com seu irmão nessa retomada.

Em final de 1996, meu avô decidiu voltar para seu território. Com isso, meu pai decidiu retornar para seu território junto com meu avô. Na época, eu era uma criança de 1 ano e 9 meses. As primeiras pessoas que retornaram para a Terra Indígena Estivadinho foram meu pai, minha mãe, meu irmão mais velho, eu, meu avô, minha avó e meu primo. Por consideração a seu irmão, o irmão de meu avô veio conosco também. Com isso, nós três fomos as primeiras crianças da aldeia na retomada para o território nosso.

Com a mudança, vivíamos longe das coisas da sociedade não indígena. Na época, não tinha energia e consumíamos pouca comida de não indígenas, nós vivíamos na base da alimentação tradicional. Não tinha escola e nem posto de saúde, raramente a equipe de saúde chegava na nossa aldeia e a equipe de FUNAI fazia pouca visita para nós.

Com o retorno das demais famílias, a população da aldeia fui aumentando. Ao passar do tempo, minha mãe e meu pai tiveram mais uma filha que se chama Sueli Anezokaero, e um filho que se chama Josiel Ezonazokai.

Quando eu tinha quase 4 anos, começou a preocupação da minha mãe. Minha mãe dizia: “será que meu filho vai ser mudo?” Porque aos quase 4 anos eu vivia no silêncio e apenas gesticulava quando queria beber e comer. Com isso, percorreu nas aldeias que era o filho mudo da minha mãe ou o primeiro Haliti mudo daquela geração.

Quando fiz os quatro anos, apesar de nós morarmos numa comunidade falante da língua materna, apenas minha mãe tinha mais domínio da língua portuguesa. Com isso, dentro da casa alguns momentos falavam conosco na língua portuguesa.

Talvez, por isso, aprendi as primeiras palavras na língua portuguesa. As únicas palavras que eu dizia eram “mamãe e papai”. Apesar da felicidade de minha mãe, isso deixava ela envergonhada por falar as primeiras palavras na língua portuguesa.

Apesar de ser uma criança que vivia em silêncio, sempre andava com meu irmão mais velho e meu primo. Após completar quatros anos, comecei a aprender algumas palavras na língua materna e, com o decorrer do tempo, meu avô me ensinou o nome dos animais e plantas. Sendo assim, quando fiz cinco anos, aprendi a falar na língua materna. Por aprender a falar, as pessoas pararam de falar que sou mudo.

Minha mãe tentou nos ensinar desde crianças a falar a língua portuguesa e entender, mas nós três meninos somos falantes da língua materna e não aprendemos a língua portuguesa com minha mãe. Nós não entendíamos nada daquilo que minha mãe falava em português.

Aprendemos a falar um pouco de português somente quando nós começamos a estudar e quando tivemos a nossa adolescência.

Segundo minha mãe, minhas irmãs, por estarem sempre com ela, aprenderam português desde pequenas. Ela tentou ensinar português a nós desde pequenos porque, na época, toda comunidade Haliti-Paresi da região tinha dificuldade de falar e entender português. A única família que falava e entendia bem português era a família da minha mãe. Com isso, a ideia da minha mãe era nos ensinar para que aprendêssemos desde pequenos para dialogar com falantes da língua portuguesa, quando nós fôssemos para a cidade e quando os não indígenas chegassem na nossa aldeia para nós ouvir e responder.

Essa foi a preocupação da minha mãe, porque crescemos longe da sociedade não indígena e, principalmente, por a comunidade da nossa aldeia ser falante da língua materna, em nenhum momento a comunidade usava a língua portuguesa. Por isso, crescemos no nosso mundo Haliti-Paresi sem se preocupar com coisas do não indígena. O nosso aprendizado foi com meu avô e minha avó, que são pessoas sábias e viviam no nosso mundo Haliti-Paresi.

Minha irmã e meu irmão mais novos são nascidos e criados na aldeia Estivadinho, minha irmã mais velha ficou com minha avó materna na aldeia Rio Verde. Na época, nós tomávamos banho só no rio, íamos cedo com meu avô e minha avó para roça. Todos os dias, meu irmão mais velho ia caçar passarinhos e eu sempre estava com ele. Nós comíamos carne de caça e pesca com biju, tomávamos chicha de mandioca, comíamos as frutas nativas comestíveis. Assim, nós vivíamos felizes na nossa aldeia.

As nossas brincadeiras eram todas tradicionais. Os esportes que desde pequenos nós praticamos são arco-flecha e cabeça-bol. Passávamos os tempos felizes caçando os passarinhos e comendo as alimentações tradicionais, e ouvindo as histórias contadas por meu avô e minha avó. Assim, fomos crescendo como as primeiras crianças da aldeia depois da retomada para o território.

Depois de um ano de retomada para a Terra Indígena Estivadinho, outras famílias vieram da aldeia Rio Verde para morar conosco na aldeia Estivadinho. Com isso, a população e a quantidade das crianças aumentaram. A partir disso, a comunidade começou a ter ideias para solicitar a Prefeitura Municipal de Tangará da Serra – MT o funcionamento da escola na aldeia. A ideia de solicitar uma escola aconteceu no ano de 1998.

As reivindicações por parte da comunidade para o funcionamento da escola começaram no final de 1998. Havia as crianças na aldeia, mas o desafio era ter um professor para realizar a aula. Com isso, após várias reivindicações, a prefeitura liberou o funcionamento da escola em nossa aldeia Estivadinho.

Com a reivindicação dos nossos pais, a escola chegou em nossa aldeia Estivadinho no primeiro semestre de 1999. A aula iniciou na casa do senhor Isaías, o primeiro professor que lecionou, no mesmo ano o professor Ângelo Kezomae chegou para assumir as aulas. Na época, eu tinha cinco anos de idade, mas ia com meu irmão mais velho para a escola como ouvinte. Nesse ano de 1999, ia para a escola só para acompanhar meu irmão mais velho.

Em 2000, fui matriculado para estudar. Neste ano, o professor Ivânio assumiu as aulas e neste mesmo ano a escola foi construída. Assim foi o início da escola na minha aldeia. Desde o funcionamento da escola, de 1999 a 2008, a escola nunca funcionou do jeito que a comunidade quer a escola devido a falta de professor. Todo ano alguém vinha de outro lugar, mas não conseguia terminar as aulas e os que terminavam o ano letivo faltavam muito quando iam para sua aldeia. Assim, durante uma década foi o funcionamento da escola.

Na época, a escola funcionava de 1º a 4ª série. Apesar de ter sido matriculado em 2000, para concluir a 4ª série e aprender a ler e escrever levou tempo: 8 anos para terminar séries iniciais. Levei este tempo porque, primeiro, não gostava de estudar até os 9 anos; e, segundo, por falta do professor.

Quando era criança preferia viver em livre arbítrio no mundo Haliti-Paresi para aprender a cultura do meu povo. Tinha muitas curiosidades sobre todas as práticas realizadas na comunidade, tinha essa dedicação pela cultura, mas na escola tinha pouco interesse em aprender. Com isso, não conseguia passar de série e nem aprendia nada na escola, não sabia falar em português e nem entendia nada em português.

Quando fiz os 10 anos, minha mãe me disse:

[...] o filho, ficou triste com seu desenvolvimento na escola, se você continua assim. Um dia você tornará uma pessoa analfabeto e ignorante entre seus irmãos e suas irmãs. Você será uma pessoa desentendido e não terá futuro. Infelizmente, hoje vocês precisam de estudo para sobreviver.” (Leonice Naizokero, abril de 2005).

Estas palavras da minha mãe levo comigo até os dias de hoje. Quando fiz 10 anos, comecei passar das séries. Comecei a me desenvolver na escolarização, mas tinha muita dificuldade para aprender a escrever e ler porque não sabia falar e entender em português. Com toda dificuldade, comecei a aprender a escrever e ler aos 12 anos. No último ano de estudo, para concluir a 4ª série, comecei a desenvolver e entender a fala, escrita e leitura do português.

Aos 13 anos concluí a 4ª série. Porém, o desafio era continuar estudando. Na época, a escola funcionava até 4ª série e para continuar estudando no outro ano, tinha que sair da minha aldeia para morar com meu avô e minha avó materna na aldeia Rio Verde. Na época, somente

na aldeia Rio Verde funcionava a educação básica completa. Por isso, em 2008, fui morar na aldeia Rio Verde para estudar nas séries finais.

Apesar de começar a estudar um pouco mais tarde, compensou muito culturalmente. Na infância e até o momento de ir para a aldeia Rio Verde, tive uma formação muito boa na cultura do meu povo. Isso me ajudou muito na vivência e no desenvolvimento na minha escolarização. Quando estudei na Escola Municipal Indígena Zozoiterô, o quadro de professores era todo formado no 3º Grau Indígena da UNEMAT de Barra do Bugres. Com isso, o ensino na escola era muito bom na perspectiva da Educação Escolar Indígena Específica Diferenciada.

Tudo isso me ajudou muito na minha escolarização. Apesar disso, a dificuldade para concluir a educação básica era grande por estar longe da minha família e sem contato com ela. No entanto, querer terminar a educação básica e aprender foi maior do que o desafio e graças a boa formação cultural no meu aprendizado, tive êxito na escolarização das séries finais.

Ao passar das séries, fui desenvolvendo a escrita e a leitura na língua portuguesa, e, principalmente, comecei a amar a disciplina de Matemática, uma disciplina que me cativou e que me levou a ser eu na escolarização da sociedade não indígena.

Apesar de mudar de lugar na adolescência, continuei aprendendo mais sobre a cultura Haliti-Paresi com meu avô, minha avó e comunidade daquela localidade. Gostava de ir e participar das festas tradicionais e participar da organização das festas tradicionais realizadas por meus familiares paternos e maternos.

Com o passar do tempo, tive mais curiosidade de aprender como ser humano. E, principalmente, querer compreender o mundo que faz parte da minha vida e do meu povo, e entender a vida da sociedade não indígena. Assim, consegui chegar ao 9º ano em 2011.

fui me desenvolvendo nas práticas culturais do meu povo. Uma das práticas culturais mais importantes que aprendi e tenho domínio da técnica construtiva é a casa tradicional do meu povo. Sou construtor de casa tradicional desde os 16 anos. Além disso, tenho aprendido outras práticas culturais do meu povo Haliti-Paresi.

Também sou a pessoa principal para organizar a festa tradicional, quando a família quer fazer a festa tradicional. Eu também sou, na família, um dos que organiza para fazer as roças tradicionais todos anos. Essas são as funções que faço na minha família e na comunidade.

A primeira experiência na Educação Escolar Indígena como professor substituto aconteceu em agosto de 2011. Apesar de estar em estudo para concluir o Ensino Fundamental na época, pedi para a Coordenação da Escola Municipal Indígena Zozoiterô para ficar três semanas fora da aula para substituir o professor Reginaldo da minha aldeia, durante o resguardo

dele no nascimento da filha. Com isso, a primeira experiência como professor foi aos 17 anos na minha aldeia na Escola onde concluí 4º série.

Ao concluir o 9º ano, já tinha a experiência na vivência. Tinha bom desenvolvimento no processo de aprendizado e de escolarização na sociedade não indígena, e principalmente na minha cultura. Tudo isso me motivou para seguir com o estudo e concluir o Ensino Médio na Escola Estadual Indígena de Educação Básica “Malamalali”. Além disso, tive oportunidade de fazer o teste seletivo para Escola Municipal Indígena Zozoiterô no início de 2012, assim que fiz 18 anos. Com convite do coordenador da escola, o senhor Pedro Nazokemai e Professora Tereza Cristina Kezonazokero.

A partir de segundo semestre de 2012, com o resultado do teste seletivo, tive a oportunidade de começar a trabalhar na Educação Escolar Indígena aos 18 anos na Escola Municipal Indígena Zozoiterô. Foi o início de desafios e da trajetória como educador no meu povo.

No período da manhã trabalhava como professor de séries finais nas disciplinas de Ciências e Matemática, e no período de tarde fazia serviços gerais na escola. Apesar de tudo isso como compromisso profissional, tinha o esforço para estudar o Ensino Médio à noite. Assim, foi minha rotina durante dois anos.

Apesar do compromisso com o estudo e a educação escolar indígena, tinha tempo na final de semana, nos feriados e nas férias para fazer práticas culturais. Além disso, fiz parte da gestão da unidade executora da escola.

Em 2013, não estudei o Ensino Médio devido a minha indecisão no estudo, mas em 2014 retornei ao estudo para concluí-lo e também trabalhar somente no período da manhã como professor de séries finais. Assim foi minha rotina até concluir o Ensino Médio em 2015.

No final de 2015, tive a oportunidade de prestar o vestibular na Faculdade Indígena Intercultural da UNEMAT em Barra do Bugres – MT. Apesar de feito o vestibular, não consegui a vaga ofertada para a etnia Haliti-Paresi. Com a conclusão de Ensino Médio, retornei para minha aldeia no final de 2015, após o término do período letivo com a ideia de deixar de trabalhar na educação escolar indígena e retornar para minha aldeia para recomeçar minha vida.

No final de 2015, eu tinha 21 anos de idade, porém, no final daquele ano, tinha feito teste seletivo e ficado entre os aprovados. O Coordenador da Educação Indígena insistiu para eu continuar trabalhando com educação escolar indígena, mas a continuação seria em uma aldeia próxima da minha aldeia. Após refletir muito, aceitei para continuar trabalhando com educação. Assim, recomecei o trabalho na aldeia Kolidiki como professor de aula de reforço.

Na época, na parte da cultura e na vivência do Haliti-Paresi já tinha boa experiência. Como construtor profissional de casa tradicional, organizador de festa tradicional e demais praticas culturais, mas continuava solteiro e sem formar família.

Ainda que tivesse um pouco de experiência e aprendizado na cultura, a curiosidade de ouvir, observar e aprender continuava. Gostava de ouvir velhos (as), anciões (ãs) e pajés. Assim continuou cada vez mais minha curiosidade sobre a cultura e vida do povo do qual faço parte.

No início de 2016, fiquei sabendo que fui contemplado com a segunda chamada na Faculdade Indígena Intercultural. Apesar disso, fiz o vestibular na UNOPAR para estudar a distância. Em 2016, comecei a estudar Matemática a distância. Além disso, mudei no mês de abril para Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre, devido a falta do professor na escola e fui reconduzido pela Coordenação da Educação Indígena para assumir as aulas na escola. Até os dias de hoje atuo na escola como Coordenador Pedagógico.

No final de 2016, fui chamado para estudar na Faculdade Indígena Intercultural, mas estava já no segundo semestre de Matemática na UNOPAR. Isso me deixou indeciso. Por fim, decidi cancelar meu estudo a distância e ir para a Faculdade Indígena Intercultural para continuar estudando no Ensino Superior. Assim começou minha história na Universidade do Estado de Mato Grosso.

Quando iniciei o trabalho na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre, a escola funcionava somente com séries iniciais. As séries finais funcionavam de forma incorreta através da Escola Municipal Indígena Zozoiterô, onde os alunos eram matriculados como alunos da Escola Municipal Indígena Zozoitêrô e o professor apenas passava as notas para serem preenchidas pela secretaria. Após muitas lutas em parceria com a comunidade, conseguimos regularizar as séries finais.

Em 2017, as séries finais funcionaram como Sala Anexa da Escola Zozoiterô. Devido à demanda, conseguimos abrir, através da Escola Estadual Indígena Educação Básica “Malamalali”, uma Sala Anexa para alunos do Ensino Médio para que concluíssem o Ensino Fundamental na região e pudessem estudar na Cabeceira do Sacre.

O estudo na Faculdade Indígena Intercultural ajudou muito na minha luta para melhorar o sistema e a estrutura da escola. Em 2019, conseguimos o sistema próprio para escola funcionar com Ensino Fundamental I e II, também conseguimos a ampliação da escola em 2022. Apenas o Ensino Médio continuou como anexo da Escola Estadual Indígena Educação Básica “Malamalali”. Todas são conquistas da comunidade da aldeia Cabeceira do Sacre e demais aldeias vizinhas.

Desde 2021, a escola se tornou o polo para atender aldeias vizinhas. Hoje, a escola tem cinco anexas: Estivadinho, Figueira, Ityaotse, Kolidiki e Sacre 0. Tudo isso foi conquistado graças a luta da comunidade e Faculdade Indígena Intercultural.

Desde o retorno e com o estudo na Universidade, estou na linha de frente da Educação Escolar Indígena na região da minha aldeia para melhorar a educação. O próximo compromisso é construir uma Educação Escolar Indígena do jeito que a comunidade quer para garantir, através da educação, a valorização da sua cultura e garantir seu direito para viver.

Em 2017, conheci Jane Zanizokeroce. Sou casado com Jane Zanizokeroce desde 02 de setembro de 2017. Tenho um filho de 5 anos e uma filha de 2 anos. Meu filho se chama José Arthur Ekezomaece e minha filha se chama Moara Anaizokaeroce.

Hoje, minha graduação na área de Ciências Matemática e da Natureza e cursando Mestrado, me auxiliou muito para ajudar a resolver qualquer problema na minha comunidade e principalmente na educação.

A partida da minha avó paterna em 2021, meu avô paterno em 2022 e recentemente meu avô materno me fez refletir e pensar muito sobre o rumo da minha vida. As mensagens que ouvi deles e dela antes da partida de cada um me fizeram pensar como irei seguir com a vida.

Com tudo isso, hoje divido meu tempo para garantir a continuidade da cultura do Haliti-Paresi, para dar a educação tradicional para meu filho e minha filha. E principalmente dar a continuidade dos conhecimentos dos meus avôs e minha avó aos próximos.

Uma parte do tempo uso para estudar e trabalhar na Educação Escolar Indígena para ajudar meu povo na educação e para garantir seus direitos. Além disso, estudo e trabalho na educação com amor. Isso me fortalece para conciliar minha vida como Haliti-Paresi e como estudante, professor e liderança.

Hoje dedico minha vida para dar a continuidade do conhecimento da minha ancestralidade e com conhecimento não indígena ajudar meu povo a garantir seu direito para viver. Assim, cresci e aprendi, e estou vivendo minha vida.

### 3. A ORIGEM DO POVO HALITI-PARESI

A história da origem do povo Haliti-Paresi foi narrada por atyotyos (meus avôs) que não estão mais aqui, e por anciões, pajés e artesãos que ainda estão vivos. As narrações que fizeram sobre a origem do povo Haliti-Paresi, bem como sobre o contato com não indígenas e a escolarização foram transcritas para a língua portuguesa, portanto, seus dizeres foram preservados

No mundo novo, apenas seres humanos imortais viviam na época na terra. Com compromisso de construir novas vidas na nova terra. Na época as duas cobras chamados: *Zaholaihore* e *Olaiholo* viviam no interior da uma pedra grande, tiveram o sonho de ter filhos humanos.

Com isso, a começaram fazer os filhos, mas nasciam plantas e outros animais. Finalmente nasceram os primeiros filhos humanos Haliti. A primeira filha foi mulher *Waihalidyo* e depois menino chamado *Wazare* e tiveram mais seis meninos. Assim surgiu os primeiros Haliti-Paresi no interior da pedra.

Os primeiros Haliti-Paresi fui se criando e familiarizando com as plantas e animais. Eles consideravam os animais como tios e tias. Com passar dos tempos foram crescendo e tendo filhos, filhas, sobrinhos e sobrinhas. Viviam felizes no interior da pedra grande. Faziam festas para cantar e dançar. Assim, os primeiros Haliti-Paresi viviam na pedra.

Desde interior da pedra. Com nascimentos dos primeiros Haliti-Paresi, começou se criar as regras de organização no povo. Com isso, o filho mais velho homem se torna a liderança da família ou no atual contexto é o cacique do povo. Porém, na cultura Haliti-Paresi desde a origem já vem o conselheiro da família, que é pessoa sábio nato da família. Nessa primeira geração do povo, o irmão mais velho *Wazare* é liderança e irmão do meio *Kamahiye* é grande sábio da família que é conselheiro e intelectual da família.

Na época, *Enohare* (um ser humano imortal ou homem do raio), viviam com seu filho *Imazahare* e sua filha *Zokozokoidyo* numa aldeia proximidade da onde viviam os primeiros Haliti-Paresi. Certo dia, ele estava embaixo da uma figueira fazendo o desenho de grafismo na sua espada de madeira. É disse para seu filho e sua filha: busque água do rio? Estou com sede. Obedecendo a ordem do pai. Foram ao rio para buscar a água.

Quando ele e ela aproximaram o rio, ouviram o barulho muito grande no interior da pedra no próximo do rio. Com isso, os dois voltaram correndo para aldeia assustados. É ao aproximar o pai. Pai disse ao filho e filha: o que aconteceu com vocês? Nós ouvimos o barulho

grande no canto do rio, por isso, viemos correndo para aldeia assustados. É simplesmente disse: Neste lugar somente nós existimos e vivamos, a ninguém mais.

Sendo assim, levou a espada de madeira que estava desenhando o grafismo e foi para o rio. Ao aproximar o rio ouviu o barulho grande no interior de pedra grande. Chegando perto de pedra e ouvindo aquele barulho estranho e nem penso duas vezes. É bateu com sua espada de madeira poderoso que faziam raios em pedra grande e após umas batidas na pedra parou para ver, o que tinha na pedra. Ele rachou um pouco a pedra.

Quando, olho pela rachadura que fez com sua espada de madeira, viu no interior da pedra *Haliti waiyenatsehareze* (gente boa) desmaiados. Com isso, ficou desesperado e preocupado com ato que ele cometido. Mas, que ele é um ser humano imortal e tem poderes, mas não sabiam a existência da gente na pedra. Com imensa tristeza volto para sua casa.

Ao chegar na sua casa, disse ao filho e filha: cometi grande erro, bati na casa da gente boa que viviam felizes. Não sabia que tinha gente boa que vivia perto da nossa aldeia. Com ato cometido, *Enoharetse* (homem do raio), decidiu retornar no mundo celestial com seu filho e sua filha.

Ao passar das horas, os primeiros Haliti-Paresi e seus tios, suas tias, seus sobrinhos e suas sobrinhas foram recuperando de desmaio. Com tempo voltará felizes de novo no interior da pedra. Continuaram com suas danças e cantos. Certo dia, o tio deles *Mazazalane* (urubuzinho) estava deitado e olho para cima. Viu a rachadura na parte de cima.

Com isso, ele viu clareando por fora da pedra. É ficou com curiosidade para ver aquilo que ilumina. Decidiu sair fora da pedra. Para sair do interior da pedra a missão não era fácil. Ele fui se espremendo na rachadura e se apertando. Fui difícil, mas ele conseguiu sair da pedra.

Ao sair do interior da pedra, se deparou com a beleza da natureza a fora da pedra. Uma vista de horizonte sem fim. Se impressionou com a horizonte e beleza da natureza. Ele saiu *iyeti zoawaka* (época das flores), na qual ficou encantando com cheiro das flores.

Para provar para seus sobrinhos Haliti-Paresi, pegou as flores cheirosas e capins para levar no interior da pedra. Para entrar de volta a interior da pedra. Fez mesma coisa, fui se espremendo e se apertando e conseguiu entrar de volta. Mas, com isso a cabeça e corpo ficou achatado. Devido isso o pássaro ficou com cabeça e corpo achatado.

Com contudo, que ele fez, viu e levou para prova no interior da pedra. Se deitou na sua rede e ficou na tristeza. Enquanto, seus sobrinhos Haliti-Paresi dançando e cantando e sendo felizes. Ele na tristeza. O Kamahiye notou tristeza do seu tio. Com isso, o sábio *Kamahiye* começou a questionar seu tio.

Kamahiye disse ao seu tio: - por que você está triste tio? Venha dançar e cantar conosco? Ele respondeu: - Estou triste sobrinhos, devido a minha descoberta do um lugar belo e horizonte sem fim a fora da pedra esses dias. O sobrinho, respondeu: - sou sábio, mas nunca sonhei com este lugar. Você deve estar mentido tio. O tio respondeu: - está aqui, as flores e capins que levei do lugar que estou falando.

Com isso, os sobrinhos pararam com a dança e canto para ver as flores e capins. Cada um admirando as belezas das flores, cheiros e capins. O *Wazare* e *Kamahiye* pegaram as flores mais cheirosas para passa no corpo. Kamazo e demais passaram no corpo as flores menos cheirosas.

Após, admirações das flores e capins. Os sobrinhos de decidiram sair da pedra. Para sair da pedra, necessário que alguém abri o caminho para saída. Depois de eles pensaram e apresentaram a proposta para tio *Waitatare* (pica-pau vermelho).

Disseram ao tio: - O tio *Waitatare* (pica-pau vermelho), temos o proposta para você abrir para nós a pedra? Daremos presente para você fazer o serviço? O tio deles respondeu: - nunca fiz serviço por presente ou por pagamento. Tirou meu alimento de graça com meu picou. Farei o serviço para vocês sobrinhos.

Sendo assim, ele iniciou com serviço para furar a pedra com pico. Ao iniciar picar a pedra, os pó da pedra fui caindo. Com isso, disse aos sobrinhos: - Quem vai querer o pó da pedra para seu feitiço? O *Kamazo* respondeu: - Ficarei com o pó de pedra. E ele pegou a vasilha para pôr embaixo do teto da pedra para cair o pó na vasilha. Com isso, *Kamazo* é grande feiticeiro da Haliti-Paresi dos ancestrais.

O *Waitatare* (pica-pau vermelho), continuo com trabalho de furar a pedra para os primeiros Haliti-Paresi sair da pedra. Quando o pássaro quase perfurando a pedra, o pico quebrou. Com isso, disse aos sobrinhos: - Infelizmente, meu pico quebrou sobrinhos! Dê os pássaros e animais que quer picar ou roer futuramente o pedaço do meu picou.

Com isso, o líder *Wazare* propôs para pássaros e animais que quer ser picador ou roedor. Aceitasse a ideia de *Waitatare* (pica-pau vermelho) para continuar com perfuração da pedra. Os que aceitaram ideia para continuar com trabalho são: pica-pau amarelo, arara, cutia, paca e outros.

Com junção de todos, perfurar a pedra rápido. Aos pássaros e animais concluir a perfuração. O *Wazare*, disse para seus irmãos: - Por ser líder de vocês, saírem o primeiro da pedra para acompanhar a saída de cada um de vocês. Com isso, o primeiro sair da pedra é líder *Wazare*.

Ao sair da pedra sentou na pedra para acompanhar saída dos irmãos. O segundo sair da pedra é *Zakalo*, na sequência veio, *Zaloiya*, *Kamazo*, *Zaolore*, *Tahoe*, *Kono*, *Kamahiye*, irmãs *Hotxikyawakanero*, *Kaholawakanero*, os filhos *Kuitate*, *Katxie* e demais.

Entre demais que sair da pedra, uma família saiu com ciúmes e saíram brigando por causa de ciúme. Um saiu com fome, no cesto dele tinha apenas os filhotinhos de mel e jatobá para comer. Um saiu com dor dente e chorando de dor e outro com feridas e pôs, sentido tanta dor. Assim alguns Haliti-Paresi saíram da pedra. Por isso, alguns Haliti-Paresi, vive de fome, de dor dente, de feridas e de ciúmes, estes atos vêm já desde origem e saída do povo da pedra.

Único que fui chamado atenção pelo *Wazare*, para retornar a pedra, pela sua ideologia de viver com natureza e com ser humano é pulga. Quando ele saiu da pedra, é furou uma *Wazana* (sucupira) é saiu outro lado disse: - Assim irei furar o peito dos seres humanos.

O *Wazare* ouvindo isso disse a pulga: - Volte aqui mesmo sobrinho, você é perigoso para minhas gerações. se for assim, você vai acabar com meu povo. Com isso, a pulga se redimiou para não voltar a pedra e disse: - Não farei isso com vocês. Apenas entrarei nos dedos de vocês. Sendo assim, *Wazare* aceitou a permanência dele.

Por isso, as pulgas entram nos dedos de pés e de mãos do haliti. A último sair da pedra fui irmão mais novo da *Wazare*. O irmão mais novo *Nare*, saiu da pedra cantando com seu grupo, ao sair da pedra fui cantando e dançado o ritmo do *zeró*. Usando vestes do povo Haliti-Paresi e cocar.

Seu irmão líder *Wazare*, se impressionou com seu irmão mais novo e disse para ele mesmo: - Sou líder do povo Haliti-Paresi, mas não consegui sair assim da pedra. Após a saída do *Naré*, tinha ficado atras só irmã mais velha deles *Waihalidyo*. Porém, pelo tamanho da sua irmã. Ficou presa no buraco. Com isso, irmão *Wazare* disse a ela. - Volte para interior da pedra mesmo, lá você vai ter sua geração. Se você sair, estragaria minha geração. Caso você sai, minha geração ficaria com bumbum grande e tamanho grande. Peço a você voltar aqui mesmo.

Com isso, a irmã mais velha volta para interior da pedra. Acordou com a história contado por povo Haliti-Paresi. A *Waihalidyo* teve sua geração na sociedade não indígena. Por isso, alguns não indígena tem bumbum grande. Assim, os primeiros Haliti-Paresi saíram da *Atyu* (Ponte de Pedra).

### *3.1 Após saída do interior da pedra, os primeiros haliti-paresi criam marcadores do tempo, regras da convivência e demarcam o território para suas gerações*

Depois de todos saíram da pedra para a terra a fora. É após direcionamento certo no um lugar. Segundo a história contada, naquele tempo na terra era só a noite sem o sol e dia. Com

isso, tiveram várias ideias na reunião, mas a ideia apresentada por *Kokoityalidy* (gavião-belo) foi melhor. A ideia dele foi criar o sol para ter dia para ele caçar alimento e ter a noite para ele descansar. Essa ideia foi aprovada por todos.

Com isso, o líder *Wazare* mandou seu filho *Katxiye*, para oeste com seu cocar e ornamentos para se tornar o sol para iluminar o dia. Porém, por vários desafios o *Katxiye* desistiu ao lado do oeste e voltou para sua aldeia. Após os desafios acontecido com ele ao lado do oeste, o pai *Wazare* orientou ele muito. Essa vez o mandou ao lado de leste. Assim surgiu o sol na cultura do povo Haliti-Paresi para iluminar o dia.

Após criação do sol, sob liderança do *Wazare*, o segundo passo é criar os marcadores do tempo para eles saber o tempo do dia, noite, época da seca e época da chuva. Com essa proposita a começar a criar os marcadores do tempo. Para eles viver e suas gerações possam acompanhar o tempo do ano.

Penúltimo passo, antes de ancestrais do povo Haliti-Paresi deixar sua geração na terra. Criaram certos animais, como veado e ema e demais para alimento sagrado da sua geração. Para possa sua geração saber dos certos animais para consumo e para fazer a festa tradicional. Além disso, criaram regras e leis para sua geração possa viver corretamente acordo com regra e lei criado por eles.

Último passo foi a demarcação do território para cada sub grupo. O *Wazare*, dividiu os nascentes e regiões para seus irmãos para viver com suas gerações e suas gerações viver e usufruir dentro do seu território para sua sobrevivência. O líder do ancestrais do povo Haliti-Paresi acordo com divisão do território, deu nome para cada região e cada nascente. Assim ele organizou para suas gerações viver após a saída da pedra na terra.

Porém, acordou com a história contada e narrada. Os três sub grupos principais que originou a partir dos ancestrais do povo Haliti-Paresi são: *Enomaniyere*, *Katxiniti* e *Waimare*. Os principais chefes dos sub grupos são: *Zalore* que é chefe dos *Katxiniti*, *Zakalo* que é chefe dos *Waimare* e *Kamazo* que é chefe dos *Enomaniyere*.

Mas, sub grupo *Enomaniyere* é conhecido por pesquisadores como *Kozarene* e apelidado como *Cabixi* por outros sub grupos. Porém, nas histórias contada e narrada por velhos e anciões Haliti-Paresi é três sub grupos.



territórios tradicionais para garantir o fortalecimento da língua e cultura. Mas o contato veio de forma integrador a sociedade não indígena. Com isso, os dois subgrupos sofreram com diminuição da população, perda da língua, da cultura e do território.

Com atual contexto do povo Haliti-Paresi, a população dos dois subgrupos é bem pouco e tem poucos falantes e tem pouco domínio e pratica da cultura. São desafios para as novas gerações dos dois subgrupos buscar as novas estratégias para fortalecer a língua e cultura. Está parte da história é contato com a sociedade não indígena com os dois subgrupos do povo Haliti-Paresi.

Segundo a história recontado por ancião Kazazumae (2024). Ancião tradicional do povo Haliti da Terra Indígena Figueira. O primeiro contato do não indígena com subgrupo Enomaniyere mais marcante fui do não indígena conhecido como Malhano (Mariano Rondon). Ele foi a pessoa não indígena que impressionou o subgrupo Enomaniyere com suas vestes e ferramentas.

A forma que dialogavam e comportavam chamava atenção do subgrupo Enomaniyere. E falavam algumas palavras no idioma por ter já feito a contato com subgrupo Katxiniti e Waimare e percorreu no território do subgrupo Enomaniyere. A partir da sua passagem no subgrupo Enomaniyere teve a primeira vez acesso de vestes e ferramentas de não indígenas.

Pelo fato do subgrupo Enomaniyere viver no central. Apesar de passagem marcante do Malhano (Mariano Rondon), após isso teve pouco contato com não indígena. Por isso, o subgrupo conseguiu preservar a sua cultura fortemente até passagem da BR 364. Com passagem da BR 364, na década de 1970. Os desafios maiores vieram para subgrupo Enomaniyere para garantir seus territórios e sua cultura.

Apesar de desafios maiores, como contato frequente com a sociedade não indígena, acesso as ferramentas, alimentos e vestes da sociedade não indígena e entrada de missões religiosas. O subgrupo Enomaniyere resistiu para garantir uma parte do seu território e preservou sua cultura diante dos desafios.

Acordo com contexto atual do subgrupo Enomaniyere é falante da sua língua e pratica ainda sua cultura nas diferentes manifestações. Porém tem desafios de manter a língua e cultura. Com as entradas das tecnologias do não indígenas na comunidade se tornou o desafio maior para manter a língua e cultura. Esse é desafio para nova geração manter a língua e cultura.

Porém, o povo Haliti-Paresi geral de atualidade tem diferentes formas de integrar com a sua sociedade não indígena e com outros povos. As religiões continuam fortemente em todas regiões para integrar o povo, algumas famílias por suas próprias ideologias saiam do território em busca de melhor condição, outras sai para que seus filhos tenha o ensino de qualidade para

torna grandes pessoas, demais casa com não indígena e com outros povos, todo isso é com ajuda de tecnologia não indígena. Essas são fatores que pode descaracterizar a cultura do povo Haliti-Paresi futuramente.

### *3.3 O processo de educação escolar no povo Haliti-Paresi.*

Conforme a história contada por minha avó Konizokero (2023), a primeira vez que o povo teve o conhecimento da escrita e leitura é com Mariano Rondon. Na qual, alguns Haliti-Paresi foram levados do seu território para aprender ler e escrever. É principalmente aprender a falar português.

Após isso, com criação de internato no Utariti com missão de integrar as crianças indígenas com cultura da sociedade não indígena. Foi mais marcante para o povo Haliti-Paresi no sentido de oprimir um povo que tinha sua própria cultura.

Com relato da minha avó que teve a passagem no internato. As crianças eram proibidas de falar na língua e fazer contato entre si. Os meninos viviam isoladamente fora das meninas. Além disso, as crianças viviam com muitos castigos devido os pequenos erros. Os que tinha bom desenvolvimento na escolarização da escrita e leitura é era mais valorizado e os que tinha mais dificuldade era excluído da escolarização da escrita e leitura. Com isso, essas crianças eram mais ensinadas para aprender trabalhar.

A partir do relato da minha avó, na época as crianças que tem mãe e pai resistiram para os filhos não ir para internato ou maioria lutou para tirar as crianças do internato. Por saber da agressividade que as crianças recebiam no internato. Esta parte marca para povo Haliti-Paresi uma escolarização opressora.

Após, internato. Acordou com a história contada por minha mãe e meu pai 2024. Através da Serviço de Proteção aos Índios com parceria feita com missão religiosa. Funcionou a primeira escola nos subgrupos Enomaniyere e Warere na aldeia Iyomoweke em década de 60. Com intuito de escolarizar os indígenas através da missão religioso. Porém, não fui tão muito agressivo acordou com relato. Muitos daquela época que frequentar a escola aprender escrever e ler é aprimorar os estudos mais tarde e ajudou o povo na construção da política.

Posteriormente, na final de década de 60. Entraram mais missões religiosas no território do povo Haliti-Paresi nas diferentes regiões. É principalmente missões religiosas do exterior com apoio do governo brasileiro. Na época, o Canadense Orlando fez a história no subgrupo Enomaniyere da região Nova Esperança na aldeia Tanorehana. Com objetivo de integrar os indígenas através da religião à sociedade não indígena. Com isso as comunidades daquela região fui ensinando na escrita e leitura na língua portuguesa e língua materna.

Após, esses processos veio a escola para indígena através da Fundação Nacional do Índio para aldeias maiores na comunidade Haliti-Paresi. Acordou com relato da minha mãe. Na época a escola começou a funcionar nos seguintes lugares: na aldeia Formoso, na aldeia Kotitiko, na aldeia Ilhaocê, Nova Esperança e Juininha. Isso foi na década de 80. Este modelo de escola funcionou no povo Haliti-Paresi até no final de 1990.

A partir da formação dos professores indígena e luta de lideranças do povo Haliti-Paresi que começa a funcionar a partir do 2000 a Educação Escolar Indígena Especifica Diferenciado no povo Haliti-Paresi. Com essa iniciação, a primeira aldeia que teve a construção da escola é na aldeia Rio Verde para funcionar Ensino fundamental I e II em 2003. Posteriormente, veio a construção da escola estadual para funcionar em 2007. Com isso, a primeira aldeia que funcionou com a educação básica no contexto da Educação Escolar Indígena Especifica e Diferenciado é na aldeia Rio Verde.

Conforme, o funcionamento da escola municipal e estadual na aldeia Rio Verde é demais regiões a começar lutar para ter escolas nas suas aldeias para atender ensino fundamental I e II. A partir disso, inicia a construção da Educação Escolar Indígena Especifica Diferenciado no povo Haliti-Paresi.

Na atualidade acordou com a organização do povo Haliti-Paresi. Educação Escolar está funcionando seguinte forma: No município de Tangará da Serra tem cinco polos escolares para atender o povo Haliti-Paresi. Um polo na aldeia Formoso para atender aquela região. Escola tem sua anexa Queimada. Na escola funciona educação infantil e ensino fundamental I e II no município e a escola tem funcionamento do ensino médio como anexa da escola estadual “Malamalali”. Na região da Formoso funciona educação básica completa.

O polo da aldeia Rio Verde tem escola municipal e estadual. Na escola municipal funciona educação infantil e ensino fundamental I e II. A Escola Municipal Indígena Zozoiterô tem suas anexas nas aldeias Kotitiko, Kamae, Katyalarekwa. A Escola Estadual Indígena Educação Básica “Malamalali” funciona para atender ensino médio e tem suas anexas na aldeia Formoso, Zatemana e Cabeceira do Sacre.

O polo na aldeia Zatemana é Escola Municipal Indígena Konahete, funcionou fundamental I e II e tem suas anexas nas aldeias Sacre 0 e Batiza. No polo funcionou ensino médio, anexa da escola estadual “Malamalali”.

A quarta polo é na aldeia Cabeceira do Sacre é Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre. A escola funciona para atender fundamental I e II. A escola tem suas anexas nas aldeias Estivadinho, Figueira, Ityaocê e Kolidiki. No polo funciona ensino médio como anexa da escola

estadual “Malamalali”. O primeiro polo escolar criado em 2019 no centro do território do povo Haliti-Paresi para atender a região central do povo Haliti-Paresi.

O quinto polo escolar é na aldeia Nova Esperança é Escola Municipal Indígena Cabeceira do Osso. Na escola funciona educação infantil e ensino fundamental I e II. Tem suas anexas nas aldeias Buriti, Cabeceira do Buriti, II cachoeira e Papagaio II. No polo funcionou ensino médio como anexa de uma escola não indígena.

No município de Campo Novo dos Parecis, as escolas nas aldeias funcionam a educação infantil e fundamental I. As crianças e jovens estudam fundamental II e ensino médio na cidade. No município de Sapezal, as escolas nas aldeias funcionam só até fundamental I. Fundamental II e ensino médio as crianças e jovens vão para cidade.

No município de Conquista D’oeste, a Educação Escolar Indígena Funciona na seguinte forma: na aldeia Três Lagoas funciona educação básica completa e escola tem sua anexa na aldeia Juininha para atender fundamental I. Mas, quadro professor é maioria é não indígena. Este é funcionamento da Educação Escolar Indígena geral no povo Haliti-Paresi atualmente.

### *3.4 Atual organização do povo Haliti-Paresi e suas Terras Indígenas demarcados, delimitados e em estudos*

Acordou com informação do enfermeiro Leonir Zenazokenae o Ponto Focal do Polo Tangará da Serra – DSEI Cuiabá em 01 de agosto de 2024. Atualmente o povo Haliti-Paresi tem a população de 2.433 pessoas morando nos seus territórios tradicionais e distribuindo em 88 aldeias em 9 terras indígenas. Com os Halitis que estão em busca de estudo e trabalho na cidade a população geral do povo Haliti-Paresi é aproximadamente 2.800 pessoas. Isso significa que mais de 300 haliti está fora da aldeia e de seu território tradicional.

Conforme Plano de Gestão Haliti-Paresi 2019. As 6 terras indígenas Haliti-Paresi está demarcado e homologado. Essas 6 terras indígenas são: Estivadinho, Figueira, Formoso, Juininha, Paresi e Utariti. Os que estão em estudo é terras indígenas Estação Rondon e Ponte de Pedra. A terra indígena Uirapuru está na fase de homologação. Essas são territórios atuais do povo Haliti-Paresi e suas situações juridicamente.

Acordo com a organização atual, o povo Haliti-Paresi tem duas associações principais que representam o povo geral. As duas associações maior são: Associação Halitina e Associação Waimare. As associações que representam as regiões são: Associação Indígena Rio Formoso que é da Terra Indígena Formoso, Associação Kozarene é da região Rio Verde, Associação Zaloya é da região Sacre 2, Associação Pequenos produtores é da região Nova Esperança e

Associação Indígena Enomaniyere é representante da Terra Indígena Estivadinho e Figueira. Essas são representante jurídica do povo Haliti-Paresi.

As cooperativas do povo Haliti-Paresi são: CoopHanama, Cooper Matsene, Cooprio e CoopParesi. Essas são cooperativas do povo Haliti-Paresi para trabalhar com projeto agrícola mecanizadas nas suas terras indígenas. Com objetivo de ajudar a comunidade na geração de renda e fortalecimento da cultura e território do povo.

Politicamente o povo Haliti-Paresi estão organizados por seguinte forma: Representado juridicamente por Associações e Cooperativas. É cada aldeia é organizado por Cacique e juntamente com lideranças. Dessa forma é atual organização do povo Haliti-Paresi.

## 4. CAMINHOS E TRILHAS PERCORRIDAS NA PESQUISA

### 4.1 Abertura das primeiras trilhas

Nesta dissertação, realizei uma pesquisa de cunho autoetnográfica sobre *A Etnomatemática na Confecção de Cestos do Povo Haliti-Paresi*, buscando ouvir, observar, descrever, analisar, aprender e construir estratégias para o fortalecimento da cultura através dos conhecimentos tradicionais. Este estudo teve o objetivo de, a partir da descrição da epistemologia do povo Haliti-Paresi sobre cestos, explicar as evidências da matemática do povo Haliti-Paresi na confecção dos cestos.

Com um olhar de pesquisador indígena a partir das preocupações dos artesãos e velhos, fiz a mobilização para criar as novas estratégias e ações realizadas, tanto para o fortalecimento da cultura como para o ensino da matemática do povo Haliti-Paresi nas escolas indígenas Haliti-Paresi, conforme proposto por Gil (2002) e D'Ambrósio (2022).

Em um primeiro momento, realizei as consultas bibliográficas para entender aquilo que queria fazer na minha pesquisa de mestrado no Programa de Mestrado Profissional e Contexto Intercultural Indígena – PPGECEI / UNEMAT. Iniciei fazendo a leitura do Caderno de Educação Escolar (2002) onde encontrei o artigo Etnoconhecimento na Escola Indígena de autoria do Carlos A. Argüello (2002). A leitura me fez pensar melhor na minha estratégia como pesquisador, educador indígena e entender melhor o fundamento da educação escolar indígena.

Além disso, fiz as leituras e análises de *O Pensamento Mítico do Paresi Primeira Parte* (1986), escrito por Adalberto Pereira Holanda (1986), para compreender melhor sobre a origem do mundo para o povo Haliti-Paresi e sobre a cestaria. O artigo de Aderval Filho Costa (1992) sobre *Os Paresi: sistemas econômicos* para entender mais sobre tecnologias do povo Haliti-Paresi já publicadas.

Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade do Ubiratan D'Ambrósio (2022) foi essencial para construir a pesquisa e entender realmente o que é Etnomatemática e para ser a base da minha pesquisa. A dissertação de mestrado de Maria Helena Rodrigues Paes, *Na fronteira: Os atuais da escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra – MT*, num olhar dos Estudos Culturais (2002) para entender o olhar e ideia daquela época. O trabalho de conclusão de curso de Edicléia Paresi sobre *A confecção do artesanato Xiri* (2016) para fundamentar a elaboração no olhar indígena.

Inicialmente, fiz a leitura e análise desses materiais que tinha à disposição. Porém, do texto de Ubiratan D'Ambrosio (2022) tinha apenas uma parte do livro impresso que ganhei durante o Curso de Graduação. Para ter o material completo à disposição, comprei o livro de

D'Ambrósio (2022) para ter em mãos, material que foi essencial na construção do projeto e no início da pesquisa. Um investimento de conhecimento que fiz a partir do programa de mestrado, o livro me levou a entender mais sobre minha pesquisa.

O segundo passo foi fundamental para validar aquilo que propus no projeto e no início da pesquisa. A primeira conversa que fiz foi em junho de 2023 com o senhor Fernando Omoizokae da aldeia Santa Vitalina da Terra Indígena Formoso do município de Tangará da Serra – MT. O senhor Fernando Omoizokae é artesão e pajé, e a conversa com ele foi sobre a pesquisa e a experiência que pretendia realizar. Com muita alegria, ele aceitou o desafio de executar em conjunto a proposta com alunos e demais interessados. Além disso, realizei conversas e consultas com meu avô saudoso Aluisio Zaloinae da aldeia Rio Verde, artesão e pajé Joãozinho Akonoizokae da aldeia Cabeceira do Urubu da Terra indígena Paresi e Nelson Omozokae artesão e ancião da aldeia Queimada da Terra Indígena Formoso.

A forma que fiz a entrevista é culturalmente. Quando digo culturalmente refiro-me a entrevista realizada na língua materna que toca nos assuntos sem ser o objetivo do pesquisador, o entrevistado tem autonomia e seu próprio tempo. De acordo com a cultura do povo Haliti-Paresi, quando você pergunta para um ancião, pajé e artesão, a resposta vai além da sua pergunta, assim que foram realizadas as entrevistas. Como recursos, usei celular, caderno e caneta para fazer algumas anotações e para gravar uns trechos da conversa.

Praticamente, todas as conversas e consultas foram feitas no método tradicional. O método tradicional compreende você apenas pergunta aquilo que quer saber, sem interferir o entrevistado durante narrativa dele. Dúvidas e questionamentos são feitos em outro momento, isso significa para um sábio Haliti que você ouviu e está aprendendo com ele. Assim foram realizadas as entrevistas para não sair fora do contexto cultural.

Com todos, a conversa foi longa. Por ter o dom de ouvir e conversar com velhos, anciãos, artesãos e pajés, a conversa foi além daquilo que queria ouvir deles. Todas as conversas aconteceram na forma de narrativa na língua materna e em algum momento eles lembravam meus saudosos avôs paternos e cantavam. Conforme a explicação de Gil (2002), a forma da entrevista foi valorativa aos velhos, anciãos, artesãos e pajés.

As consultas com anciões, pajés e artesãos foram realizadas para conhecer a origem do povo Haliti-Paresi, a origem das tecnologias indígenas do povo Haliti-Paresi, seu olhar atual sobre a nova geração e as histórias vividas no passado, bem como construir a validação da pesquisa.

Para valorizar os saberes presentes do povo Haliti-Paresi, a forma de escrever o terceiro capítulo foi a narrativa para valorizar os saberes presentes do povo Haliti-Paresi. A descrição

das histórias e orientações foi elaborada na língua portuguesa, preservando o falar de cada consultor indígena. Realizei as consultas e entrevistas com muita escuta, atenção e dedicação.

Após as entrevistas e consultas, fiz a leitura e análise de um dos documentos mais importantes para as duas associações do povo Haliti-Paresi, que são: Halitina e Waimare. fizeram O documento chamado Plano de Gestão Haliti-Paresi – 2019, desenvolvido em parceria com a Operação Amazônia Nativa (OPAN), Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e the Nature Conservancy, explica a organização territorial, social e econômica do povo Haliti-Paresi.

No decorrer das aulas das disciplinas obrigatórias do curso de Mestrado, os materiais importantes para auxiliar na minha pesquisa e na construção das ações foram: Dossiê Especial Educação e Povos Indígenas: Identidades em Construção e Reconstrução, organizado por Waldinéia Antunes Alcântara Ferreira, Alceu Zoia e Beleni Salete Grando (2020), um dossiê escrito a partir dos saberes indígenas e experiências para fundamentar minha pesquisa. Também estudei a BNCC: Educação Infantil e Ensino Fundamental, organizado por Ivan Claudio Pereira Siqueira (2019) para entender os conteúdos da atual Base Nacional Comum Curricular; e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998), fundamental para construir o alicerce da pesquisa e a execução das ações realizadas na pesquisa.

A primeira reunião com meu orientador, Prof. Dr. Adailton Alves da Silva, aconteceu no dia 25 de julho de 2023 na UNEMAT de Barra do Bugres, após algumas consultas bibliográficas e ao povo para alinharmos as ações que seriam realizadas. As ações realizadas compreenderam três oficinas de confecções de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti). Conforme o projeto, o direcionamento do orientador foi afirmado com essas ações executadas na pesquisa de mestrado.

No decorrer do curso de Mestrado, fiz mais leituras e análises daquilo que acreditei ser parte da minha pesquisa para ter mais noção sobre o caminho a seguir. As leituras e análises realizadas incluíram o artigo Arquitetura Indígena Hati: A casa Haliti Paresi de Pedro Nazokemae e Lizanil da Conceição Patrocinio Pereira (2021) sobre uma das tecnologias mais importante do povo Haliti-Paresi para ter uma referência mais atualizada sobre as mudanças culturais; o artigo de Maria Helena Rodrigues Paes A questão da língua na escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra - MT (2002), para entender mais o olhar e a escrita do não indígena; o texto Tecnologia Indígena em Mato Grosso: Habitação, escrito por José Afonso Botura Portocarreiro (2010), uma obra sobre arte e técnica no contexto da arquitetura do povo indígena do Mato Grosso.

A partir do alinhamento com meu orientador e com o artesão, a primeira oficina de confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti) foi proposta para a terceira semana

de setembro de 2023. Mas, de acordo com o tempo disponível do artesão, a primeira oficina foi realizada nos dias 19, 20 e 21 de setembro de 2023 com alunos do Ensino Médio da Sala Anexa Cabeceira do Sacre da “Malamalai” da aldeia Cabeceira do Sacre da Terra Indígena Paresi do município de Tangará da Serra – MT.

Após a execução da primeira oficina, organizei as fotos e anotações que registrei para fazer a descrição da execução da oficina. O objetivo de descrever a primeira oficina foi para fazer a análise do resultado da primeira ação realizada com alunos e para traçar novas estratégias. Na descrição da oficina levei mais de um mês.

Conforme a descrição feita e analisada, refleti sobre os passos dados na pesquisa e na experiência realizada e apontei alguns questionamentos para mim mesmo, por ser um indígena pesquisador e da própria comunidade. Para seguir o caminho, após a execução, descrição e reflexão, realizei, no final de 2023, a segunda conversa com o artesão sr. Fernando Omoizokae sobre as confecções e o processo de aprendizado dos alunos.

Além disso, a primeira ação realizada me levou ao mundo cosmológico e à segunda dimensão da vida. A partir da primeira oficina, aprendi através do mundo cosmológico do povo Haliti-Paresi sobre as confecções dos cestos. Com isso, a partir da conversa com o artesão sobre a segunda oficina, procurei as ferramentas que me fortalecem para seguir com a pesquisa com muito respeito e compromisso.

Quando digo aprendizado é ser cobrado através de cosmologia, e segunda dimensão é você aprender através do sonho. Porque você está querendo aprender, entender e ajudar seu povo, isso leva você à ligação com a cosmologia do povo. Essa técnica de aprimorar conhecimentos faz parte da cultura do povo Haliti-Paresi.

Sendo assim, fiz a leitura da obra *Ética intercultural: (Re)Leituras do pensamento latino-americano*, escrito por Ricardo Salas Astrain (2021) para embasar o caminhar da pesquisa e da experiência. Também fiz a leitura do artigo da Luciana Alves Barbio, *Comissão Rondon e a representação de identidade Paresi: um diálogo através de fotografia* (2011) para entender o passado do povo através do olhar do não indígena.

Antes de organizar a segunda oficina fiz a leitura da obra *Livro dos marcadores do tempo: pesquisas indígenas sobre percepções ambientais e mudanças do clima* (2023), um trabalho coletivo realizado por pesquisadores e pesquisadoras indígenas do Oiapoque para aprender como mudanças do clima afetam as práticas culturais e depois relacionar os conhecimentos com minha pesquisa.

Todas as leituras realizadas antes da organização e execução da segunda oficina de confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti) tinham o objetivo de relacionar as

experiências já realizadas com a minha experiência e de fortalecer cada vez mais minha pesquisa cientificamente.

As três aulas da segunda oficina foram programadas para os dias 14, 18 e 19 de março de 2024. As três aulas sobre a confecção de *abali* (apa) e *koehe* (cesto de folha de buriti) foram propostas para que os alunos tivessem o conhecimento sobre as duas tecnologias do povo Haliti-Paresi. As aulas foram programadas devido à mudança da turma, ou seja, por estar em 2024 com turma nova no Ensino Fundamental II. Assim, conforme a necessidade dos alunos, foi trabalhado sobre a confecção de dois cestos nos dias 14, 18 e 19 de março de 2024 na Escola Estivadinho, Sala Anexa da Cabeceira do Sacre na aldeia Estivadinho na Terra Indígena Estivadinho no município de Tangará da Serra – MT.

A segunda oficina de confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti), de acordo com o tempo do artesão, foi programado para dias 21, 22 e 23 de março de 2024. Mais uma vez, não conseguimos realizar a oficina de acordo com a programação. Mas, dessa vez, nós fomos além do esperado e da expectativa. Por estar em andamento o início da segunda oficina de confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti), em plena véspera da oficina, o artesão comunicou que não poderia vir na data de início devido aos seus compromissos. Com isso, os dois dias da oficina, 21 e 22 de março de 2024, aconteceram sob minha condução.

No terceiro dia da oficina, o artesão participou para explicar e tirar nossas dúvidas sobre a confecção dos dois cestos. Tivemos também, no terceiro dia, a visita de meu orientador Prof. Dr. Adailton Alves da Silva e de dois mestrandos não indígenas para nos acompanhar. Com tudo isso, estendemos a oficina para mais um dia devido ao tempo que o artesão precisou para explicar e tirar nossas dúvidas. A segunda oficina foi realizada nos dias 21, 22, 23 e 24 de março de 2024.

Para a realização das oficinas com alunos e interessados tivemos a contribuição da Cooperativa Hanama do povo Haliti-Paresi; Associação Indígena Enomaniyere, representante jurídica da Terra Indígena Estivadinho e Secretaria Municipal de Educação de Tangará da Serra na alimentação e na logística.

Após a execução da segunda oficina, durante um mês, fiz a descrição da oficina a partir das fotos e anotações feitas. Com a descrição da oficina, fiz análises e reflexões sobre o processo e a experiência com a realização das duas oficinas, sempre considerando o objetivo da pesquisa proposto no projeto. Com isso, pude começar a construir as novas estratégias para a última oficina e o caminho para inovação do conhecimento tradicional.

Para fundamentar a pesquisa, e de acordo com as indicações de meu orientador, tive o privilégio de ler e entender uma das obras mais importantes na construção das novas estratégias para a última oficina: Geometria dos Trançados Bora na Amazônia Peruana de Paulus Gerdes (2010); e também o livro A arte do trançado dos índios do Brasil: um estudo taxonômico de Berta G. Ribeiro sobre. As duas obras lidas foram essenciais para o direcionamento das novas estratégias e para inovação. Porque o livro de Paulus Gerdes me cativou, comprei o livro para ter em mãos, já que a primeira leitura foi com a obra emprestada de meu orientador.

Amparado nas experiências, leituras e reflexões feitas, comecei a programar a terceira e última oficina para produção da dissertação e produto pedagógico conforme exigência do Programa de Mestrado Profissional e Ensino em Contexto Intercultural Indígena – PPGECEI / UNEMAT.

A terceira oficina foi programada para os dias 30 e 31 de maio de 2024 com a mesma turma. Dessa vez, tivemos apenas pequenas mudanças no decorrer da realização da oficina. A última oficina foi realizada sem a presença do artesão, e baseada no aprendizado cosmológico, na prática feita e na teoria de Paulus Gerdes (2010). Executada nos dias 29, 30 e 31 de maio de 2024, a terceira oficina integrou o conhecimento tradicional e a descrição da matemática do povo Haliti-Paresi; a forma de organização foi padronizada, por isso, teve poucas mudanças. A oficina foi realizada seguindo a programação.

Após a realização da terceira oficina, fiz a descrição da vivência para fazer fechamento da experiência realizada com alunos e com comunidades interessadas. As ações foram realizadas para entender e construir novas estratégias e inovar o ensino e aprendizagem nas escolas indígenas Haliti-Paresi no contexto da Etnomatemática.

Após a execução das três oficinas, o primeiro passo foi organizar os dados coletados e adquiridos no decorrer das pesquisas. Em seguida, foi agendada uma conversa com meu orientador para o dia 30 de julho de 2024 na UNEMAT de Barra do Bugres para dialogar sobre a continuidade dos estudos deste pesquisador indígena.

Para ter mais informações sobre coisas recentes sobre o povo Haliti-Paresi, fiz a leitura da dissertação de mestrado Uma Etnografia do projeto agrícola da lavoura dos Haliti (Paresi) de Carolina Delgado de Carvalho (2024). Também fiz consultas com meu pai José Zoloizomae, minha mãe Leonice Naizokero, minha tia Regina, meu irmão Ronilso Zanazokae, meu cunhado Reginaldo Naizake e ancião Eusebio Kazazumae de aldeia Figueira sobre a retomada do nosso território e os processos de contato com não indígenas e de educação escolar na nossa região.

No dia 30 de julho de 2024, na UNEMAT de Barra do Bugres – MT, meu orientador e eu nos reunimos no período da manhã para alinhar sobre a produção da dissertação e do produto

pedagógico. Em conversa realizada com meu orientador e a partir da orientação, comecei a sistematização dos dados coletados.

O período de agosto e setembro de 2024 dediquei para a produção da dissertação e do produto pedagógico, e para a sistematização de todos os dados coletados, análises e considerações sobre a pesquisa realizada.

## 4.2 Metodologias específicas de três oficinas realizadas

### 4.2.1 Procedimentos metodológicos da 1ª oficina pedagógica

Sob orientação do pajé e artesão senhor Fernando Omoizokae da aldeia Santa Vitalina da Terra Indígena Formoso do município de Tangará da Serra – MT, foram realizadas duas confecções diferentes nas oficinas realizadas devido à prática e cosmologia cultural do povo Haliti-Paresi, que é própria do povo e de sua forma de ser praticada e daquilo que é ligado com o sagrado.

Na cultura Haliti-Paresi, as mulheres não confeccionam *abali* (apa). Desde a ancestralidade do povo Haliti-Paresi, somente os homens confeccionam *abali* (apa), e a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti) é feita tanto por mulheres quanto por homens. Na oficina, no entanto, somente as mulheres confeccionaram *Koehe* (cesto de folha de buriti). Por orientação do pajé e artesão, foi definido dessa forma para que todos(as) alunos(as) pudessem participar da primeira oficina.

A primeira oficina foi realizada nos dias 19, 20 e 21 de setembro de 2023, na aldeia Cabeceira do Sacre, na terra indígena Paresi localizada no município de Tangará da Serra – MT. A oficina aconteceu na Escola Municipal Indígena Cabeceira com a turma do Ensino Médio do 1º, 2º e 3º ano multisseriado da Sala Anexa da “Malamalali”.

O professor tradicional que trabalhou a confecção de *abali* (apa) na oficina foi o senhor Fernando Omoizokae, artesão e pajé da aldeia Santa Vitalina da terra indígena Formoso do município de Tangará da Serra – MT. E a professora tradicional que trabalhou a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti) na oficina foi a senhora Deolinda Ezomaero, artesã da aldeia Cabeceira do Sacre da Terra Indígena Paresi do município de Tangará da Serra – MT.

No dia 19 de setembro de 2023, terceira-feira, às 13:00 horas, foi realizada a abertura da oficina e apresentado o objetivo. Posteriormente, foi feito o diagnóstico com os alunos sobre as tecnologias do povo Haliti-Paresi com o intuito de verificar se sabiam confeccionar ou construir alguma tecnologia indígena do seu povo, e se conheciam ou faziam as tecnologias que seriam ensinadas na oficina.

O primeiro dia foi direcionado para a apresentação e para o aprendizado teórico. Os materiais usados para realização do diagnóstico com alunos foram lápis, borracha, caneta, caderno, papel A4, quadro e giz.

No segundo dia, 20 de setembro de 2023, quarta-feira, a oficina iniciou às 7:30 horas da manhã. No primeiro momento, foram apresentados oficialmente o professor tradicional Fernando Omoizokae e a professora tradicional Deolinda Ezomaero aos alunos; em seguida, foi organizada a divisão dos espaços das oficinas.

Por ser a primeira oficina, o professor tradicional levou as matérias-primas prontas. Antes de iniciar com confecção, fez uma breve explicação sobre a confecção e apresentou a forma que ele iria trabalhar na oficina; posteriormente, iniciou a parte da confecção de *abali* (apa) com os participantes, a oficina foi realizada na sala da escola. Já a oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) foi conduzida pela professora tradicional na área que fica ao lado da sala - esta foi uma estratégia para eu acompanhar as duas oficinas. A metodologia da professora foi a mesma do professor, ela veio com a matéria-prima pronta.

Sobre a metodologia do professor, ele fez, primeiro, a armação de um *abali* (apa) com tiras de *iyola* (taquara-lixia) para que todos participantes pudessem observar; a partir disso, fez a armação para cada participante dar sequência na confecção. Assim iniciou a oficina de confecção de *abali* (apa).

Na metodologia da professora, ela colocou a disposição as folhas de buriti para as participantes; em seguida, fez um cesto para que todas observassem como confeccionar um *koehe* (cesto de folha de buriti); posteriormente, cada uma começou sua confecção. Assim iniciou a oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti).

Para poder acompanhar os trabalhos realizados, constantemente dividia meu tempo para as duas oficinas executadas pelo professor tradicional Fernando Omoizokae e pela professora tradicional Deolinda Ezomaero. Com isso, fiz o máximo para acompanhá-los e aprender também as confecções de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti), e entender as confecções dentro da matemática escolar. Assim, foi a rotina durante a realização das oficinas.

No período da manhã, na oficina de confecção de *abali* (apa), o professor tradicional fez constantemente a explicação individual para cada participante por ser uma confecção nova para os participantes e pela complexidade da confecção. Com isso, o período da manhã teve pouco avanço na confecção de *abali* (apa). Já na oficina ministrada pela professora Deolinda, por ser uma confecção fácil de realizar e menos complexa, com a orientação da professora, cada participante conseguiu produzir um cesto no período da manhã.

A professora e o professor utilizaram a metodologia tradicional, ou seja, ele e ela fazem primeiro para todos participantes observarem com maior atenção a confecção e a explicação, depois cada um faz a confecção apenas com orientação do professor tradicional e da professora tradicional. No decorrer da manhã, além de fazer máximo para acompanhar as duas oficinas, também trabalhei como auxiliar do professor e da professora com o pouco de conhecimento que já tenho sobre as confecções.

No período vespertino, as oficinas retornaram com as atividades às 13:00 horas. O professor deu continuidade na sequência da confecção de *abali* (apa) com os participantes. A professora da oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) colocou mais folhas de buriti à disposição para as participantes praticarem a confecção e tirarem suas dúvidas no decorrer da prática. Com isso, a oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) encerrou às 15:00 horas.

A oficina de confecção de *abali* (apa), por ser uma confecção complexa, estendeu-se até as 17:00 horas. Nessas duas horas, trabalhei como auxiliar do professor para ajudar os participantes na sequência de colocação das tiras. Com isso, só dois participantes conseguiram avançar.

O segundo dia das oficinas iniciou às 7:30 horas da manhã. O professor deu continuidade à colocação das tiras para que cada participante pudesse concluir sua confecção até a tarde. Assim iniciou o segundo dia da oficina ministrada pelo professor tradicional Fernando Omoizokae.

Neste segundo dia, a professora propôs para cada participante continuar com a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) para praticar mais e ter domínio na confecção. Eu fui orientando cada uma delas. Por não ser complexa e por ter alcançado o resultado, a professora encerrou a oficina às 11:00 horas. Na primeira oficina, cada participante produziu dois ou três *koehe* (cesto de folha de buriti).

Para acompanhar as duas oficinas, dividi o tempo para poder socializar com todos e aprender, e também ajudei o professor e a professora. Com tudo isso, na oficina do professor no período da manhã, só dois avançaram nas suas confecções e os demais não conseguiram avançar devido à complexidade e falta de dedicação.

Assim que almoçamos e após um pouco de descanso, o professor retomou a oficina de confecção de *abali* (apa) com os participantes para concluir a confecção até às 15:00 horas. Ao retornar, assumi a função de auxiliar do professor tradicional para ajudar os participantes na confecção. Assim, às 14:00 horas, o primeiro participante conseguiu concluir a confecção, e

com apoio do professor e participantes, conseguimos avançar, mas até às 15:00 horas somente mais um aluno conseguiu concluir a confecção.

Devido o retorno do professor tradicional para sua aldeia, encerramos a primeira oficina às 15:00 horas. Sendo assim, apenas dois participantes conseguiram concluir a confecção de *abali* (apa), os outros 4 participantes só avançaram com confecção. Com isso, o professor comprometeu fazer a conclusão dos cestos e entregar para os participantes depois. Também propôs ensinar todo processo de confecção de *abali* (apa) na próxima oficina. Assim encerramos a primeira oficina.

#### 4.2.2 *Procedimentos metodológicos da 2ª oficina pedagógica*

Sob orientação e experiência do pajé e artesão senhor Fernando Omoizokae da aldeia Santa Vitalina da Terra Indígena Formoso do município de Tangará da Serra – MT, as duas confecções diferentes foram realizadas na segunda oficina, devido à prática e cosmologia cultural do povo Haliti-Paresi, que é próprio do povo e de sua forma de ser praticada, e daquilo que é ligado com os sagrados. Pela experiência da primeira oficina, o pajé e artesão definiu dessa forma para que todos(as) alunos(as) pudessem continuar participando da segunda oficina.

Com isso, a segunda oficina foi organizada para dias 21, 22 e 23 de março de 2024, na aldeia Estivadinho, na Anexa Estivadinho com a turma do Ensino Fundamental do 6º, 7º e 8º ano multisseriado. O professor tradicional Fernando Omoizokae, artesão e pajé, aceitou dar continuidade e ensinar a confecção de *abali* (apá) e *Koehe* (cesto de folha de buriti).

Na segunda oficina, somente o professor tradicional Fernando Omoizokae ministrou as duas confecções devido à quantidade de alunos e viabilidade financeira. Por tomar o tempo dele e da professora Deolinda Ezomaero, os professores foram gratificados na primeira oficina, porém nesta a programação da oficina foi organizada com um professor.

A segunda oficina foi realizada com uma turma diferente da anterior. Por isso, nos dias 14, 18 e 19 de março de 2024, foi trabalhado com alunos (as) na aula de Matemática sobre as confecções, na perspectiva de os discentes ter noção sobre a confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti) a partir da descrição da matemática do povo Haliti-Paresi presente nos cestos. A troca de turma aconteceu porque voltei a atuar em sala de aula como professor e foi com essa turma que estava trabalhando em 2024.

Para facilitar a compreensão, a explicação partiu da descrição da matemática do povo Haliti-Paresi presente nos cestos para que alunos(as) tivessem o entendimento da sistematização das confecções. Os materiais utilizados nas três aulas foram os cestos já confeccionados na primeira oficina. A partir disso, foram explicadas as numerações dos cestos para discentes na

lousa; após isso, a prática da armação dos cestos que seriam trabalhados na segunda oficina foi feita com E.V.A, assim como as sequências das confecções dos cestos.

No dia 14 de março de 2024, das 15:00 às 17:00, foi realizada a primeira aula teórica e prática com os(as) alunos(as). No primeiro momento, trabalhei a teoria com os(as) alunos(as) e expliquei a numeração central e sua sequência na lousa. Após isso, utilizando E.V.A., fizemos a prática para entender a confecção central da numeração. Por ser na E.V.A. na prática, todos(as) alunos(as) participaram.

No dia 18 de março de 2024, das 15:00 às 17:00, foi realizada a segunda aula sobre as confecções de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha). No primeiro momento, fiz a explicação geral no quadro e tirei as dúvidas de cada um. Porém, na segunda aula, na atividade prática, separei as meninas dos meninos. Com os meninos, praticamos mais uma vez a confecção central de *abali* (apa) com E.V.A, e com as meninas fizemos a prática de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) na folha de buriti. Por ser matéria-prima fácil de encontrar, foram utilizadas as folhas menores para as meninas fazer a prática.

No dia 19 de março de 2024, das 13:00 às 15:00, foi realizada a última aula sobre cestos, antes de iniciar a segunda oficina. Na última aula, os alunos e as alunas começaram com as confecções dos cestos. Os meninos, a partir das aulas já realizadas, fizeram a armação central de *abali* (apa) com matéria-prima verdadeira, para no início da oficina mostrarem para o artesão avaliar o início da confecção. As meninas também fizeram a segunda confecção com folha de buriti para confeccionar *Koehe* (cesto de folha de buriti). Foi uma pequena experiência com alunos antes da oficina. Assim encerramos as três aulas.

Apesar das dificuldades e desafios, a segunda oficina foi realizada nos dias 21, 22, 23 e 24 de março de 2024. Por conta de imprevistos, iniciamos a segunda oficina de confecção de *abali* (apa) e *koehe* (cesto de folha de buriti) às 15:00 sem a presença do professor tradicional. Porque já havíamos começado a armação central de *abali* (apa), os alunos deram sequência na confecção sob minha orientação.

As meninas, com a disponibilidade de matéria-prima e também sob minha orientação, começaram a confeccionar *koehe* (cesto de folha de buriti). Com as duas práticas realizadas por uma das alunas e por ela ter aprendido a confeccionar, ajudou a colega na confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti).

Encerramos o primeiro dia da oficina às 17:00 horas. Neste período, os meninos conseguiram avançar na sequência da confecção. Por imprevisto, usamos a matéria-prima que sobrou na primeira oficina. No caso das meninas, cada uma confeccionou um cesto nesse

período devido à facilidade de encontrar a matéria-prima, as folhas de buriti foram coletadas no dia da oficina. Assim encerramos o primeiro dia oficina.

No dia 22 de março de 2024, iniciamos o segundo dia de oficina às 7:00 horas em razão de as duas oficinas estarem sob minha orientação. Foi usada a sala da escola: um lado da sala foi reservado para os participantes da oficina de confecção de *abali* (apá) e o outro lado foi destinado para as participantes da oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), assim foi organizado o segundo dia da oficina. Também os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental participaram da oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti).

As únicas ferramentas utilizadas nas oficinas foram facas pequenas para cortar as tiras e folhas de buriti. Na oficina de confecção de *abali* (apá), um ex-aluno do Ensino Médio que participou da primeira oficina veio, a meu convite, para confeccionar e para auxiliar os participantes. Na oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), a aluna Thayla auxiliou as demais participantes.

Os participantes da oficina de *abali* (apá) continuaram com a sequência da confecção com minha ajuda e do ex-aluno do Ensino Médio. As participantes da oficina de *koehe* (cesto de folha de buriti) iniciaram com a confecção do cesto e no decorrer do tempo ensinavam as confecções aos participantes e registravam os momentos das oficinas.

Às 11:00 encerramos o segundo dia da oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti). Fiz o encerramento da oficina do dia devido ao andamento das produções, pois neste período todos(as) participantes confeccionaram seus cestos. A confecção de *abali* (apá) teve bom andamento.

Às 13:00 retornamos com a oficina de confecção de *abali* (apá) para que os meninos pudessem concluir e adiantar a confecção do cesto. Por ser neste período a única oficina, dei mais atenção para cada participante. Com o andamento da oficina, encerramos o segundo dia às 15:00 horas. Até o encerramento, dois participantes conseguiram concluir a confecção e os demais adiantaram muito a confecção.

Para validar nosso trabalho, no dia 23 de março de 2024, fui até o professor tradicional na aldeia dele em plena madrugada para avaliar as nossas confecções e fazer o fechamento das oficinas. Ao mostrar as confecções para o professor tradicional, ele validou nosso trabalho. E disponibilizou-se para, no último dia, tirar as nossas dúvidas e ensinar a preparação das tiras, argolas e a finalização do cesto. Com este compromisso, o professor veio para o último dia das oficinas.

O terceiro dia das oficinas foi realizado no dia 23 de março de 2024, às 7:30, com presença do artesão Fernando Omoizokae. Na oficina de confecção de *abali* (apá), devido à

preparação das matérias-primas, foram utilizadas facas, facões, lima e corda de barbante. Por isso, a oficina iniciou na área da escola. A primeira atividade que o professor nos ensinamos foi a preparação das tiras a partir de talos de *iyola* (taquara-lixo).

Na oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), o terceiro dia continuou na sala da escola sob minha orientação e com o auxílio da aluna Thayla. Na oficina, foram disponibilizadas as matérias-primas à vontade para as participantes desenvolverem a prática à vontade. Assim, iniciaram as oficinas.

No decorrer das oficinas, o orientador de minha pesquisa, Prof. Dr. Adailton Alves da Silva chegou com dois mestrandos não indígenas para acompanhar as oficinas no dia. Tanto meu orientador como os mestrandos foram socializando e participando das oficinas.

Ainda no período da manhã, após ensinar a preparação das tiras, o professor tradicional nos ensinou a preparação das argolas feitas de *manihokore* (negramina). Com essa atividade fechamos a parte da manhã. Na oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), no decorrer do tempo, as participantes foram confeccionando os cestos e concluindo a confecção e com isso fizemos a finalização da segunda oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) às 11:00.

Após o almoço, retornamos às 13:00 horas somente com a oficina de confecção de *abali* (apá) para concluir os cestos que ainda não haviam sido concluídos e para tirar as dúvidas sobre a sequência da confecção. Com essa atividade encerramos a oficina às 16:00 horas. O professor tradicional disponibilizou-se para, no dia 24 de março de 2024 no período da manhã, ensinar os participantes sobre a costura do cesto e a finalização da confecção.

Sendo assim, iniciamos o último dia da oficina de confecção de *abali* (apá) às 7:00 da manhã. A primeira atividade realizada pelo professor tradicional com os participantes foi colocar as argolas na confecção feita com tiras para formar a circunferência. Na realização da atividade foram utilizadas facas, um pedacinho de ferro para fazer furos no cesto, fio de tucum e cera.

A penúltima atividade foi a costura dos cestos nas argolas. Para isso, foi utilizado barbante de *ididihi* (urubamba). Depois, a última atividade foi o corte de pontas de tiras no cesto. Com isso, finalizamos a segunda oficina de confecção de *abali* (apá) às 12:00 horas no dia 24 de março de 2024.

#### 4.2.3 Procedimentos metodológicos da 3ª oficina pedagógica

A partir das experiências realizadas nas duas oficinas, a terceira oficina é principal para os(as) participantes começarem a entender e ter noção da confecção de *abali* e *koehe* com base

na experiência do Paulus Gerdes (2010) e com a descrição epistemológica do povo Haliti-Paresi sobre cestos. Com isso, as oficinas não foram ministradas pelo artesão tradicional. Isso não significa que a metodologia da oficina excluiu o conhecimento tradicional, a metodologia foi amparada no ensinamento do artesão nas duas oficinas e alinhada com a experiência de Paulus Gerdes (2010) sobre como confeccionar a partir da matemática presente nos cestos. Com esse desafio, a metodologia da oficina foi organizada e executada.

Com isso, continuei a realização de duas confecções de maneira diferente na terceira oficina devido à prática e cosmologia cultural do povo Haliti-Paresi. Devido a isso, a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti) foi para as mulheres e crianças. Com o aprendizado na cultura Haliti-Paresi e com orientação do pajé e artesão, continuei as duas oficinas.

Mas, a programação e o tempo das oficinas foram diferentes. Por ser uma confecção simples e outra é complexa, as oficinas foram realizadas sob minha orientação e com o auxílio da aluna Thayla e do ex-aluno Geneson do Ensino Médio. Na oficina, foi trabalhado todo o processo de confecção dos dois cestos, desde o início até a finalização dos cestos para os participantes entender e aprender o processo de confecção.

A terceira oficina foi realizada nos dias 29, 30 e 31 de maio de 2024, na aldeia Estivadinho, na Anexa Estivadinho com a turma do Ensino Fundamental do 6º, 7º e 8º ano multisseriado, séries iniciais e comunidades interessadas.

As confecções dos cestos de *abalinae* (apás) foram padronizadas para que os participantes pudessem concluir a confecção de acordo com o tempo da oficina. Além disso, para os participantes entender melhor o processo de confecção, os cestos foram confeccionados no tamanho pequeno. Para a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), foram disponibilizadas as matérias-primas à vontade para as participantes praticarem mais para compreender a confecção.

No dia 29 de maio de 2024, no período de vespertino, fui com dois alunos em busca de matéria-prima *iyola* (taquara-lixá) na terra indígena Figueira para que pudéssemos realizar as oficinas de acordo com a programação. Com isso, tiramos nove talos de *iyola* (taquara-lixá).

No dia 30 de maio de 2024, foi realizado o primeiro dia das oficinas, às 6:00 horas da manhã, fui em busca de matéria-prima para a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) na aldeia Kolidiki na terra indígena Paresi com meu filho.

A abertura da terceira oficina aconteceu às 8:00 da manhã. Após, foi apresentada a metodologia da oficina aos participantes. Com isso, organizei os espaços para acompanhar, orientar e ensinar os participantes das duas oficinas. A oficina de confecção de *koehe* (cesto de

folha de buriti) foi executada na sala da escola e a oficina de confecção de *abali* (apá) na área da escola.

Comecei com a oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), explicando para as participantes como confeccionar o cesto com folha de buriti e, após isso, deixei a oficina sob responsabilidade da aluna Thayla para orientar e ajudar as colegas na confecção. A única ferramenta utilizada na oficina foi a faca.

Posteriormente, iniciei a oficina de confecção de *abali* (apá) com a preparação das tiras a partir de talos de iyola (taquara-lixia). Para essa atividade, foram utilizadas facas, facões e lima. A partir do início das oficinas fui dividindo meu tempo nas oficinas.

Sob minha orientação e com a ajuda da minha aluna, todos e todas conseguiram confeccionar *koehe* (cesto de folha de buriti) até às 11:30 horas. Sendo assim, finalizamos a terceira oficina e conseguimos realizar as três oficinas propostas inicialmente. Na oficina de confecção de *abali* (apá), até às 11:30, os participantes conseguiram produzir tiras suficientes para a confecção do cesto. Com isso encerramos a parte da manhã.

Retornamos às 13:30 com a oficina de confecção *abali* (apá). A primeira atividade realizada com as participantes foi a armação do cesto com tiras e, posteriormente, os participantes continuaram com a sequência da confecção. Essa atividade foi trabalhada até às 15:00 horas.

Deixamos a sequência da confecção para o dia seguinte. A segunda atividade realizada com os participantes a partir das 15:00 foi a preparação das argolas. Para esta atividade, utilizamos facas, facões e barbantes de novelo para fazermos as argolas de *manihokore* (negramina). Todos os participantes conseguiram fazer argola até às 16:30 horas. Após isso, as argolas foram levadas ao jirau para secar e ser usadas no dia seguinte. Assim, encerramos o primeiro dia da oficina de confecção de *abali* (apá).

No dia 31 de maio de 2024, às 8:00 horas, iniciamos o segundo dia da oficina de confecção de *abali* (apá) com o objetivo de concluir a sequência da confecção. Com isso, os participantes continuaram com a confecção. Apesar da forma padronizada, o primeiro participante conseguiu concluir às 10:30 e, posteriormente, mais participantes concluíram suas confecções e a última participante concluiu sua confecção às 11:30 horas. Com isso, deixamos para o período da tarde a colocação de argolas, costura do cesto e finalização da confecção.

Retornamos às 13:30 e a primeira atividade realizada foi a colocação das argolas na confecção. Usamos para essa atividade facas, tiras, barbantes de novelo, fio de tucum, cera e um pedacinho de ferro para furar as tiras. Após todos os participantes colocarem as argolas, passamos para a segunda atividade no período da tarde.

A segunda atividade foi costurar os cestos com barbante de *ididihi* (urubamba). Na execução desta atividade, usamos um pedacinho de ferro para furar as tiras, cera e barbante de *ididihi* (urubamba). Apesar das dificuldades das participantes, todos conseguiram costurar seu cesto.

Com isso, a última atividade da oficina foi o corte de tiras que sobraram na costura. Por não ser tão complexa essa parte, todos conseguiram finalizar seu cesto com facilidade. No decorrer da oficina, a metade dos participantes desistiu, com isso encerramos a terceira e última oficina com cinco participantes às 17:10 horas. Assim, encerramos a etapa das oficinas com o objetivo alcançado nas três oficinas.

#### *4.3 Alicerces da pesquisa e experiência realizada*

O RCNEI (1998) garante aos povos indígenas o direito de estabelecerem formas particulares de organização escolar. Isto é, a partir da Constituição de 1988 e com a nova LDB, oportunizou-se aos povos originários construir uma **Educação Escolar Indígena Específica Diferenciada** a partir da sua realidade (pag.11). Com essa oportunidade, nós professores indígenas, pudemos consolidar e garantir aquilo que é nosso direito. Baseado nisso, a proposta desta pesquisa e realização das experiências foi realizada.

Para sustentar a realização da pesquisa e a experiência, busquei o texto do professor Argüello (2002) publicado no Caderno de Educação Escolar Indígena publicado em 2002 que afirma que:

O etnoconhecimento é peça fundamental na nossa proposta de construção de uma escola indígena, que seja algo mais que uma escola de brancos pensada para índios. Propomos uma escola que incorpore o saber dos anciões, as características da educação indígena ancestral, integrada à comunidade, e que resgate da escola do branco os saberes necessários a seu empowerment e a prática da Educação Libertadora (Argüello, 2002, p 146).

Em 2002, Argüello (2002), com sua experiência, já falava por nós indígenas qual educação indígena escolar seria melhor para nós. A própria cultura e realidade indígena afirmam as palavras do professor. Mais importante na atualidade é nós professores indígenas colocar isso na prática para garantir nossos saberes, identidade e direito.

Conforme D'Ambrosio (2022), o programa de Etnomatemática é o grande motivador de pesquisa. O autor nos diz que Etnomatemática é procurar entender o SABER/FAZER matemático ao longo da história da humanidade (p.17). O programa nos oportuniza fazer e saber aquilo que faz parte da nossa vida através da ciência científica.

Com isso, a partir das mobilizações dos últimos artesãos e anciões, tive a oportunidade de pesquisar e ter experiência através da Universidade de Estado de Mato Grosso, para fortalecer a cultura e criar as novas estratégias para o ensino do saber/fazer na escola Haliti-Paresi. Com tudo isso, Ribeiro (1985) já previa ameaças de descaracterização e extinção de bens culturais (p. 137) no livro publicado *A Arte do Trançado dos Índios Brasileiros*.

A experiência de Gerdes (2010) na Geometria dos Trançados Bora na Amazônia Peruana lançou o desafio para nós, professores e pesquisadores indígenas, investigar as tecnologias indígenas para entender, fazer e saber o contexto da educação indígena. E, principalmente, nos convida para fazer a reflexão conjunta sobre essas experiências realizadas.

Baseado nisso, foram realizadas três oficinas sobre a confecção do *Abali* (apá) e *Koehe* (cesto de folha de buriti) organizadas por mim, mestrando **Leandro Nenezokae**, morador da aldeia Estivadinho da Terra Indígena Estivadinho do município de Tangará da Serra – MT e meu orientador Prof. Dr. **Adailton Alves da Silva** da UNEMAT de Barra do Bugres – MT.

As referidas Oficinas Pedagógicas fazem parte da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação Em Ensino Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI, na linha de pesquisa de Ensino, Docência e Interculturalidade e versam sobre a Tecnologias do Povo Haliti-Paresi.

Para tanto, nos pautamos nos pressupostos da Etnomatemática a partir de saber/fazer para explicar, aprender a matemática do povo Haliti-Paresi nos cestos. As oficinas foram realizadas com as turmas de Ensino Médio 1º, 2º e 3º ano multisseriado na Sala Anexa Cabeceira do Sacre da Escola Estadual Indígena da Educação Básica “Malamalali”, na aldeia Cabeceira do Sacre da Terra Indígena Paresi no município de Tangará da Serra – MT e com alunos de séries iniciais e finais do Ensino Fundamental da Estivadinho da Sala Anexa da Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre e comunidades da Terra Indígena Estivadinho no município de Tangará da Serra – MT.

Com a finalidade de entender e compreender a matemática do povo Haliti-Paresi nas confecções dessas tecnologias indígenas, o principal objetivo do projeto de pesquisa de mestrado foi valorizar e fortalecer enquanto está viva a prática de confecção de tecnologias indígenas do povo Haliti-Paresi através da Educação Escolar Indígena.

A proposta do projeto foi provocar a comunidade através das ações realizadas durante a pesquisa para os alunos e comunidades apreenderem a importância das tecnologias indígenas na sua vivência. Nesse sentido foi pensado o projeto inicial.

O segundo passo do projeto de pesquisa de mestrado foi dar possibilidades aos educadores indígenas trabalhar com Etnomatemática nas escolas Haliti-Paresi para que possam ajudar no desenvolvimento dos alunos na escola nas disciplinas de Matemática e na Ciências.

O terceiro passo foi fortalecer os saberes dos pajés, anciões e artesãos. Além disso, entender a matemática indígena que está presente nas confecções das tecnologias indígenas. O princípio da escolha da temática foi a partir da escuta e de acompanhar as mobilizações dos últimos anciões e artesãos.

A partir de então, tive a oportunidade de fazer a pesquisa e provocar através das ações realizadas com os alunos e as comunidades para que alunos e comunidades comecem a pensar sobre a importância da existência das tecnologias indígenas nas suas vivências. Como pesquisador indígena, pude gerar um produto pedagógico na perspectiva da matemática do povo Haliti-Paresi para apoio pedagógico nas escolas indígenas Haliti-Paresi.

#### *4.4 Produção de dados das oficinas realizadas nas duas confecções da tecnologia do povo Haliti-Paresi*

##### *4.4.1 O Eheroware ensinando os primeiros netos Haliti-Paresi a confecção das cestarias do povo Haliti-Paresi*

Este relato é transcrito de acordo com a história narrada pelo artesão e pajé Fernando. Portanto, respeitamos sua voz e preservamos seu dizer.

Quando os primeiros Haliti-Paresi saíram da pedra, não sabiam a confeccionar as cestarias. Naquele tempo somente *Eheroware* sabia confeccionar as cestarias.

O *Eheroware* já vivia naquele tempo neste mundo, ele é conhecido como um ser imortal. É grande conhecedor do universo, pajé e artesão. A pessoa que tinha domínio dos conhecimentos é principal papéis que faziam é a confecção das cestarias e pajelança.

Após, os primeiros Haliti-Paresi sair do Ponte de Pedra e passar dos tempos. Com a missão cumprida na terra, o *Eheroware* decidiu retornar o mundo celestial para seguir com seus compromissos. Antes de deixar a terra, decidiu ensinar os primeiros netos Haliti-Paresi a confecção das cestarias, para que seus netos dê a continuidade da sua sabedoria na terra.

Reuniu-se com seus netos, e fui explicando a importância das cestarias, a complexidade da confecção e utilidade para Haliti-Paresi. Na sua explicação disse para netos: que todas cestarias tem a numeração de *hatita*, *hinyama*, *hanama*, *zalakakwa*, *halakwa kaheti*, *hatsewekakwa* (um, dois, três, quatro, cinco e seis).

Assim ele fui explicando por passo por passo a confecção das cestarias. É vendo seus primeiros netos Haliti-Paresi aprendendo a fazer as cestarias que são: *abali* (apá), *atyó* (peneira), *koho* (xire), *kohokitxitse* (xirinho), *kowae* (abano), *koehe* (cesto de folha de buriti), *tohidi* (pacará).

Com isso, fui ensinando os netos sobre regras das cestarias. É disse aos netos: vocês aprenderam a confeccionar as cestarias, o próximo passo é vocês escolher uma mulher trabalhadora e entrega para ela de presente. O primeiro cesto que vocês fizeram, não pode ficar com vocês e nem comer nada colocado e feita na primeira produção de vocês.

A segunda confecção de vocês é para uso de vocês e sua esposa. Essa é regra principal da confecção das cestarias. Caso vocês não cumprir essa regra, vocês vão desaprender a confecção das cestarias. Assim, *Eheroware* deixou a terra, para retornar no mundo celestial.

É disse, aos netos: \_cumpri meu dever na terra e estou indo embora para mundo celestial para cumprir meu dever, não esqueça o quê ensinei a vocês. Nunca irei, mais retorna a terra, por isso lembre-se dos meus ensinamentos. Assim *Eheroware* deixou a terra.

Os primeiros Haliti-Paresi fui vivendo após ensinamento do avô, mas, infelizmente não cumpriram aquilo que avô *Eheroware* ensinou a eles. Com isso, esqueceram a confecção das cestarias. É ficaram tristes por não ter cumprido o ensinamento do avô.

É começaram pensar, como nós vamos fazer para nosso avô volta para terra para ensinar nós mais uma vez a confecção das cestarias? Após eles pensar muito para achar a estratégia para avô volta a terra para ensinar mais uma vez. Eles tiveram ideias de matar muito *konare* (cará), para apodrecer para possa atrair avô *Eheroware* com cheiro para descer do mundo celestial para ensinar a eles mais uma vez.

Ao passar do tempo *konarenæ* (os carás) foram apodrecendo. Com isso, o avô *Eheroware* fui descendo do mundo celestial por atração do cheiro. Ao aproximar a terra, quando avisto os netos, fui dizendo: \_O que vocês querem comigo netos? Não poderei pousar na terra, o que é para fazer na terra já fiz.

Os netos foram falando enquanto o avô voa: \_avô, esquecemos a confecção das cestarias que nós ensinamos. Queremos que nos ensine de novo? \_Ensinei já vocês. Infelizmente, vocês não cumpriram aquilo que ensinei a vocês.

Mas, explicarei para vocês como fazer as cestarias. Preste atenção, todas cestarias tem numeração de *hatita*, *hinyama*, *hanama*, *zalakakwa*, *halakwa kaheti*, *hatsewekakwa* (um, dois, três, quatro, cinco e seis). Base do abano é um, base da peneira é dois, base da apă é três, base do xire é quatro ou cinco e base da pacará é seis.

Fui explicando é sobre voando a terra, vendo os netos fazendo as cestarias. É fui subindo de novo para mundo celestial e antes de sumi. Deixou sua mensagem para seus netos, mas que vocês fizeram de novo armadilha não descerei mais. Ensinei o que é para ensinar vocês.

Apenas o *Kamahiye* aprendeu e cumpriu a regra. Aprenda com ele. Assim o *Eheroware* voltou para o mundo celestial. Sendo assim, o iniciou da história sobre as cestarias do povo

Haliti-Paresi. Com isso, somente *Kamahiye* teve a técnica e domínio de fazer as cestarias e demais irmãos não aprenderam a técnica e domínio.

*Kamahiye* é uma pessoa sábio entre seus irmãos. Com isso, as histórias narradas por anciões, pajés e artesãos afirma que somente os subgrupos de *Katxiniti* e Waimare tem mais técnicas e domínios de confeccionar todas cestarias. Raramente entre demais subgrupos do povo Haliti-Paresi tem a técnica e domínio de fazer as cestarias do povo Haliti-Paresi.

#### 4.4.2 A descrição da execução da primeira oficina de Confeção dos *Abali* (apá) e *Koehe* (cesto de folha de buriti)

A oficina de confecção de *abali* (apá) e *Koehe* (cesto de folha de buriti) foi realizada nos dias 19, 20 e 21 de setembro de 2023, na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre na aldeia Cabeceira do Sacre na Terra Indígena Pareci no município de Tangará da Serra – MT.

Participaram da oficina alunos do Ensino Médio do 1º, 2º e 3º ano da turma multisseriada da Sala Anexa da Escola “Malamalali”. Os(as) alunos(as) são das aldeias Cabeceira do Sacre, Estivadinho, Ityaotse e Kolidiki.

Uma semana antes da oficina, o professor tradicional Fernando Omoizokae, naturalmente, propôs a forma que ele iria ensinar os alunos na confecção da cestaria no dia da oficina. Simplesmente, disse para mim: “O genro, pensei acordou com minha experiência e aprendizado mudar a forma do ensinar seus alunos na oficina de confecção da cestaria.”

A proposta de mudança que o professor tradicional fez é que ele iria organizar a matéria-prima e levaria pronta a matéria-prima para a oficina da confecção de *abali* (apá). Segundo ele, a confecção de *abali* (apá) é menos complexa do que outras cestarias do povo Haliti-Paresi.

Para aprender a confecção das demais cestarias, tem que aprender primeiro a confecção de *abali* (apá). Sendo ele autoridade na confecção das cestarias, foi acatada a mudança. Com suas palavras sinceras disse: “Na segunda oficina faremos desde iniciou a confecção para os alunos possa a começar compreender todo processo de confecção.”

Com isso, ficou para a oficina seguinte a programação proposta na primeira conversa. Também a professora tradicional fez uma pequena mudança e propôs que ela retiraria a matéria-prima para a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti), e na segunda oficina faríamos o processo de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) desde o início.

No decorrer dos dias, essas mudanças apresentadas pelo artesão e artesã sobre ensino da confecção da cestaria na oficina aconteceram naturalmente. Além disso, a realização da oficina aconteceu de acordo com o tempo do artesão e da artesã, pois, principalmente o artesão,

por estar em um momento difícil com a família (questão de saúde), cedeu seu tempo de dois dias.

Sendo assim, foi realizada no dia de 19 de setembro de 2023, na terça-feira, às 13:00 horas na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre da aldeia Cabeceira do Sacre da Terra Indígena Paresi do município de Tangará da Serra do estado de Mato Grosso do Brasil. Com a presença dos professores do Ensino Médio, do cacique e de 11 alunos do Ensino Médio fizemos abertura da oficina. Eu, como pesquisador, dei boas vindas e oficialmente apresentei o objetivo da oficina.

Posteriormente, o cacique fez sua fala, destacando a importância da ação realizada por mim e incentivou os jovens para participar da oficina. Em seguida, os professores Ângelo Kezomae e Gelson Zezokiwe fizeram suas considerações sobre o evento que estava realizando e a importância da ação com alunos do Ensino Médio. Após o intervalo, retornamos e fiz aplicação de avaliação de diagnóstico sobre Tecnologias Indígenas Haliti-Paresi com 11 alunos do Ensino Médio.

Figura 2 - Os alunos fazendo a avaliação na sala de aula.



Fonte: Acervo pessoal (2023).

A avaliação sobre a tecnologia indígena Haliti-Paresi foi aplicada para diagnosticar o conhecimento e prática que cada aluno desenvolve em sua comunidade. A partir da escrita dos alunos sobre o assunto e suas apresentações, pude entender a mobilização dos velhos e anciões.

Todos não conhecem a confecção de *abali* (apá) e *Koehe* (cesto de folha de buriti) e muito menos a confecção. No depoimento, a maioria dos alunos disseram não saber

confeccionar nenhuma tecnologia indígena Haliti-Paresi; poucos disseram que praticam a confecção de tecnologia indígena, como a construção de casa tradicional e pulseira.

Na primeira ação realizada com alunos na oficina, constatamos a situação preocupante: a questão da tecnologia indígena com a nova geração. Isso significa que as novas gerações não têm acesso ao uso e confecção das tecnologias indígenas e têm pouca participação nas práticas tradicionais. Com avaliação e apresentação, encerramos o primeiro dia da oficina.

No dia 20 de setembro de 2023, quarta-feira, iniciamos o segundo dia da oficina de confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti), às 7:30 horas da manhã, na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre. Com a presença do professor tradicional e da professora tradicional, fizemos uma breve apresentação dos professores e da metodologia que ele e ela iriam trabalhar durante os dois dias.

Figura 3 - O professor Fernando Omoizokae explicando a metodologia da confecção



Fonte: Acervo pessoal (2023).

O professor tradicional se apresentou aos alunos e me agradeceu pelo convite por estar conosco nessa data. E disse ser uma honra estar presente para ensinar a confecção de *abali* (apá) para jovens estudantes. Antes de tudo, falou sobre sua preocupação com o risco de adormecimento de confecções das cestarias do povo Haliti-Paresi. Nas suas palavras, disse aos jovens presentes que “os nossos conhecimentos e práticas tradicionais depende de cada um para dar continuidade com a essência do povo Haliti-Paresi”.

Além disso, fez a comparação com aprendizado na escola e na vivência. Simplesmente fez a pergunta para os alunos: O quê vocês fazem para aprender a escrita e leitura da língua de não indígena na escola com professores de vocês? A resposta dos alunos foi no seguinte sentido: Na escola esforçamos, dedicamos, prestamos atenção e praticamos para aprender a escrita e leitura da sociedade não indígena. Assim aprendemos na escola.

O artesão e pajé com suas sinceras palavras continuou com sua fala: “Na nossa cultura é mesma coisa, precisamos observar, presta atenção, praticar e dedicar para podemos adquirir conhecimentos e práticas. Aqui vai depender de cada um de vocês para aprender durante os dois dias na prática da confecção de *abali* (apá)”.

Assim, o professor iniciou com a confecção de *abali* (apá) com alunos. Primeiro, ele fez uma armação de base de confecção de *abali* (apá) para os alunos observarem como iniciar a confecção, para isso ele convidou todos para ficar ao redor dele para observar e prestar atenção naquilo que deve ser feito no início. E foi explicando como iniciar a confecção e formar a primeira base.

Posteriormente, fez a base para cada participante e depois cada um deu sequência na confecção. Durante o início da armação, o professor foi contando a origem da cestaria e a regra da confecção. Segundo ele, *Eheroware* (Avô do urubu) fez primeiras confecções das cestarias do povo Haliti-Presi. Ele ensinou os primeiros Haliti-Paresi a confecção da cestaria.

Explicando a regra da confecção: de acordo com a história narrada, quando você aprender a fazer a cestaria pela primeira vez, assim que terminar o cesto, você tem que escolher uma pessoa trabalhadora para presentear esta pessoa. Com isso, você aprenderá a fazer o cesto com facilidade e sem esquecer a confecção da cestaria. A regra da confecção foi narrada pelo professor durante o início da confecção de *abali* (apá). Assim, foi ensinando os jovens como fazer a base da confecção de *abali* (apá).

Figura 4 - A armação do início da confecção de *abali* (apá).



Fonte: Acervo pessoal (2023).

No início da armação da base, o artesão foi explicando a numeração de confecção no saber matemático do povo Haliti-Paresi. Na sua explicação, a confecção de *abali* (apá) são

números ímpares. A numeração dos lados é número três e a numeração do centro é um, três e cinco. A base da estrutura da cestaria e centro do cesto é uma confecção de cesto com quatro lados, antes de formar circunferência.

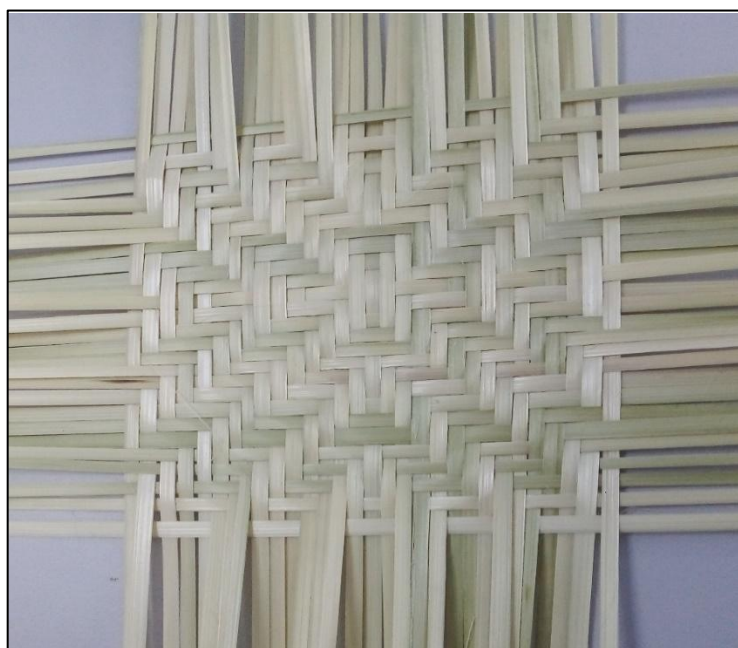
O principal para cada aluno aprender foi entender a explicação do professor. O artesão foi armando para cada aluno e explicando. Após a armação, cada aluno deu a sequência da confecção de *abali* (apá). Assim foi o período da manhã.

Depois do almoço, retornamos com a continuidade da confecção. Como pesquisador e organizador da oficina, a parte da manhã foi atarefada. Dividia meu tempo para acompanhar as duas oficinas de confecções e, além disso, fui auxiliar do artesão e da artesã.

Por ser a primeira vez que os alunos realizavam uma confecção, tiveram muitas dificuldades para dar a sequência na armação. A todo momento, o professor ajudava cada um para dar sequência na confecção. Além disso, eu ajudava o artesão na explicação para eles dar sequência.

No período da tarde, apenas dois alunos conseguiram avançar com a confecção de *abali* (apá). Três não conseguiram avançar na confecção, mas o professor deu apoio aos três, também dei o suporte para eles. Mas, como dizia o professor tradicional, dependia deles para prestar atenção e entender para dar sequência nas suas confecções. Assim foi o segundo dia da oficina com estudantes. E assim encerramos o dia.

Figura 5 - O andamento da confecção de *abali* (apá)



Fonte: Acervo pessoal (2023).

No dia 21 de setembro de 2023, quinta-feira, às 7:30 da manhã, na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre, iniciamos o terceiro e último dia da oficina conforme o tempo cedido pelo professor tradicional e pela professora tradicional.

Os alunos continuaram com a confecção de *abali* (apá), os dois alunos mais adiantados conseguiram recomençar a confecção já bem na metade de acordo com a estimativa do artesão e os outros três alunos praticamente no início da confecção. Assim, o professor tradicional iniciou o último dia explicando como se faz *abali* (apá), posteriormente os alunos continuaram com a confecção.

Neste último dia, o professor se comprometeu a trabalhar até as 15:00 horas. Com isso, o nosso comprometimento com alunos foi finalizar a parte da confecção de *abali* (apá) até as 15:00 horas. Para os alunos conseguirem finalizar a parte da confecção do cesto dependia da dedicação deles, pois o artesão levaria para sua aldeia para fazer a finalização da confecção. Depois ele devolveria para cada aluno e depois eles presentear alguém de acordo com a regra ensinada pelo professor.

Sendo assim, continuamos com confecção com máximo dedicação para que os alunos pudessem concluir sua confecção. No período da manhã, o professor deu mais suporte para os três alunos e eu fui auxiliando-o durante a oficina; e, no decorrer do tempo, os alunos foram apresentando mais dúvidas devido ao aumento do grafismo e dos lados.

De acordo com o andamento da confecção, é necessário que os quatro lados estejam iguais e também o desenho de grafismo esteja igual. Essa dificuldade que os alunos encontraram durante a oficina. Assim foi o período da manhã. Após o almoço, demos a continuidade na obra de arte. Às 15:00 horas, encerramos a primeira oficina de confecção de *abali* (apá).

Figura 6 - O encerramento da I oficina de confecção de *abali* (apá)



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Até as 15:00 horas apenas três alunos conseguiram finalizar a confecção. Outros três alunos não conseguiram finalizar e o participante membro da comunidade também não concluiu a confecção. Com isso, me comprometi a concluir com os três alunos o mais participante, i.e., a parte da finalização para depois levar ao artesão para fazer a conclusão dos cestos.

No encerramento, o artesão se comprometeu com todos nós, na próxima oficina ensinar todo o processo de confecção de *abali* (apá). Assim, finalizamos a primeira oficina de confecção de *abali* (apá).

#### 4.4.3 A descrição de execução de confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti)

A artesã, no primeiro momento, explicou a metodologia que ela iria utilizar para ensinar a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti) para alunas do Ensino Médio. Na explicação, revelou que ela aprendeu a fazer a confecção a partir de sua observação, dedicação e prática.

A primeira coisa que ela disse para as meninas foi: “farei uma *Koehe* (cesto de folha de buriti) para vocês observar e depois praticar. Estou aqui para ajudar vocês confeccionar o *koehe* (cesto de folha de buriti).”

Ela fez a confecção do primeiro cesto, explicando passo a passo para as meninas. A artesã disse que a confecção do cesto é mais simples. Durante a explicação da confecção, compreendemos que a numeração é única: a numeração da confecção é um número ímpar. Notei que ela começa por baixo da primeira folha, na segunda folha passa por cima e volta com outra folha.

Assim, ela deu sequência à confecção. Posteriormente, as alunas iniciaram a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti) e cada uma pegou a folha de buriti para fazer a prática sob orientação da professora.

Figura 7 - Confeção da primeira *Koehe* (cesto de folha de buriti)



Fonte: Acervo pessoal (2023).

A partir da observação da primeira confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti), as alunas começaram a fazer o próprio cesto. Nas primeiras confecções, a professora acompanhou, orientou e ensinou constantemente cada uma. No início, as meninas tiveram dificuldades, mas com o suporte da professora, elas conseguiram entender a confecção por ser um cesto mais fácil de aprender. Com isso, todas meninas conseguiram fazer um *Koehe* (cesto de folha de buriti) até o almoço.

As meninas focaram na observação da confecção, e o acompanhamento atento as ajudou. Além disso, a professora tradicional fez a orientação a elas. Com isso, todas conseguiram fazer o cesto. Durante a confecção, a artesã foi explicando a utilidade do cesto. Segundo ela, o cesto é fácil de confeccionar e qualquer um faz o cesto.

O cesto serve para colocar os beijus, carnes, frutas e alimentos gerais. O cesto é mais usado, principalmente, na festa tradicional porque é mais prático de fazer, usar e depois descartar. Os cestos de folha de buriti são descartáveis. A durabilidade do cesto é, em torno, de duas semanas. Essas explicações foram repassadas às alunas do Ensino Médio durante a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti). Assim foi o período da manhã.

Figura 8 - A aluna fazendo a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti)



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Após o almoço, retornamos com a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti), no período da tarde as alunas fizeram a segunda confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti). Na segunda confecção, as meninas tiveram menos dificuldade e a todo momento a professora tradicional estava presente para explicar e tirar dúvidas das meninas.

Com orientações, as alunas foram confeccionando passo por passo. O início da confecção é sempre por baixo da folha de buriti, então subindo por cima e seguindo a sequência. Assim, as meninas foram fazendo com maior dedicação e a disposição a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti).

Tudo isso contribuiu para o aprendizado de cada uma delas. A partir da observação e anotações das falas das meninas, compreendi que elas não conheciam a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti). Apesar de ser uma confecção mais prática do povo Haliti-Paresi, elas não conheciam a confecção e sua utilidade. Esse foi o comentário que elas fizeram durante a oficina. A professora foi explicando a importância da confecção e a utilidade do cesto.

Figura 9 - *Koehe* (cesto de folha de buriti) pronta



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Por ser uma confecção mais prática para o povo Haliti-Paresi, as meninas conseguiram confeccionar dois cestos durante o primeiro dia da confecção. Por andamento do processo da confecção, encerramos às 15:00 horas no dia 20 de setembro de 2023, quarta-feira, com sucesso.

No dia 21 de setembro de 2023, quinta-feira, às 7:30 horas da manhã, iniciamos o último dia da primeira oficina de confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti) com alunas do Ensino Médio. A oficina foi ministrada por artesã Deolinda Ezomaero da aldeia Cabeceira do Sacre.

Objetivo do último dia da oficina foi as meninas fazer um cesto sozinhas no acompanhamento e na observação da professora para avaliar se as discentes aprenderam e entenderam a confecção do *koehe*.

Sendo assim, todas elas iniciaram a confecção do cesto sozinhas. Cada uma delas foi fazendo de acordo com o ensinamento e explicação da professora. Nos olhares das meninas, notei que elas estavam felizes por aprender a confeccionar *Koehe* (cesto de folha de buriti).

Assim, cada uma foi fazendo o cesto da forma que elas aprenderam com a professora. Com muita produtividade, terminaram seus cestos antes de almoço. Nessa última confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti), cada uma confeccionou com dedicação e caprichou.

Assim, encerramos a primeira oficina de confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti) às 11:00 horas da manhã na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre na aldeia Cabeceira do Sacre na Terra Indígena Paresi no município de Tangará da Serra no Estado de Mato Grosso no Brasil.

Figura 10 - Encerramento da I confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti)



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Com muito esforço de cada uma, todas elas conseguiram fazer seus próprios cestos, assim encerramos a primeira experiência de pesquisa e ação realizada na escola Haliti-Paresi daquela região.

Para a próxima oficina, a professora tradicional se comprometeu a trabalhar com as alunas desde o início do processo da confecção. Além disso, deu a orientação para alunas continuarem praticando a confecção para elas aprender realmente a confecção de *Koehe* (cesto de folha de buriti).

“Toda prática feito por nós para aprender e ter domínio da confecção, temos que fazer a prática. Caso vocês não fazer a prática, vão esquecer todo que aprenderam na oficina.” Essa orientação a professora artesã Deolinda Ezomaero deu durante o encerramento da oficina.

#### 4.4.4 A conclusão dos primeiros cestos

De acordo com o tempo que o professor tradicional cedeu na primeira oficina, apenas dois alunos conseguiram fazer a parte da confecção. Firmamos o compromisso com o artesão para ele fazer a conclusão dos cestos e entregar para os alunos no final de 2023. No entanto, somente em 2024 os cestos foram finalizados pelo artesão.

Figura 11 - A entrega dos cestos aos alunos Ladison e Geneson



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Como organizador, o compromisso foi cumprido por mim. No final de fevereiro, aconteceu a entrega aos dois alunos que participaram da primeira oficina. Com a entrega, fiz as perguntas direcionadas aos alunos no seguinte sentido: O que acharam da oficina? Qual foi a experiência e aprendizado? Qual contribuição a oficina deu para eles?

Para Ladison, “foi muito incrível. Pra mim a dificuldade veio nas linhas. Eu aprendi um pouco. Sim a matemática veio na confecção do cesto.” Na opinião de Geneson, “Gostei da primeira oficina de confecção de *abali*, quero muito aprender a fazer. No início eu não consegui fazer, foi muito difícil. Não aprendi o início”. Assim fechamos a primeira experiência da oficina de confecção de *abali* e *koehe*.

#### 4.4.5 A teoria e prática realizadas com alunos antes da segunda oficina

A segunda oficina foi realizada com outra turma e em local diferente. Por isso, e para que os(as) alunos(as) pudessem ter um pouco de conhecimento sobre a confecção de *Abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti), nos dias de 14, 18 e 19 de março de 2024, foram trabalhadas a teoria e a prática sobre a confecção nas aulas de Matemática e Ciências. Quando digo teoria, refiro-me ao saber matemático do povo Haliti-Paresi a partir da descrição epistemológica do povo Haliti-Paresi sobre cestos num espaço escolar; e na prática usando materiais escolares para fazer a confecção para ter o conhecimento da arte e técnica.

No ano de 2024, por lecionar em uma turma multisseriada de séries finais do Ensino Fundamental e Eja, optei por seguir com as oficinas com este grupo. Participaram das oficinas uma aluna de 6º ano, uma aluna de 7º ano, dois alunos de 8º ano e um aluno de Eja de 1º e 2º





Fonte: Acervo pessoal (2024).

A primeira experiência dos(as) alunos(as) foi trabalhada na aula de Matemática. A experiência de confeccionar *abali* (apá) com E.V.A foi de duas horas. Apesar do horário que tivemos na aula, todos não conseguiram avançar na sequência da confecção. Mas, o objetivo da aula foi para explicar como fazer um cesto de *abali* (apá).

No dia de 18 de março de 2024, segunda-feira, às 15:00, iniciamos a segunda experiência de confeccionar *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti). A confecção de *abali* (apá) com E.V.A na segunda aula foi somente com os meninos, e com as duas meninas iniciamos a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti).

Para a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) na primeira prática, usamos a matéria-prima verdadeira que é a folha de buriti. Por ser uma confecção feita pela primeira vez para as duas alunas, expliquei como fazer um cesto de folha de buriti e para qual finalidade é feito o cesto. Assim, elas começaram a fazer o *koehe* (cesto de folha de buriti).

Por ser a segunda vez para os meninos, a confecção de *abali* (apá) com E.V.A, apenas expliquei como começar a numeração do início e, posteriormente, deixei os meninos à vontade para fazer a confecção.

Para as meninas, dei mais atenção por ser a primeira prática da confecção. Assim, iniciamos a confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti) na segunda aula de prática antes da oficina. Uma aula prática que envolveu a cultura e a escola, a escola ajudou a fortalecer a cultura.

Sendo assim, constantemente explicava para eles e elas quando ficavam com dúvida. No decorrer da aula, começaram a entender a confecção, mas ao mesmo tempo ficavam com

muitas dúvidas. Apesar das tecnologias indígenas fazerem parte da cultura deles e delas, por não conhecer e praticar a confecção, parecia uma coisa nova para eles e elas. Desenvolveram a atividade com muita dedicação.

Figura 14 - Os alunos fazendo a prática da confecção durante a aula de Matemática



Fonte: Acervo pessoal (2024).

As duas horas da nossa aula prática na disciplina de matemática foi produtiva. Os alunos e as alunas se desenvolveram na confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti). Os meninos conseguiram fazer o início da confecção com E.V.A. e melhoraram mais na prática do que a primeira aula. Entre as duas meninas, uma compreendeu mais a confecção do *koehe* (cesto de folha de buriti) e outra teve mais dificuldade para concluir seu cesto. Mas, elas conseguiram

fazer seus cestos. Até o termino do nosso horário, avançaram muito na prática e encerramos a aula com muito otimismo para próxima aula. Assim terminamos a segunda aula de experiência da prática.

No dia 19 de março de 2024, terça-feira, às 13:00 horas, iniciamos a terceira aula prática com alunos antes da nossa oficina programada. A terceira aula prática foi proposta para entender como funcionaria a oficina durante os três dias.

Na nossa aula, iniciei explicando mais uma vez a importância da oficina para eles e elas. E posteriormente passei para os meninos a matéria-prima verdadeira para que eles pudessem começar a fazer o início da confecção da *abali* (apá) antes da oficina para que o artesão Fernando pudesse avaliar o início da confecção. Além disso, levei o cesto pronto e o cesto em processo de confecção para eles observarem.

Para as meninas, passei as folhas de buriti para elas exercitarem a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti). Na primeira prática da confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), na aula anterior, uma das alunas tinha entendido como fazer o cesto de folha de buriti. Com isso, deixei as duas alunas à vontade para fazer a confecção. Entenderam a confecção do cesto, por ser uma confecção mais prática e não tão complexa. Assim, iniciamos a nossa terceira aula prática.

Figura 15 - Os(as) alunos(as) fazendo a prática na terceira aula prática



Fonte: Acervo pessoal (2024).

O período de duas horas foi muito produtivo para a confecção de cestos. A aluna Thayla do 6º ano, na segunda confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), compreendeu mais a confecção e outra aluna ainda teve dificuldade para fazer seu *koehe* (cesto de folha de buriti). Mas, todas elas concluíram a segunda confecção do *koehe* (cesto de folha de buriti).

Os meninos tiveram um pouco de dificuldade na armação de *abali* (apá), mas conseguiram fazer o início do cesto até o termino da nossa aula. As três aulas referentes ao saber

matemático do povo Haliti-Paresi foram propostas para provocar e ajudar os alunos sobre a confecção dos cestos antes da oficina. Nesse sentido, as três aulas foram pensadas. As produções e iniciações das confecções foram avaliadas pelo artesão Fernando Omoizokae. Assim foram as três aulas antes da oficina.

#### 4.4.6 A Segunda Oficina - aldeia Estivadinho

Com todos os acontecimentos, iniciamos a oficina no dia 21 de março de 2024, quinta-feira, às 15:00 horas, na Sala Anexa Estivadinho na aldeia Estivadinho na Terra Indígena Estivadinho no município de Tangará da Serra – MT. Com a ausência de artesão Fernando Omoizokae, mudamos a metodologia. Ao invés de começarmos com o processo de preparação da matéria-prima, iniciamos a oficina com a confecção de *abali* (apá) e de *koehe* (cesto de folha de buriti).

Começamos com a confecção porque tínhamos sobras da matéria-prima prontas da oficina anterior, as tiras feitas de talo de *iyola* (taquara-lixá) foram suficientes para fazer cinco cestos de *abali* (apá). A matéria-prima de *koehe* (cesto de folha de buriti), eu mesmo consegui porque esta é mais fácil de encontrar e preparar.

Iniciamos a oficina com apenas cinco participantes, três meninos e duas meninas. As duas meninas pegaram as matérias-primas para iniciar a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) e, antes de elas iniciarem, expliquei novamente como começar a confecção.

Anteriormente, expliquei para os meninos como proceder a metodologia da oficina. Com isso, os meninos começaram a confeccionar o cesto sob a minha orientação. Porém, sentimos a ausência do artesão no início da oficina. Mas, o compromisso de executar a segunda oficina no intuito de entender a confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti) foi maior que os desafios.

Foi uma grande felicidade ver uma aluna de onze anos do 6º ano ter aprendido a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti). Com o aprendizado dela, ajudou muito a colega na confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) no primeiro dia.

Constantemente, ajudava os dois alunos porque eles tinham muita dificuldade em razão de ser a primeira vez que estavam participando. Apesar de um aluno ter participado anteriormente das três aulas, continuava com as dúvidas nas sequências de colocação de tiras. Foi o caso do nosso convidado, um ex-aluno do Ensino Médio que participou da primeira oficina iniciou a confecção com mais facilidade e deu sequência na colocação de tiras sem tirar as dúvidas.

Figura 16 - Imagens do primeiro dia da oficina



Fonte: Acervo pessoal (2022).

O primeiro dia da oficina durou 2 horas e encerramos as atividades às 17:00 horas. Até o encerramento da oficina, as duas alunas concluíram a confecção de *koehe*; entre os três meninos, um avançou mais na confecção de *abali*, os outros dois alunos colocaram poucas tiras. Assim encerramos o dia.

Após o término da aula, fiz a tentativa de levar o artesão para a oficina no segundo dia, mas devido as reuniões e compromissos na sua região, afirmou que não poderia vir na sexta-feira. Como pesquisador e Haliti, fiz o possível para ser realizada a segunda oficina.

No dia 22 de março de 2024 na sexta-feira, às 7:00 horas, iniciou o segundo dia da oficina. Neste, tivemos a participação de mais um aluno na confecção de *abali* (apá). Com isso, quatro alunos participaram da oficina.

Na confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), a turma de séries iniciais multisseriada do 1º a 5º participou do segundo dia da oficina sob a autorização da Professora Sueli Anezokaero. Por ser a primeira vez das crianças na oficina, todas chegaram com imensa alegria para participar.

Com a ausência do artesão, pedi para um ex-aluno do Ensino Médio auxiliar os três alunos durante a oficina, porque ele aprendeu como dar sequência com as tiras para formar corretamente a geometria na confecção de *abali* (apá). Além disso, ele já tinha avançado muito na sua confecção.

No caso da confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), pedi para a aluna Thayla do 6º ano para auxiliar as crianças na confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti). Neste segundo

dia da oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), participei somente pela manhã. Como dizia anteriormente, não é uma confecção tão complexa, mas na atualidade poucas pessoas conseguem confeccionar o *koehe* (cesto de folha de buriti). Com o auxílio da aluna, todos alunos das séries iniciais conseguiram fazer o *koehe* (cesto de folha de buriti).

Figura 17 - Os alunos com suas confecções



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Com a participação de todos(as) alunos(as), o segundo dia da oficina foi muito produtivo. Cada um e uma fez o cesto, e uns fizeram com capricho e os outros com sua condição. Assim terminamos o segundo dia da oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti).

Apesar de duas confecções diferentes realizadas, dividimos o mesmo espaço. A cultura do povo Haliti-Paresi já afirma que podemos aprender diferentes coisas e formas no mesmo espaço.

Com isso, os quatro participantes das confecções de *abali* (apá) confeccionaram no mesmo espaço, mas o nível de complexidade é maior do que a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti). Até às 11:00 horas, apenas dois meninos avançaram muito na confecção.

Por esta razão, retornamos às 13:00 somente com a oficina de confecção de *abali* (apá). Sendo somente uma oficina, a atenção e orientação foram maiores para os participantes. Com isso, o andamento da confecção de *abali* (apá) avançou e os participantes evoluíram na confecção de *abali* (apá).

Figura 18 - A primeira parte de *abali* pronta



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Com muita determinação e esforço dos participantes encerramos o segundo dia da oficina de *abali* (apá) às 15:00 horas. Uma confecção que exige atenção, raciocínio, lógica e dedicação. Por isso, terminamos às 15:00 horas, para participantes pude repor a energia para próximo dia. Até o encerramento, dois participantes concluíram a primeira parte da confecção de *abali* (apá).

Após o encerramento do segundo dia de oficina, pensei nas estratégias para o último dia. De acordo com a programação, sábado seria o último dia e meu orientador comprometeu-se em nos visitar durante a realização da oficina.

Porém, na segunda oficina iniciamos sem o artesão, e os participantes fizeram as confecções apenas com minhas orientações. Os dois dias de oficina precisavam da validação do artesão. Com isso, como pesquisador, fiz o possível para arrumar o transporte com a Associação da aldeia para levar as confecções até o artesão para ele validar o trabalho. Essa foi a estratégia para seguir com a oficina.

Tínhamos o compromisso de iniciar o último dia às 8:00 horas, mas o artesão mora há 90 quilômetros da aldeia onde a oficina estava sendo realizada. Este foi um desafio maior para fazer aquilo que estava planejado e alcançar o objetivo.

Arrumei as confecções na noite de sexta-feira para sair de madrugada. No sábado, às 2:00 horas da manhã, saí da aldeia para levar nosso trabalho da oficina até o artesão para ele validá-lo. O artesão é a autoridade mais importante para dizer a nós que estávamos fazendo corretamente na oficina - com esse objetivo fui em busca de validação. Cheguei às 3:40 na aldeia do artesão, sabia que ele estava acordado nesse horário. Fui recebido pelo artesão e expliquei para ele o objetivo da procura dele. Mostrei a ele as confecções dos meninos.

Vendo a arte feita pelos meninos, notei que ele tinha ficado impressionado e observou e disse com sua sinceridade. “todo que vocês fizeram está certo. Irei com você para ensinar o preparo de tiras, argolas e costura do cesto a vocês. Vocês estão no caminho certo”. Com as palavras do artesão, me senti fortalecido por meu objetivo, não só no sentido de fazer a pesquisa de mestrado, mas de ajudar a fortalecer a cultura com a oportunidade que estava tendo na pesquisa e com as ações realizadas no meu povo.

Sendo assim, ele arrumou o material e a matéria-prima dele, e saímos às 4:30 horas da madrugada. Chegamos na aldeia onde estava sendo realizada a oficina às 6:00 horas da manhã. Com a vinda do artesão no último dia, nos agradecemos com sua presença.

Com a presença do artesão Fernando Omoizokae, iniciamos o último dia de oficina às 7:30 horas da manhã no sábado, dia 23 de março de 2024. Primeiro, apresentei os(as) participantes ao artesão e, posteriormente, passei a fala para o senhor Fernando Omoizokae.

Com suas palavras, disse que estava feliz por estar conosco no momento. “O momento magnífico, porque é uma confecção que está em risco de entrar no esquecimento, por falta de prática dos mais jovens e interesse. Está feliz por ação realizado por mim, que esse tipo de ação seja exemplo e seja praticado para a cultura do povo Haliti-Paresi seja fortalecida enquanto a cultura está viva ainda. Que a nova geração não só preocupa com conhecimento do não indígena, mas tem que valorizar o conhecimento próprio do povo também. Porque a nossa cultura que salva nossa vida. Por isso, vocês têm que aprender dois conhecimentos, não só um.” Com essas palavras o artesão começou a oficina. Em seguida, disse que veio para ensinar, explicar e tirar as dúvidas sobre a confecção de *abali* (apá).

Após isso, o artesão começou a oficina com o processo de preparo das tiras e explicou como fazer tiras com talos de *iyola* (taquara-lixia) para a confecção de *abali* (apá). Ele trouxe os talos de *iyola* (taquara-lixia) e, a partir disso, começou a explicar o processo de preparo através da prática, posteriormente falou para os participantes fazer a prática de preparo de tiras.

Neste momento, meu orientador Prof. Dr. Adailton Alves da Silva da UNEMAT chegou com dois mestrandos não indígenas para passar o dia conosco na oficina. Enquanto a oficina de confecção de *abali* (apá) ficou sob o comando do artesão, a oficina de confecção *koehe* (cesto de folha de buriti) ficou sob o comando da aluna Thayla que orientava as demais crianças na confecção.

Voltando para a oficina de *abali* (apá) após preparo das tiras, já com a presença do orientador, o artesão ensinou os participantes como fazer argola com *manihokore* (negramina) para a confecção ficar em forma de circunferência. Ele mostrou para os participantes todo o processo de fazer argola de *manihokore* (negramina). Enquanto isso, a aluna Thayla seguia com a oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), ela até ensinou a nossa visitante mestranda não indígena. Com tudo isso, encerramos a oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) às 11:00 horas da manhã. Com duas atividades realizadas pelo artesão fechamos a parte da manhã.

Figura 19 - O registro do dia com todos envolvidos



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Retornamos às 13:00 horas somente com a oficina de confecção de *abali* (apá). No período da tarde, o artesão atentou-se mais para o ensino de como é o início da confecção e como dar sequência para a confecção formar o losango.

Com essas atividades, os que ainda não tinham sido concluídos foram terminados. Também nessa parte meu orientador e mestrando não indígena participaram. Às 16:00 horas encerramos oficina. Antes de encerrar, o artesão comprometeu-se a ficar conosco no domingo

para ensinar os participantes a finalização da confecção *abali* (apá). Explicou que as argolas feitas têm que ser lavadas no jirau para secar para no outro dia ser usadas na finalização. Assim, encerramos dia do sábado com muito produtividade.

No dia 24 de março de 2024, domingo, às 7:00 horas iniciamos com a oficina de confecção de *abali* (apá). Um dia a mais na programação para o artesão ensinar aos participantes todo o processo de confecção. O artesão explicou a formação correta da argola feita de *manihokore* (negramina) e mostrou como colocar argolas na confecção para forma circular.

Figura 20 - A confecção já colocada com argolas



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Depois de colocar a argola na confecção, os participantes praticaram em suas confecções e cada um colocou a argola em sua confecção. Após isso, o artesão ensinou o penúltimo passo da confecção de *abali* (apá), que é costurar a confecção na argola com *ididihi* (urubamba). Ele mostrou como é feita a costura e depois pediu para os participantes costurarem suas confecções.

Assim passamos na parte da manhã. Com todo esse ensinamento, os participantes da oficina fizeram a costura do cesto. Antes de encerrar a segunda oficina, ele ensinou a cortar as tiras na beira das argolas para o cesto de *abali* (apá) ficar pronto. Depois da explicação do artesão, os participantes conseguiram concluir os cestos de *abalinae* (apás).

Figura 21 - Os cestos de *abalinae* (apás) prontos para uso



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Com estas orientações do artesão para os participantes, encerramos a segunda oficina às 12:00 horas: “Não pare por aqui, vocês podem ser multiplicadores desse conhecimento. Para vocês torna artesão, pratique aquilo que ensinei a vocês. Um dia vocês vão precisar de este conhecimento. Somos poucas pessoas que ainda temos esse conhecimento e aproveite enquanto estamos vivos”. Com essas mensagens profundas e emocionantes encerramos a segunda oficina.

#### 4.4.7 A descrição da execução da terceira oficina da confecção de abali (apá)

A oficina de *abali* (apá) foi realizada nos dias 30 a 31 de maio de 2024 na aldeia Estivadinho na terra indígena Estivadinho no município de Tangará da Serra – MT. A oficina foi divulgada via cartaz nos grupos de *Messenger* e *WhatsApp* cinco dias antes nos grupos das comunidades e alunos. Também foi publicado um cartaz no *Facebook*. Com essas divulgações, a terceira oficina começou com muitas expectativas boas e desafios novos na organização.

O primeiro desafio foi no transporte para tirar as matérias-primas. Por não conseguir arrumar o transporte, no dia 29 de maio de 2024, quarta-feira, às 13:00, saímos de moto com os alunos Neumar do 8º ano e Jonasmir do 4º ano para tirar *iyola* (taquara-lixia) na Terra Indígena Figueira.

O objetivo de ir com dois alunos foi para mostrar o lugar de onde retirar a matéria-prima e qual talo é melhor para fazer tiras para a confecção. E para que possam ser multiplicadores

daquilo que aprender na coleta da matéria-prima para os demais participantes entender a classificação de *iyola* (taquara lixa) para fazer tiras.

Figura 22 - *Iyola* (Taquara-lixá)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Ao chegar a localidade onde fica a matéria-prima, expliquei aos alunos como tirar a matéria-prima e qual talo é ideal para fazer tiras. Além disso, durante a retirada dos talos, expliquei como saber o comprimento para fazer tiras para cestos pequenos, médios e grandes.

Assim, fui recontando a experiência já vivida com artesãos e histórias contadas por mestres do povo Haliti-Paresi. Com essas experiências convividas com os alunos no brejo, orientei o aluno Neumar para retirar os talos para nossa oficina.

Figura 23 - Os alunos com talos de taquara-lixá



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Após a retirada dos talos, tivemos o momento de registro dos alunos com a matéria-prima em mãos. No caminhar até nosso transporte, fui recontando as práticas feitas pelos artesãos, as dificuldades que eles enfrentam para tirar a matéria-prima. Também durante o percurso falei com eles sobre o risco de este tipo de prática ser esquecida por nós, novas gerações. Assim foi a conversa com alunos durante a retirada da matéria-prima. Retornamos para nossa aldeia com a missão cumprida.

No dia 30 de maio de 2024, quinta-feira, às 8:00 horas da manhã, fizemos a abertura da terceira oficina de confecção de *abali* (apá) com os participantes. A abertura foi feita em conjunto com a oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti).

Figura 24 - O momento da abertura



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Na abertura, fiz uma breve introdução da metodologia das oficinas e destaquei também a importância das tecnologias do povo Haliti-Paresi. As tecnologias que fazem parte da nossa cultura estão ligadas ao espírito do Haliti e envolvem a cosmologia do povo, por isso poucas pessoas têm o domínio da confecção das tecnologias indígenas Haliti-Paresi. Além disso, a confecção das tecnologias envolve muita complexidade, mas podemos inovar e acrescentar o conhecimento tradicional com conhecimento científico para facilitar o aprendizado e fortalecer a identidade do povo. Com essas palavras foi feita a abertura para incentivar e motivar os(as) participantes das oficinas.

Após a abertura da terceira oficina de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti), fizemos a divisão do espaço. A oficina de confecção de *abali* (apá) foi direcionada para a área da escola devido à preparação das tiras; a oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti), por ser a prática de confeccionar aconteceu na sala da escola. No restante da manhã, com os ensinamentos dos artesãos, expliquei aos participantes como fazer tiras com talos de *iyola* (taquara-lixá).

Para fazer tiras é preciso, primeiro, raspar o talo e deixá-lo limpo; o segundo passo é fatiar o talo para separar o miolo do talo. No primeiro momento todos participantes fizeram essa prática. Apesar de todos conhecer *iyola* (taquara-lixá), expliquei que o talo novo de taquara-lixá é ideal para fazer tiras para confecção dos cestos. “Se for talo bem maduro, é mais difícil fazer tiras. Quem consegue fazer tiras com talos bem maduros é quem já tem experiência na confecção, embora não seja ideal para fazer tiras.” Essas orientações foram repassadas aos participantes.

Figura 25 - Momento do preparo das tiras



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Após limpar e fatiar talo, o terceiro passo é fazer tiras. Para fazer tiras exige-se técnica e concentração e para que a tira fique perfeita é preciso usar a boca e as mãos. Essa parte expliquei com maior cuidado para ninguém se machucar. Com isso, todos fizeram com muito cuidado, mas nem todos conseguiram fazer as tiras perfeitas.

Assim transcorreu a parte da manhã até às 11:30, os participantes conseguiram fazer tiras suficientes. Após o almoço, retornamos às 13:30 horas somente com a oficina de confecção de *abali* (apá). No período vespertino usamos a sala de aula para que os participantes da oficina pudessem usar cadeira e mesa para confeccionar os cestos. Na parte da confecção havia oito participantes. No primeiro momento, cada participante pegou as tiras prontas; no segundo momento, expliquei a numeração central do cesto e sua sequência de numeração na lousa.

Figura 26 - O momento da concentração dos participantes



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Após a explicação no quadro, cada um concentrou-se para iniciar a confecção a partir da numeração explicada e suas sequências. Porém, no período vespertino, tivemos o desafio de fazer a inclusão de uma menina na parte da confecção. A menina é minha sobrinha, e mesmo sabendo que a mulher não confecciona *abali* (apá) pediu para participar. Pela consideração, inovação e fortalecimento, abrimos a exceção para ela participar da oficina.

Mas, ela teve mais dificuldade de iniciar com a confecção do seu cesto; os meninos, apesar de dificuldades, conseguiram iniciar a confecção. De acordo com o andamento e tempo, tinha proposto para os participantes que pararíamos com a confecção às 15:00 horas para fazer outra parte da confecção do cesto. Sendo assim, todos continuaram focados nas suas confecções. Chegando às 15:00, paramos com a confecção.

A maioria dos meninos conseguiu avançar na confecção, somente a menina não conseguiu fazer a armação, apesar de várias tentativas. Neste momento, chegaram as meninas da aldeia vizinha para jogar futebol com as meninas, isso foi o motivo da desistência dela na oficina. Além disso, mais um desistiu, o desistente é da comunidade, tinha idade e experiência na vida e tinha visto e vivenciado aquilo que estávamos fazendo. Ele tinha vontade de aprender, mas desistiu por ter muita dificuldade, apesar de eu dar assistência para ele, ele quis desistir da nossa oficina.

Com os demais participantes continuamos na preparação de argolas de *manihokore* (negramina) após às 15:00. As argolas feitas de *manihokore* (negramina) são em forma de círculo para dar a forma de circunferência ao cesto.

Figura 27 - No momento da preparação das argolas



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A matéria-prima para fazer argola foi a reutilização da sobra da construção da *Hati* (casa tradicional). Com isso, não conseguimos seguir o planejamento da oficina. Mas, todos participantes conheciam a matéria-prima, apenas não sabiam fazer argola para cesto. Expliquei por passo por passo para eles entender e também alguns participantes já tinham visto na segunda oficina com o artesão tradicional como fazer argola.

Para fazer argola de *manihokore* (negramina) é preciso fatiar no meio a madeira e raspar a madeira para transformar as duas partes igualmente para dobrar e transformar em argolas. Com essa explicação e exemplo dados, os participantes iniciaram as argolas para seus cestos. Por essa parte não ser tão complexa, todos conseguiram fazer argolas até às 16:30, quando

encerramos o primeiro dia da oficina. Após o encerramento, levamos as argolas para *matyae* (jirau) para secar durante a noite.

No dia 31 de maio de 2024, sexta-feira, iniciamos o segundo dia da nossa oficina às 8:00 horas da manhã. No segundo dia, com a desistência de alguns, havia cinco participantes e cinco desistiram durante o primeiro dia da oficina.

Com os cinco participantes retornamos à confecção de *abali* (apá), e com muito esforço e dedicação avançaram nas suas confecções. Às 10:30 horas um dos participantes conseguiu concluir sua confecção e aguardou os demais para a finalizar a parte da costura de cesto na argola durante a tarde. Às 11:00 horas, mais três concluíram a confecção de *abali* (apá). Apenas um participante não conseguiu concluir sua confecção neste tempo, mas demos o auxílio e ele conseguiu concluir às 11:30 horas.

Com isso, todos conseguiram concluir a parte da confecção do cesto com tiras e deixamos a parte da costura e acabamento para o período da tarde. Às 13:30 retornamos para fazer a costura dos cestos e a finalização da terceira oficina de confecção de *abali* (apá). No primeiro momento no período da tarde, expliquei como colocar as argolas na confecção para formar o círculo e depois costurar.

Para colocar a argola é preciso fazer a argola no tamanho certo com a confecção feita com tiras para dar certo na hora de costura e formar um cesto ideal para uso. Para fazer o processo, primeiro, deve-se medir a argola com a confecção e amarrar bem as argolas com fio de tucum usando a cera. Para formar o círculo é preciso fazer duas argolas, uma para ficar na parte da fora e outra para ficar na parte do dentro.

Com essa explicação, os participantes começaram a colocar as argolas nas suas confecções. Primeiro, eles mediram as argolas na confecção e depois amarraram as argolas com fios de tucum de acordo com o tamanho da confecção. Além de formar o círculo, é preciso formar o volume certo na circunferência para o uso. Com esses passos, eles conseguiram concluir essa parte às 14:30 horas.

Figura 28 - As argolas colocadas na confecção de tiras



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Após a colocação de argolas, passamos para a penúltima parte do processo de confecção de *abali* (apá): fazer a costura de argolas nas tiras. Para fazer esse processo, primeiro temos que retirar a matéria-prima do brejo *ididihi* (urubamba), depois fatiar *ididihi* (urubamba) e transformar na forma de barbante.

Essa parte foi dada apenas como exemplo para os participantes. Os barbantes de *ididihi* (urubamba) estavam disponíveis para participantes utilizarem. Com isso, começaram a costurar os cestos a partir das explicações. Entre os cinco participantes, dois participantes já haviam aprendido a parte da costura na segunda oficina. Para costurar o cesto foi usado cera, barbante de *ididihi* (urubamba) e um pequeno pedaço de ferro feito em forma de agulha para furar as tiras para passar os barbantes de *ididihi* (urubamba).

Na penúltima parte fui um pouco tenso para os participantes porque é preciso atenção e tranquilidade para fazer a costura do cesto. Na costura, a complexidade é prender em um nó as duas tiras dos lados e deixar a do meio sempre para cima. Essa foi a dificuldade para os demais participantes, mas constantemente dava auxílio para eles. Com isso, todos conseguiram terminar a costura dos cestos às 16:30 horas no período da tarde.

Após, passamos para a última parte para concluir a confecção do cesto de *abali* (apá): cortar as tiras que ficaram para cima após a costura. Essa parte expliquei com muito cuidado porque é o último passo para concluir a confecção do cesto. Uma parte que exige delicadeza e capricho. Os participantes fizeram com muito cuidado e capricho para concluir seus cestos e finalizamos às 17:00 a confecção dos seus cestos com muito sucesso.

Figura 29 - Os cestos de *abali* (apá) prontos e momento de encerramento



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Após a conclusão da confecção dos cestos, fiz um breve diálogo com os participantes que conseguiram concluir a confecção dos cestos e ficaram até o final da oficina. O diálogo foi no sentido de fortalecer, valorizar e motivar os participantes para que eles pratiquem aquilo que aprenderam na oficina. Depois disso, tiramos a última foto da oficina. Assim, encerramos a terceira oficina às 17:10.

#### 4.4.8 Terceira Oficina da Confecção de Koehe (cesto de folha de buriti)

A confecção de *koehe* (cesto de folha do cesto) foi organizada para as mulheres e para que as crianças pudessem ser inseridas na oficina. Esse tempo foi preparado para que todos e todas pudessem estar envolvidos nas oficinas, mas, mais uma vez, não conseguimos executar a oficina de acordo com o planejamento e as mudanças foram adaptadas no decorrer da oficina.

A terceira oficina iniciou no dia 30 de maio de 2024, quinta-feira. Ao amanhecer, saí com meu filho em busca de matéria-prima na aldeia vizinha. A matéria-prima é encontrada na várzea do rio ou no brejo. As folhas de buritis para esta oficina foram retiradas da várzea do córrego.

Figura 30 - O local da retirada da matéria-prima



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Depois de retirada a matéria-prima, retornamos para a aldeia para chegar antes da 8:00 horas e nos arrumar para a abertura das oficinas. Chegamos na aldeia a tempo de fazer a abertura. Como dito no anteriormente, a abertura iniciou às 8:00 horas junto com a oficina de confecção de *abali* (apá).

Após abertura e foto da abertura, as participantes da oficina se organizaram na sala de aula para iniciar a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti). Fiz uma breve explicação para as participantes, pois a maioria já tinha participado da segunda oficina. Com isso, dei autonomia para as participantes ajudar e ensinar uma a outra durante a oficina. Elas iniciaram a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) com muita dedicação e alegria. Porém, a oficina foi reduzida para um período.

Figura 31 - O momento da confecção das participantes



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Durante a confecção, tivemos a ilustre visita da mulher do cacique, que ajudou e orientou as participantes a fazer *koehe* (cesto de folhas de buriti) bem feito e explicou a utilidade do cesto. A visita dela enriqueceu a nossa oficina. Com isso, as participantes foram motivadas e cada um e uma conseguiu fazer o cesto até o lanche.

Após o lanche, retornamos para dar continuidade na confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti). Nesse período, as participantes conseguiram confeccionar mais um cesto e outros conseguiram confeccionar mais de um. A oficina foi muito produtiva. Às 11:00 horas, todas as participantes conseguiram confeccionar dois e três cestos de *koehe* (cesto de folha de buriti).

Figura 32 - A finalização da terceira oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti)



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Às 11:00 horas encerramos a terceira oficina de confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) com muita alegria. A oficina foi essencial para os(as) alunos(as) estarem presentes na ação realizada por mim.

#### 4.5 Análises

De acordo com a explicação D'Ambrosio (2022, p. 17), o saber e fazer matemático de dois cestos e demais cestos vêm antes da origem do povo Haliti-Paresi. Uma pessoa já praticava o saber e fazer antes dos primeiros Halitis, uma prática da matemática de muitos anos que, ao longo da história, vem sendo praticada pelo povo Haliti-Paresi. Porém, a prática está em risco de descaracterização e extinção conforme a preocupação prevista por Ribeiro (1985).

Conforme D'Ambrosio (2022), as duas confecções são próprias da cultura do povo Haliti-Paresi. Na confecção, todo instante é usado para comparar, classificar, quantificar, medir, explicar, generalizar, inferir e, de algum modo, avaliar. As duas confecções envolvem muito o saber matemático do povo Haliti-Paresi, porém, uma é simples e outra é complexa.

Na realização das três oficinas, foi identificada a diferença de complexidade. A confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) é mais simples e prática de fazer, porém, na atualidade poucas pessoas confeccionam este tipo de cesto. Mas, temos boa quantidade de artesãos ainda no povo Haliti-Paresi. A confecção de *abali* (apá) é mais complexa de fazer. O Quadro 1 mostra quantas pessoas ainda praticam este conhecimento.

Quadro 1 - Artesãos vivos, suas localidades, os que estão em atividade e os que não estão mais na atividade, mas estão vivos

| Nome do artesão    | Aldeia/T. I/Município                            | Atuação                                   |
|--------------------|--------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| Justino            | Formoso, Formoso e Tangará da Serra – MT.        | Pratica ainda a confecção da cestaria.    |
| Nelsinho           | Formoso, Formoso e Tangará da Serra – MT.        | Não pratica mais a confecção da cestaria. |
| Fernando Omoizokae | Santa Vitalina, Formoso e Tangará da Serra – MT. | Pratica ainda a confecção da cestaria.    |
| Nelson Omoezokae   | Queimada, Formoso e Tangará da Serra – MT.       | Pratica ainda a confecção da cestaria.    |

|                       |                                                     |                                           |
|-----------------------|-----------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| Raimundinho           | Manene, Paresi e Tangará da Serra – MT.             | Não pratica mais a confecção da cestaria. |
| Joãozinho Akonoizokae | Cabeceira do Urubu, Paresi e Tangará da Serra – MT. | Pratica ainda a confecção da cestaria.    |
| Joãozinho Zenezokemae | II Cachoera, Paresi e Tangará da Serra – MT.        | Não pratica mais a confecção da cestaria. |
| Levinaldo             | Oreke, Paresi e Tangará da Serra – MT.              | Pratica ainda a confecção da cestaria.    |
| Geovano Koezo         | Tatu Bola, Paresi e Tangará da Serra – MT.          | Pratica ainda a confecção da cestaria.    |
| Eusebio Kazazumae     | Figueira, Figueira e Tangará da Serra – MT.         | Não pratica mais a confecção da cestaria. |
| Camilo                | Bacaval, Utiariti e Campo Novo dos Parecis – MT.    | Não pratica mais a confecção da cestaria. |
| Pedro Zunizakae       | Bacaval, Utiariti e Campo Novos dos Parecis – MT.   | Não pratica mais a confecção da cestaria. |

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Apesar de o povo Haliti-Paresi ter uma população de aproximadamente três mil pessoas, o Quadro 1 nos mostra a preocupação dos últimos artesãos. Por ser uma confecção complexa no ensino tradicional, atualmente há somente doze pessoas com este conhecimento no povo Haliti-Paresi, mas essas pessoas têm idade mais avançada.

Com isso, as últimas duas oficinas foram baseadas na experiência de Gerdes para inovar o conhecimento e descomplicar a confecção, ou seja, para facilitar a prática de confecção para a nova geração aprender e praticar e dar continuidade ao conhecimento do povo Haliti-Paresi.

A inovação é no sentido de fortalecer o saber matemático do povo Haliti-Paresi a partir da descrição. Quando falo a partir da descrição, isso não significa que o ensino vai ser algo

sobre matemática escolar. O uso desse conhecimento é para dar evidências para o saber matemático do povo Haliti-Paresi e para ajudar a nova geração do povo Haliti-Paresi entender a sistematização da confecção com a linguagem que já é conhecida no ambiente escolar e na vivência.

Podemos inovar o saber matemático do povo Haliti-Paresi para ter domínio da técnica de confecção e compreensão da sistematização. O uso da descrição é para ajudar a entender a técnica de confecção e sistematização. Digo isso porque o método tradicional para aprender a técnica e sistematização é complexo e exige alto nível de dedicação, esforço e tempo para aprender. Além disso, tem sua própria linguagem, mas para realmente fortalecer a prática precisa ser trabalhado com a linguagem que a nova geração tem hábito de viver para entender e aprender o saber matemático do povo Haliti-Paresi.

Com o Programa de Etnomatemática e com as experiências de dois não indígenas citados como principais alicerces da pesquisa, abre-se o horizonte para nós pesquisadores e professores indígenas traçar os caminhos para fortalecer e valorizar os saberes tradicionais do nosso povo nos espaços de estudo, trabalho e na comunidade para dar a continuidade dos conhecimentos dos nossos antepassados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas minhas considerações finais, iniciarei minhas palavras como Haliti-Paresi, indígena e um ser humano que vive neste mundo imenso e cheio de diversidades culturais e de vidas. Todos nós somos capazes de contribuir e ajudar alguém com a nossa força e existência de vida.

Expresso muita gratidão a Universidade de Estado de Mato Grosso de Barra do Bugres e, em especial, ao Programa de Pós-graduação Em Contexto Indígena Intercultural – PPGEICII no nível de Mestrado por dar a oportunidade de pesquisar, estudar, aprender, observar, refletir e construir estratégias sobre aquilo que faz parte do meu povo e faz parte de mim.

Nesta dissertação, a pesquisa e experiências realizadas sobre a confecção de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti) me ensinaram quem sou eu? Primeiro, sou Haliti e faço parte do objeto da minha pesquisa; segundo, sou pesquisador no mundo da sociedade não indígena. Somando as duas, posso ajudar na minha pesquisa para facilitar bons resultados.

No decorrer da pesquisa tive muitos desafios, aprendizados de novas estratégias e reflexões. Com isso, começo a partir da explicação e suas formas de ensinar a confecção da cestaria do professor tradicional, que nos mostrou como é ensinada e aprendida a **EDUCAÇÃO HALITI-PARESI** na comunidade. Ouvindo e observando a forma de trabalho do professor tradicional com os alunos do Ensino Médio tão prazeroso e ao mesmo tempo tão complexa e, principalmente, ter presenciado o ensino tradicional nos fez refletir muito sobre a Educação Escolar Indígena.

Uma oficina que nos mostrou a complexidade e a importância da confecção das cestarias e, principalmente, as cestarias mostraram a presença da matemática indígena na confecção. Quanto aos artesãos, são matemáticos natos, e nesse sentido acredito que todos nós presentes refletimos e pensamos.

Com essa pequena observação, reflexão e aprendizado nas duas oficinas com o professor e a professora tradicional na primeira oficina, tivemos a possibilidade de aprender além do aquilo que objetivamos na pesquisa. E exigiu mais esforço, dedicação e preparação para as oficinas seguintes.

Com isso, apesar da programação da segunda oficina, mais uma vez a oficina não aconteceu de acordo com a programação. As mudanças aconteceram naturalmente durante a realização das oficinas que, por ser os objetos de estudo e pesquisa, fortemente envolvem a cultura do povo Haliti-Paresi e a espiritualidade da natureza. Apesar de as confecções dos cestos estar em risco de entrar no esquecimento, as confecções estão ligadas com a espiritualidade do povo Haliti-Paresi e natureza.

Por isso, poucas pessoas se tornam artesãos. Os artesãos não são quaisquer pessoas dentro da comunidade, mas são pessoas sábias no contexto da técnica, habilidade, raciocínio e espiritualidade. Por isso, durante as oficinas surgiram constantemente os desafios.

Apesar de ser professor, acadêmico e pesquisador dentro do mundo da sociedade não indígena, sou um indígena que nasci em um povo que tem sua cultura e tem sua forma de viver. Por ter uma formação básica na cultura que vim e vivo, os desafios são maiores para compreender aquilo que quero fazer para ajudar e fortalecer a cultura do povo.

Os desafios são além da vida do pesquisador. Isso, coloco nesta parte, por ter vivenciado e vivido durante o estudo da pesquisa. Desde a ideia de fazer o projeto de estudo para ajudar o povo a fortalecer sua cultura vieram os desafios, vieram as cobranças dentro da espiritualidade do povo Haliti-Paresi e da natureza. No sentido de não só fazer a pesquisa, divulgar e ajudar a fortalecer a cultura somente como segunda pessoa, mas principalmente dar evidências do saber matemático do povo Haliti-Paresi.

A pergunta que veio para mim é “Por que você não aprende primeiro na forma que você pensa as confecções? Para então ensinar o próximo?” As perguntas vêm para mim porque sou Haliti e tenho a formação básica da cultura, e além disso acredito na cultura que vim e vivo.

Por isso, desde que fiz o projeto, fiz o máximo para entender e compreender aquilo que quero fazer dentro da ciência científica e como posso fazer para mostrar o caminho mais fácil para aprender uma coisa tão complexa da cultura. Assim foram sendo os desafios. Na primeira oficina tinha feito a função de auxiliar nas confecções de *abali* (apá) e *koehe* (cesto de folha de buriti).

Além disso, para a segunda oficina tinha me preparado mais para os desafios. Sabia que que vinham muitos desafios. O primeiro desafio que recebi na segunda oficina foi receber a convocação de aplicação de provas diagnósticas na véspera da oficina. Na mesma data de início da oficina foi a aplicação da prova pela SEMEC de Tangará da Serra -MT. Fui obrigado a reprogramar o início da oficina para a tarde do dia 21 de março de 2024. Mais tarde, recebi a segunda notícia que não foi tão boa para mim e para a oficina. Fui comunicado que o artesão não viria devido aos seus compromissos como cacique da aldeia. Esses foram os desafios iniciais da segunda oficina.

Assim, surgiram os desafios de como não cancelar a oficina e como iniciar a oficina sem o artesão. Como dizia anteriormente, eu tinha me preparado para isso e re programei o início e a metodologia da oficina.

A partir disso, a primeira experiência começou sem o artesão. Isso significa que podemos, enquanto os conhecimentos e os saberes estão ativos, inovar esses conhecimentos e

os saberes através da pesquisa e experiência dentro do conhecimento científico da sociedade não indígena na Educação Escolar Indígena.

Ver o olhar das crianças e mulheres desenvolvendo e praticando durante a oficina nos fortaleceu a construir uma educação escolar indígena baseada na realidade do um povo. Ao ver, a partir da ação escolar, as crianças, mulheres e homens reconectar com a prática do seu povo, e participar da felicidade das crianças, mulheres e homens é grandioso.

No decorrer deste estudo, dialoguei com lideranças, pajés, artesãos e com demais colegas sobre o projeto da pesquisa e a experiência. Nesse caminhar da vida, ao ouvir uma das lideranças reconhecida na atualidade, me fez ainda mais motivado por meu objetivo por ouvir dele que meu trabalho de pesquisa pode salvar esse conhecimento e saber do povo Haliti-Paresi.

Entendo que podemos, sim, construir novas estratégias e inovar os conhecimentos e saberes para revitalizar e fortalecer a nossa vida com as oportunidades das instituições como as universidades, e colocar em prática na Educação Escolar Indígena nossos conhecimentos e experiências. Para mim, como indígena, esse é um dos caminhos para garantir nossas vidas e nossos direitos.

Digo isso porque temos as ferramentas e os conhecimentos científicos do não indígena para facilitar para nossos alunos entender e aprender aquilo que no olhar tradicional é tão complexo. Com o olhar científica e baseado nas experiências dos não indígenas, podemos facilitar a compreensão destes conhecimentos enquanto professor indígena e pesquisador indígena. Afirmo isso a partir da minha experiência e aprendizado nesta pesquisa realizada sobre o saber matemático do meu povo Haliti-Paresi nas confecções dos cestos.

Todo que fiz nesta trajetória de pesquisador indígena, me envolveu culturalmente e cientificamente para ser fortalecido. Culturalmente, fui obrigado a aprender a confecção dos cestos envolvidos nas oficinas realizadas por cosmologia cultural e da natureza para se tornar artesão e ter domínio de conhecimento sobre as cestarias do povo Haliti-Paresi. Pelo envolvimento intenso na pesquisa, tive o aprendizado maior na parte da técnica e o domínio de confecção nos sonhos. Os sábios Haliti me ensinaram muito no meu sonho. Além disso, meus avôs saudosos sempre me aconselharam no sonho para fazer coisas certas e boas para meu povo.

Com isso, além de ser pesquisador, me tornei no caminho da pesquisa o artesão de *abali* (apá) e *atyoa* (peneira). Embora tenha aprendido a confecção de *koehe* (cesto de folha de buriti) na adolescência, tive mais desafios para aprender a confecção dos demais cestos do povo Haliti-Paresi. O aprendizado veio com a ajuda da ciência científica e por provocativas, preocupações e experiências de não indígenas. Com base nisso, desenvolvi as estratégias de inovar os

conhecimentos tradicionais para ser trabalhados e repassados através da Educação Escolar Indígena para a nova geração.

Isso significa nós criarmos mais ferramentas para fortalecer a cultura que tem altos riscos de ser descaracterizada pelo mundo globalizado. Ajudar a repassar as práticas e conhecimentos do nosso povo com as ferramentas aprendidas por não indígenas e colocar a nosso favor essas ferramentas, não só esperar um sábio dar a continuidade de ensinar e transmitir os conhecimentos e ser parceiro dos sábios. Esse olhar que tive como professor indígena e pesquisador indígena a partir da experiência. Os próximos passos são ser multiplicador do conhecimento. Com as ações realizadas no decorrer da pesquisa tivemos impactos positivos nas comunidades no sentido de fortalecer a cultura e as crianças voltaram a ter o conhecimento das tecnologias indígenas, tanto da história, do uso e da confecção.

## REFERÊNCIAS CULTURAIS

**Aluisio Zalonae** – Tem 96 anos, ancião da aldeia Rio Verde da Terra Indígena Paresi do município de Tangará da Serra – MT, 2023.

**Deolinda Ezomaero** – Tem 50 anos, cacique, artesã e moradora da aldeia Cabeceira do Sacre da Terra Indígena Paresi do município de Tangará da Serra – MT, 2023.

**Eusebio Kazazumae** – Tem 90 anos, ancião, artesão e morador da aldeia Figueira da Terra Indígena Figueira do município de Tangará da Serra – MT, 2024.

**Fernando Omoizokae** – Tem 75 anos, cacique, pajé, artesão e morador da aldeia Santa Vitalina da Terra Indígena Formoso do município de Tangará da Serra – MT, 2023.

**Joãozinho Akonoizokae** – Tem 90 anos, pajé, artesão e morador da aldeia Cabeceira do Urubu da Terra indígena Paresi do município de Tangará da Serra – MT, 2023

**Nelson Omozokae** – 94 anos, ancião, artesão e morador da aldeia Queimada da Terra Indígena Formoso do município de Tangará da Serra - MT, 2023.

## REFERÊNCIAS

- ARGÜELLO, C. A. Etnoconhecimento na escola indígena. **Cadernos de educação escolar indígena – 3º Grau Indígena**. Barra de Bugres: Unemat, v. 1, n. 1, 2002 – semestral.
- BARBIO, L. A. Comissão Rondon e a representação da identidade Paresí: um diálogo através de fotografias, **RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v5, n.2, p. 27-43, Jun., 2011 [www.reciis.iciet.fiocruz.br] e-ISSN 1981-6278.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, C. D. de. **Uma Etnografia do Projeto Agrícola da Lavoura Mecanizada dos Haliti (Paresi)**. Palestra. 2024. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Not%C3%ADcias?id=222879>
- COSTA, A. F. **Os Paresi: sistemas econômicos**. Cuiabá: Editora Universitária, 1994. Série Antropologia nº 2. Disponível em: [https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Acosta-1994-paresi/CostaF\\_1994\\_OsParesi\\_SistemasEconomicos.pdf](https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Acosta-1994-paresi/CostaF_1994_OsParesi_SistemasEconomicos.pdf)
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade** – 6. Ed, 2. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.
- FERREIRA, W. A. A.; ZOIA, A.; GRANDO, B. S. Aprendizagens dos saberes indígenas na escola: desafios para formação de professores/as indígenas. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 28, n. 165, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14507/epaa.28.4790>. Acesso em: 12 de dezembro de 2022.
- GERDES, P. **Geometria dos trançados Bora na Amazônia Peruana** – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. – (Coleção contextos da ciência).
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HELENA, M. R. P. **Na fronteira: os atuais dilemas da escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra – MT, num olhar dos Estudos Culturais**. 2002. 133f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- PEREIRA, A. H. O pensamento mítico do Paresi: primeira parte. **Pesquisas: Antropologia**, nº 41, 1986. Disponível em: [https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apereira-1986-pensamento/Pereira\\_1986\\_OPensamentoMiticoDoParesi\\_1Parte.pdf](https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apereira-1986-pensamento/Pereira_1986_OPensamentoMiticoDoParesi_1Parte.pdf)
- IEPÊ OIAPOQUE, São Paulo, 2023.
- NAZOKEMAI, P.; PEREIRA, L. da C. P. Arquitetura indígena hati: a casa Haliti Paresi In **Revista de Comunicação Científica – RCC**. 2021.
- OPAN, **Operação Amazônia Nativa. Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA)**. Haliti Paresi. 2019. Disponível em: [https://amazonianativa.org.br/wp-content/uploads/2021/08/PGTA\\_Haliti-Paresi\\_2019.pdf](https://amazonianativa.org.br/wp-content/uploads/2021/08/PGTA_Haliti-Paresi_2019.pdf). Acesso em: 01 dez. 2022
- PORTOCARRERO, J. A. B. **Tecnologia indígena em Mato Grosso: Habitação**. Editora: Entrelinhas, 2010.

RIBEIRO, B. G. **A arte do trançado dos índios do Brasil:** um estudo taxonômico. Apresentação de Leila Gontijo Soares e José Seixas Lourenço. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SALAS ASTRAIN, R. **Ética cultural:** (re)leituras do pensamento latino-americano [E-book]. Tradução e revisão: Dinéia Tavares do Couto e Jovino Pizzi. – 2ª ed. – São Leopoldo: Oikos, 2021.

LEANDRO NENEZOKAE



**A ARTE E TÉCNICA  
DA CONFECÇÃO DO  
ABALI - CESTO**

BARRA DO BUGRES/MT

# A ARTE E TÉCNICA DA CONFECÇÃO DO ABALI - CESTO

LEANDRO NENEZOKAE

*Produto Pedagógico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGEII da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, sob a orientação do Prof. Dr. Adailton Alves da Silva.*

**BARRA DO BUGRES/MT, MARÇO DE 2025**

## APRESENTAÇÃO

Este Produto Pedagógico é resultado da pesquisa de mestrado intitulada **A ETNOMATEMÁTICA NA CONFEÇÃO DE CESTOS DO POVO HALITI-PARESI** do Programa de Pós-Graduação em contexto Indígena Intercultural – PPGEII da Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT, Campus Universitário Deputado Renè Barbour de Barra do Bugres-MT, Brasil.

O trabalho foi realizado partir de três oficinas pedagógicas envolvendo os alunos(as) do Ensino Fundamental, Ensino Médio e comunidades Haliti-Paresi, na Escola Municipal Indígena Cabeceira do Sacre da Aldeia Cabeceira do Sacre na Terra Indígena Paresi – MT e na Sala Anexa Estivadinho na aldeia Estivadinho da Terra Indígena Estivadinho no município de Tangará da Serra – MT. Para isso foi desenvolvido algumas atividades que apresentamos neste Produto Pedagógico na forma de material paradidático de apoio didático-pedagógico para as escolas do povo Haliti-Paresi.

Esse Produto Pedagógico é sobre A ARTE E TÉCNICA DA CONFEÇÃO DO ABALI - CESTO, resultado das experiências realizadas na pesquisa. Este material é destinado aos caros (as) professores que tenha interesse de trabalhar com o SABER/FAZER do povo Haliti-Paresi com seus alunos no contexto da Educação Escolar Indígena.

Esse material pedagógico pode ser trabalhado no Ensino Fundamental e Ensino Médio explorando a história, a produção e utilidade dos cestos e o saber matemático do povo Haliti-Paresi.

## O POVO HALITI-PARESI

O povo Haliti-Paresi habita no Brasil - Estado de Mato Grosso - nos municípios de Tangará da Serra, Campo Novo dos Parecis, Diamantino, Barra do Bugres, Sapezal, Conquista do Oeste e Nova Lacerda. O território do povo Haliti-Paresi se localiza nos encontros de duas bacias importantes que é amazona e platina.

Os Haliti-Paresi são falantes da língua Haliti Zako pertencente da família linguística Aruak. Atualmente o povo se encontra nas nove terra indígena, nas seguintes terras demarcadas: Estivadinho, Figueira, Formoso, Juininha, Paresi, Utiariti e as que ainda estão em processo de demarcação que é Estação Parecis, Ponte de Pedra e Uirapuru. Os subgrupos do povo são: Enomaniyere, Katxinititi, Waimare e Warere. Atualmente, a população do povo Haliti-Paresi é cerca de 2.800 pessoas, conforme DSEI do Cuiába, 2024.

# **HATI (HALITI TAEKWAHALITSOANE)**

Haliti taekwahalitsoane ako atyo wawenanehare wamokita, enako atyo witahi akahare wawaiyoreta tyotya tahi. Omatinae, wenati, tyotya wawenane kaiyehe atyo hati. Atyo zema wiwini tyaonita.

Figura 01 - A Hati



Fonte: Desenho do próprio autor, 2025.

## **A CASA TRADICIONAL DO POVO HALITI-PARESI**

A casa tradicional é lugar e espaço da nossa vida e aprendizado. Dentro da casa aprendemos sobre todas coisas vinculada a nossa cultura. A casa tradicional é o lugar da sabedoria do povo para todos, nela aprendemos sobre cestos e os demais artefatos e mentefatos. Ela é base da nossa vida.

# OMATI KAOTYAKENE HALITI KONI

Inityohalitinae, waidyatyarenae, tyomarezenae zakainyaho. Haliti makaotyakenehare, tsehali akota mahikwanehareta atyo kozaka Eheroware omati waiyoreta tyomita. Hoka, haliti hikwa tsehali akota matsekwa natxikini atyo haikokenae, hatyokonae kakwa waiyoreha haiyanae. Hatyaotseta, enatyokoha Eheroware omati kakwa aotyaisahene hoka waiyoreha hoka aitinihare tyomaha maheta. Aotyaisahene omati kakwa mazanenehareta enokwazeta. Hoka, hatyoitsaha omati nomaka kakwa waiyoreha maheta waikyohekwa. Zaore hoka, maotyaneheta omati nomaka, maeha enaotse tyaonahitaha hoka. Atyo hiyeta hatyokoha zaore ezoakeheta hoka aotyakehetahena maheta hoka, maeha ezoahitita waikyohekwa. Enota, hazainyakoneta hawaiyekehalakaheta taita. Atyo hiyeta Kamahiye taita waiyore tyaona omati nomaka kakwa. Etatiye haliti tyomareze atyo Kamahiye

## **A ORIGEM DOS CESTOS NO POVO HALITI-PARESI**

Conforme a história narrada por anciões, pajés e artesões, antes da origem do povo Haliti-Paresi o Eheroware já tinha o conhecimento de saber/fazer dos cestos. Com a saída do povo Haliti-Paresi da pedra, foi que tiveram muitos aprendizados com o novo espaço, com seus tios e avôs. Com isso, o avô Eheroware ensinou aos primeiros Haliti-Paresi a técnica de confeccionar os cestos para que eles pudessem aprender a confeccionar os cestos para uso do dia-dia do povo. Ele ensinou os netos halitis esse conhecimento para eles darem a continuidade do seu conhecimento na terra. O Eheroware ensinou os netos antes de retornar para seu mundo. Mas com esse primeira ensinamento realizado por ele, os netos não ouviram direito os conselhos e ensinamentos. Com isso, os netos esqueceram a confecções dos cestos. Tentaram trazer o avô Eheroware para terra para ensinar eles mais uma vez. Ele voltou, mas apenas para explicar e tirar dúvidas dos netos. Porém, ele não pisou na terra, com voo por cima mesmo que explicou. Com isso, apenas Kamahiye teve o domínio de confecção dos cestos ensinando por avô Eheroware. Sendo assim, o primeiro artesão Haliti-Paresi é Kamahiye.

# OMATINAE TYAONITERENAE TAHI

Hiyaotsete nawaiyekehalakatya omatinae tahi Abali atyo haliti nitinihare. Enerore hiye atyo kazomokakita enakwa atyali, ketehe, zomotse, oliti eholokaka, hitxihatyaka zoaha, haiyanae hitiya waiyehena hamoka enakwa.

## ABALI (APÁ)

Figura 02: Abali (Apá)



Fonte: Desenho do próprio autor, 2025.

## A UTILIDADE DOS CESTOS PELO POVO HALITI-PARESI

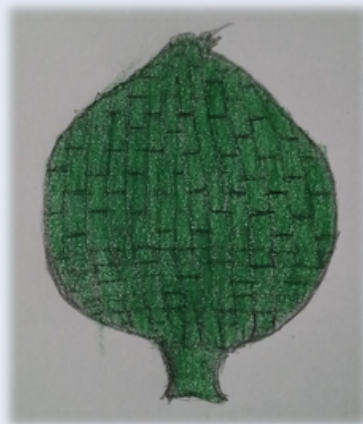
Nesta seção explicarei a utilidade de cada cesto do povo Haliti-Paresi.

O cesto de apă é usada como vasilha e bacia conforme tamanho. Para colocar fruta, massa, biju, carnes cozida e assada, ou seja, de modo geral é utilizado para guardar gêneros alimentícios.

## KOEHE (CESTO DE FOLHA DE BURITI)

Koehe atyo hatya tinihaliti hatxikyako niyahare. Tyotya ferakene niyahare atyo kaomakita, matsakare oloniti zoawaka tyomahitene. Zaore hoka maeha atyo Waha niyahare txini. Abali akere hareta hiya enakwa hamoka waiyehena.

Figura 03: Koehe (Cesto De Folha De Buriti)



Fonte: Desenho do próprio autor, 2025.

O cesto de folha de buriti é um cesto descartável. Ele é usado no dia-dia, mas também é mais usada na festa tradicional. A finalidade do koehe (cesto de folha de buriti) é a mesma coisa do abali (apá). Porém, o cesto é utilizado por poucos dias ou só por momento, conforme a necessidade.

## TOHIDI (PACARÁ)

Tohidi atyo hatya tinihaliti kazaidyere, kahare atyo ezaidya, tyoita atyo ezonatyakahare. Tohidi atyo tinihaliti hikyanaekaidya niyahare. Hinyakaedya hamoka enakwa maheta.

Figura 04: Tohidi (Pacará)



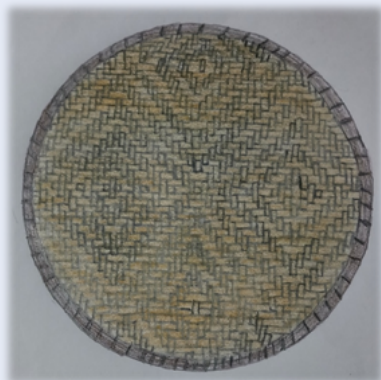
Fonte: Desenho do próprio autor, 2025.

O cesto de pacará é um cesto que tem diversas grafismo que é pintado. O cesto serve como prato ou bacia, conforme seu tamanho. É utilizado para colocar nele alimentação.

## ATYOA (PENEIRA)

Atyoa atyo kakehityakaliti. Ketehe hakakihitya maheta atyo atyoa kaomakita. Keteza hakakatya maheta ehekonita.

Figura 05: Atyoa (Peneira)



Fonte: Desenho do próprio autor, 2025.

O cesto peneira é usado durante a preparação da massa de mandioca para separar o caldo da massa de mandioca.

## MANARE (PENEIRA FUNDA)

Manare atyo kaomakita hazoitsa ketehe, kenaiki, zotxitxi maheta. Kaomakehena zomo, tyolohe, oloniti hoka widihetse ketehe, kenaiki, zotxitxi tyaona maheta. Hatyali motyazatyaka hatikya niyahare hare tyaonita.

Figura 06: Manare (Peneira Funda)



Fonte: Desenho do próprio autor, 2025.

O cesto de peneira funda é para fazer peneiração de massa, polvilho e para separar os caroços maiores durante preparação do biju, farinha e chicha. Para que a massa saia fina e sem caroços. É também usado na preparação da polpa de frutas nativas para fazer o suco.

## KOHO (XIRE)

Koho atyo hamokaharityoa, hakolatya hitxiyehare maheta, haiyanae niyahare maheta hare tyaonita. Haliti hitiya atyo hiyazaita koho kakwa, ketetse hare kolatya maheta, atyali hare enako himixita.

Figura 07: Koho (Xire)



Fonte: Desenho do próprio autor, 2025.

O cesto xire é usado como bolsa, sacola, bacia e também usado para outras funções. O povo Haliti-Paresi usa ele também para pesca, para carregar tubérculos do mandiocas e frutas nativas.

# A MATÉRIA-PRIMA DA CONFEÇÃO DOS CESTOS

Para começarmos a falar sobre o processo de confecção de abali (apá), iniciamos a partir da matéria-prima usada para fazer as tiras para sua confecção e dos demais cestos do povo Haliti-Paresi. A figura 08, vai mostrar a matéria-prima que usamos nas experiências realizadas nas oficinas.

Figura 08: lyola (taquara-lixá).



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

A matéria-prima que usamos nas experiências é encontrado na beira dos rios, nos brejos e várzea da Terra Indígena Haliti-Pareci. As taquaras-lixas são sempre encontradas em grupo, ou seja, moitas. Para tirar o talo de taquara-lixá ideal para fazer tiras é sempre escolhido talos novos. Os talos para retirar é sempre de acordo com tamanho da confecção do cesto. A forma de coleta é bem manejada. Apenas talos ideais são coletados dentro de um grupo de taquara-lixá.

A matéria-prima que usamos é iyola (taquara-lixia) para fazermos as tiras. Porém, para fazer as tiras para confecção de abali (apá) e demais cestos, pode ser usado takwala (bambu do mato) e zolaha (talo de buriti) para fazer as tiras. São essas matérias-primas povo Haliti-Paresi usas para confeccionar abali (apá) e demais cestos, como: Atyoa (Peneira), Tohidi (pacará) e manare (peneira funda).

Porém, nem todo lugar são encontradas as matérias-primas citadas. O caso de Takwala (bambu do mato), por exemplo, é encontrado só na região da Terra indígena Formoso no município de Tangará da Serra – MT. O buriti é encontrado praticamente em todas regiões no povo Haliti-Paresi, uma das matérias-primas mais fácil de acesso. Mas, não é tão resistente igual takwala (bambu do mato) e iyola (taquara-lixia) e a taquara-lixia, que não é encontrada em todos lugares e fica nas certas regiões do povo Haliti-Paresi.

Por exemplo, na Terra Indígena Estivadinho não tem, pois ela fica só fora de terra indígena. O lugar mais próximo para encontrar a iyola (taquara-lixia) mais próxima é Terra Indígena Figueira. Essas são usadas para fazer a matéria-prima para confecção dos cestos do povo Haliti-Paresi. Quando o artesão não encontra as matérias-primas na sua localidade se desloca para outra região que tem matéria-prima para retirar a matéria-prima para sua confecção.

## O PROCESSO DE CONFECÇÃO DO ABALI (APÁ)

A segunda parte, falaremos sobre o processo de confecção de abali (apá), a partir das experiências realizadas nas oficinas no decorrer da pesquisa e da prática. Nesta parte, a explicação é como preparar a matéria-prima, o início da confecção, meio da confecção e finalização da confecção de abali (apá). Darei exemplo da matéria-prima que usamos nas oficinas para fazer tiras. Para as fazer tiras de iyola (taquara-lixá), a escolha do talo vem de acordo com tamanho que você quer. Conforme a explicação do artesão Fernando Omoizokae, para cesto pequeno é dois palmos de mão a medida de comprimento do talo, para cesto médio é três palmos de mão e para cesto grande é quatro palmos de mão. Essas são as medidas usadas pelos artesões para medir comprimento do cesto.

A partir da coleta e escolha do comprimento do talo de iyola (taquara-lixá) o próximo passo é raspar superficial a casca do talo e depois fatiar o talo. Após fatiar o talo tira miolo. Depois desse processo, vem a parte mais complexa. Essa parte exige técnica, cuidado e muita atenção.

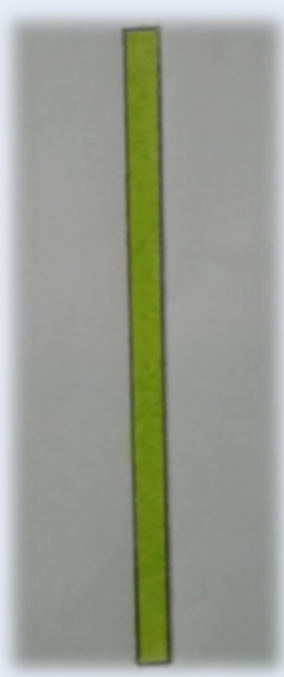
Para fazer esse processo exige o uso das duas mãos e boca. Primeiro passo é fazer pequeno fatia inicial milimetricamente e depois usar a boca para prender uma fatia de tira com os dentes e manusear com as duas mãos para que a tira sai no tamanho certo e uso das mãos é fazer medida de uma fatia certa

para formar uma tira. A figura 09 vai mostrar a fatia inicial e a figura 10 vai mostrar tira pronta para confecção.

Figura 09: Fatia inicial.



Figura10: Tira pronta.

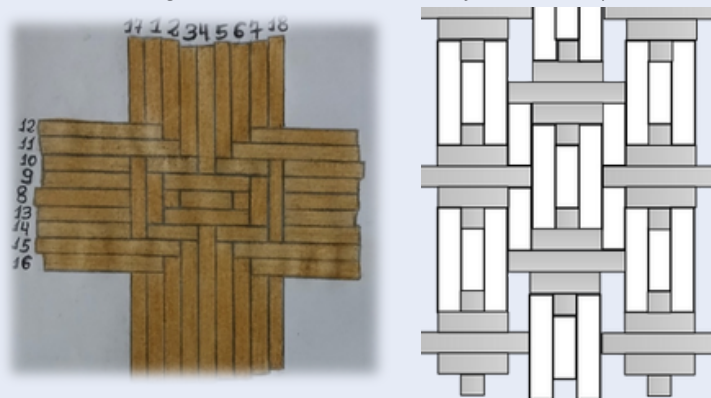


Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

Para confeccionar um cesto de abali (apá) pequeno é necessário fatiar dois ou três talos, para cesto médio são necessários quatro ou cinco talos e para cesto grande são seis ou sete talos de iyola (taquara-lixá). Essa é base que os artesões usam para fazer as tiras para confecção de abali (apá).

Nesta parte, falaremos sobre início de confecção de abali (apá) com as tiras já feitas. Para começar a confecção, vamos falar a partir de Etseha (numeração de base de confecção). Essa parte para maiorias das pessoas é a mais complexa. Para ficar mais fácil vamos explicar a partir das figuras 11 e 12.

Figura 11 e 12: Abali tseha (numeração central de apá)



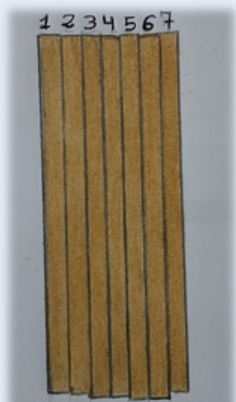
Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

Na figura 11 a numeração nos mostra a sequência da inserção dos tiras na confecção do Abali. Para formar essa base foram necessárias 18 tiras. Porém, se fôssemos inserindo essas tiras respeitado esse processo de sobreposição chegaríamos a uma pavimentação onde teríamos losangos dentados organizados de maneira simétricas, ou seja, essa figura se repetiria em toda a malha. Mas quando se trata do Abali, essa figura se restringe em apenas quatro losangos, conforme pode ser conferido na figura 11, onde podemos verificar a metade de cada um dos quatro losangos.

Para podermos entender melhor a numeração central da confecção, explicarei passo por passo através das figuras. As figuras vão nos orientar o processo de confecção.

Com essa explicação, iniciamos os passos de numeração central da confecção através das figuras.

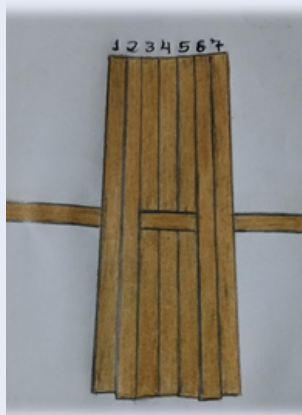
Figura 13: Início da confecção de abali (apá).



Para iniciar a confecção de abali (apá), o primeiro passo é colocar em posição vertical sete tiras.

Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

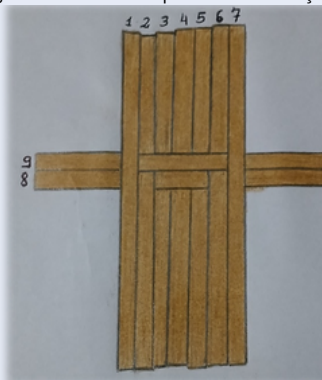
Figura 14: O segundo passo da confecção.



O segundo passo é colocar uma primeira tira (8) na horizontal. Nessa parte começa a numeração da confecção. Para colocar a primeira tira (8) horizontal, começa colocando as três tiras (3, 4 e 5) verticais do meio por baixo da tira (8), e de cada lado coloca duas tiras (1, 2 e 6, 7) verticais por cima.

Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

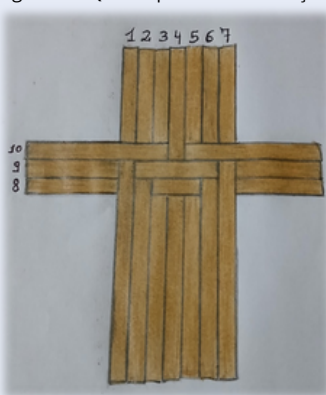
Figura 15: O terceiro passo da confecção.



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

O terceiro passo da confecção é colocar a segunda tira (9) na horizontal. Na segunda tira horizontal são cinco tiras (2, 3, 4, 5 e 6) verticais do meio que ficam por baixo e de cada lado fica uma tira (1 e 7) vertical fica por cima.

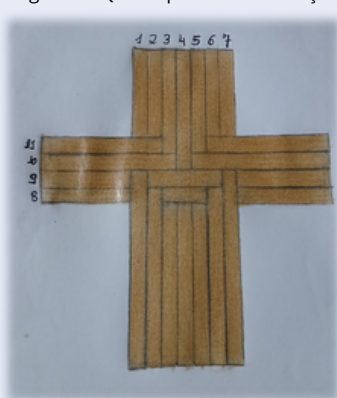
Figura 16: Quarto passo da confecção..



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

O quarto passo da confecção é colocar a terceira tira (10) na horizontal. A terceira tira da horizontal é colocada por baixo da tira (4) e por cima das tiras (1, 2 e 3) de um lado e das tiras (5, 6 e 7) do outro lado.

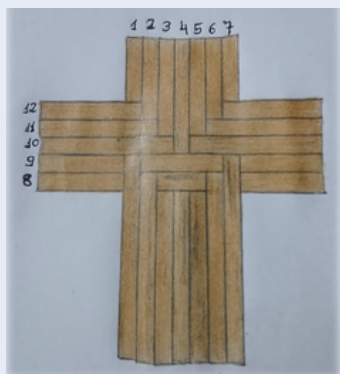
Figura 17: Quinto passo da confecção.



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

O quinto passo da confecção é colocar a quarta tira (11) na horizontal. As três tiras (3, 4 e 5) do meio ficam por cima e as duas tiras de cada lado (1, 2; 6, 7) ficam por baixo.

Figura 18: Sexto passo da confecção..

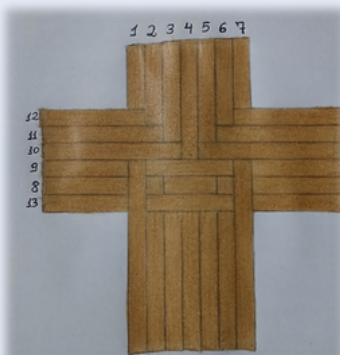


Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

O sexto passo da confecção é colocar a quinta tira (12) na horizontal. Sendo que as cinco tiras (2, 3, 4, 5 e 6) do meio verticais ficam por cima da tira (12) e de cada lado fica uma tira (1 e 7) fica por baixo.

Para ser concluída a base central da confecção de abali (apá), os próximos passos é colocar as tiras abaixo da tira (8) horizontal de maneira a formar a base da confecção.

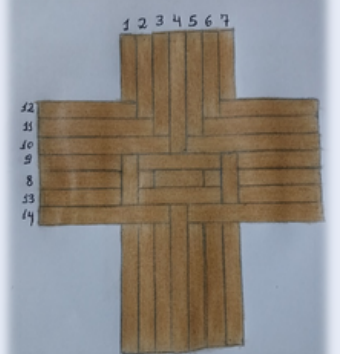
Figura 19 :Sétimo passo da confecção..



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

O sétimo passo é colocar a primeira tira (13) na parte de baixo da tira horizontal (8). Sendo que as cinco tiras (2, 3, 4, 5 e 6) verticais do meio ficam por baixo e as duas tiras (1 e 7) dos lados ficam por cima.

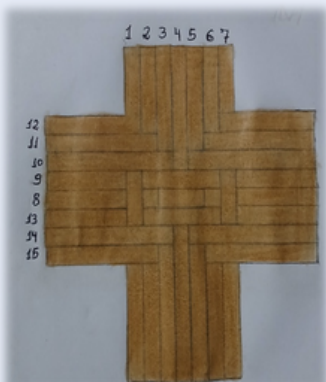
Figura 20:Oitavo passo da confecção..



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

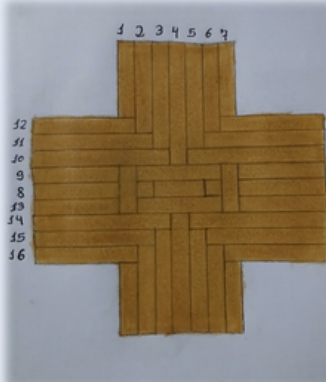
O oitavo passo é colocar segunda tira (14) na parte abaixo da tira (8). A tira (4) do meio fica por cima da tira (8) e de cada lado fica as três tiras (1, 2, 3; 5, 6, 7) fica por baixo da tira (4).

Figura 21 :Nono passo da confecção..



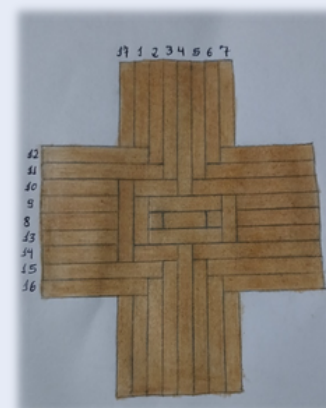
Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

Figura 22 :Décimo passo da confecção..



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

Figura 23 :Décimo primeiro passo da confecção.



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

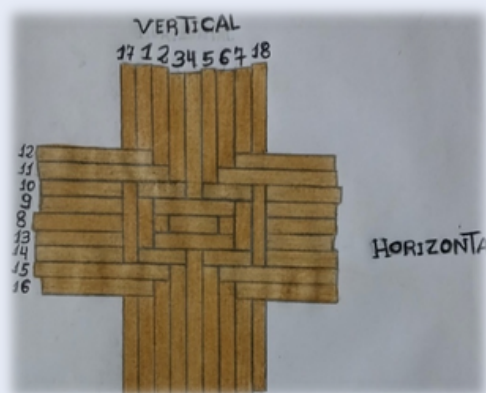
O nono passo é colocar a terceira tira (15) na parte abaixo da tira (8). Sendo que as três tiras (3, 4 e 5) ficam por cima da tira (15) e as duas tiras de cada lado (1, 2; 6, 7) verticais ficam por baixo da tira (15).

O décimo passo é colocar a quarta tira (16) na parte abaixo da tira (8). E as cinco tiras (2, 3, 4, 5 e 6) do meio ficarem por cima da tira (16) e as tiras (1 e 7) ficarem por baixo da tira (16), sendo uma de cada lado.

O décimo primeiro passo é colocar a tira (17) na posição vertical conforme mostra a figura 23. Para isso as cinco tiras (10, 9, 8, 13, 14) do meio e horizontal, ficam por baixo da tira (17) . Já as quatro tiras (11, 12; 15, 16), duas de cada lado, ficam por cima da tira (17).

O decimo segundo passo é colocar a última tira (18) para formar a base central da confecção. A tira (18), conforme a figura 24, é colocada na forma vertical. Sendo que as cinco tiras (10, 9, 8, 13, 14) do meio e horizontal ficam por baixo das tiras (11, 12; 15, 16), duas de cada lado.

Figura 24:Décimo Segundo passo da confecção.



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

Conforme a explicação do processo de confecção essa é base central do cesto de abali (apá). Após essa base se confeccionada aí é só dar sequência na confecção, inserindo tiras até chegar ao tamanho desejado. Essa base que expliquei é para qualquer tamanho de abali (apá).

Na sequência da confecção continuarei explicando no tamanho pequeno de abali (apá), a partir da figura 25. Mas para não errar a sequência, o indicado é que insira três tiras de cada lado do cesto de maneira que todos os quatro lados vão sendo expandidos.

Primeiramente são colocadas três tiras em sequências na parte de cima. O primeiro tira é colocado na forma horizontal entre nove tiras. Sendo que a tira do meio fica por baixo, as três tiras dos lados ficam por cima e as duas dos extremos fica por cima, uma de cada lado.

Figura 25: A sequência de confecção de abali (apá).



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

A segunda tira, passa por cima das três tiras verticais do meio e por baixo das três tiras de cada lado. Já a terceira tira passa por cima de cinco tiras de vertical do meio e e por baixo das duas tiras que de cada lado. Na sequência da confecção, as três tiras são colocadas na parte do baixo na forma de horizontal. A forma de colocar as tiras é mesma usada para colocar as tiras da parte de cima. Para ter sucesso é só seguir corretamente igual parte de cima.

A partir da observação da figura 26, podemos colocar as três tiras na posição vertical no lado esquerdo do cesto. A primeira tira é colocada por baixo de uma tira horizontal que fica no meio, e na sequência ela passa por cima das três tiras dos lados. Novamente essa tira passa por baixo das próximas três tiras horizontais de que fica de cada lado.

Figura 26: A segunda parte da sequência de confecção de abali (apá).



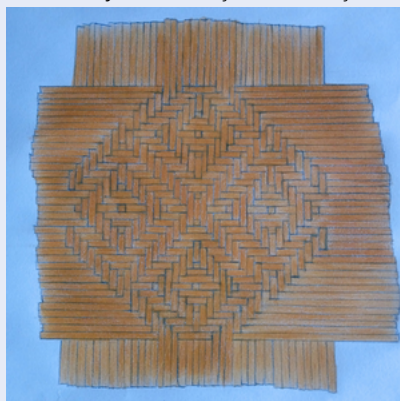
Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

A segunda tira passa por baixo das três tiras horizontais do meio. Na sequência ela passa por cima de três tiras nos dois lados. A terceira tira passa por baixo de cinco tiras horizontais do meio, depois ela passa por cima de três tiras, e por último ela passa por baixo das duas tiras de cada lado. A forma de colocar as três na posição vertical no lado direito é a mesma do lado esquerdo. Só seguir a sequência conforme a explicação.

# ABALI NOMAKA EMEHOTYAKA

Iyaotsete nawaiyekehalakatyā abali nomaka, emehotyaka zoaha eye omati notyomehenere zema. Abali nakwa hitsoma maheta atyo etananenae hanamere, emeketse zalakwa maniya atyo hatitita, hanama, halakwa kahiti zoaha. Hamehotene maheta atyo halakwa kahiti, hanama, hatita zoaha. Alaore jiyaya eye omati hiye hoka waiyekehalaka zomana.

Figura 27: Emehotyaka (finalização de confecção com tiras)



Fonte: Desenho do próprio autor, 2024.

## SEQUÊNCIA DE TIRAS E FINALIZAÇÃO

Nesta parte explicarei a sequência e a finalização da confecção do apá a partir da figura 27. Para não errar na sequência da confecção de apá é importante perceber que as tiras que sobrepõe segue sempre um padrão, ou seja, seque a sequência um, três e tiras de tiras que ficam por cima ou por baixo, que curiosamente são sempre números ímpares.

Para finalização os números centrais vêm em ordem decrescente, ou seja, cinco, três e um tiras por baixo ou por cima. Observe a figura 27 e entenda a confecção a partir dessas sequências dos números.

Para o acabamento e finalização do cesto, as matérias-primas complementares são: manihokore (negramina), ididihi (urubamba), fio de tucum e cera de mel. Manihokore (negramina) é usado para fazer a argola de sustentação da boca do cesto, ou seja, transforma a negramina na forma de uma circunferência. Já ididihi (urubamba) é utilizado para costura do cesto. O fio de tucum é para amarrar argola feita de manihokore (negramina) e por último é a cera de mel de abelha que é usado para amaciar o fio de tucum e ididihi (urubamba).

Manihokore (negramina) é encontrado nos brejos. Essa matéria-prima é encontrada em todas as regiões do povo Haliti-Paresi. Mesma coisa é ididihi (urubamba), ela é encontrada com facilidade em todas as regiões do território do povo Haliti-Paresi, a matéria-prima se encontra nos brejos. O tucum é mais encontrado nos cerrados de arbustos altos. Essa matéria-prima não tem em todas as regiões do povo Haliti-Paresi.

## **ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES AOS PROFESSORES**

Caros (as) professores (as), primeiramente queremos por ter chegado até aqui, pois a seguir faremos algumas sugestões e orientações para que você possa dar continuidade nesse trabalho. Esse trabalho/investigação pode ser desenvolvido em qualquer turma, pois é uma temática que os alunos gosta muito. Mas a orientação especial vai para quem trabalha com ensino fundamental dos anos finais e ensino médio. Caso não seja possível ter acesso a matéria-prima que utilizamos, essa prática pode ser realizada com E.V.A ou cartão papel!

### **OS TRANÇADOS NAS DEMAIS CESTOS DO POVO HALITI-PARESI**

A seguir mostraremos algumas imagens de cestos trançados confeccionados pelo povo Haliti-Paresi. As sugestões que trazemos aqui são possibilidades de você, professor ou professora, proporcionar um ensino de matemática, ciências, biológicas ou outra disciplina qualquer a partir dos artefatos do povo, proporcionando assim um ensino contextualizado e cheio de significados culturais para as crianças.

Fotografia 1: Tohidi (pacará)



Fonte: Foto do próprio autor, 2024.

Fotografia 2: Atyoa (peneira)



Fonte: Foto do próprio autor, 2024.

Fotografia 3: manare (peneira funda)



Fonte: Foto do próprio autor, 2024.

Fotografia 4: koho (xire)



Fonte: Foto do próprio autor, 2024.

## **OS TRANÇADOS NAS ALGUMAS CONFECCÕES DE TECELAGENS DO POVO HALITI-PARESI**

Vamos analisar e observar as fotografias abaixo para entender os trançados nas confecções de tecelagem feita por povo Haliti-Paresi. Nesta última parte da sugestão é dar mais possibilidades para vocês caros colegas professores (as) para trabalhar com os alunos sobre a fazer/saber do povo Haliti-Paresi para oportunizar as crianças a conhecer e aprender sobre tecnologia do povo Haliti-Paresi.

Fotografia 5: Maka (rede de tucum)



Fonte: Foto do próprio autor, 2024.

Fotografia 6: Konokwa (corda de caça)



Fonte: Foto do próprio autor, 2024.

Fotografia 7: Tyaolihiti (ornamento masculino)



Fonte: Foto do próprio autor, 2024.

Fotografia 8: Zaihetse (ornamento masculino)



Fonte: Foto do próprio autor, 2024.

## REFERÊNCIAS

ARGÜELLO, Carlos A. CADERNOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA – 3º GRAU INDÍGENA. Barra de Bugres: Unemat, v. 1, n. 1, 2002 – semestral.

BRASIL. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

D`AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade – 6. Ed, 2. Reimp – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

GERDES, Paulus. Geometria dos trançados Bora na Amazônia Peruana – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. – (Coleção contextos da ciência).